Lendas

e Contos Populares do Paraná

Governador do Estado do Paraná

Roberto Requião de Mello e Silva

Secretária de Estado da Cultura

Vera Maria Haj Mussi Augusto

Diretor Geral

Wilson Merlo Pósnik

FICHA CATALOGRÁFICA

Lendas e Contos Populares do Paraná/ coordenador Renato Augusto Carneiro Jr. ; equipe de pesquisa Cíntia Maria Sant'Ana Braga Carneiro , José Luiz de Carvalho , Juliana Calopreso Braga , Myriam Sbravati. - Curitiba : Secretaria de Estado da Cultura , 2005.

244p. : 12 il. ; 24cm. - (Cadernos Paraná da Gente ; 3)

1. Lendas - Paraná. 2. Folclore - Paraná. I.Carneiro Jr., Renato Augusto. II. Carneiro, Cíntia Maria Sant'Ana Braga. III. Carvalho, José Luiz de. IV. Sbravati, Myriam. V. Série

CDD (21ª ed.)
B869.3

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável: Mara Rejane Vicente Teixeira

Governo do Estado do Paraná
Secretaria de Estado da Cultura

Lendas
e Contos Populares do Paraná

Cadernos Paraná da Gente nº 3

Curitiba 2005

Coordenador do Projeto Paraná da Gente
Renato Augusto Carneiro Jr.

Equipe de Pesquisa do Projeto Paraná da Gente
Cíntia Maria Sant'Ana Braga Carneiro
José Luiz de Carvalho texto introdutório
Juliana Calopreso Braga
Myriam Sbravati

Revisão
Wilson Pereira Júnior

Coordenadora de Desenho Gráfico
Teresa Cristina Montecelli

Projeto Gráfico capa, miolo e ilustrações
Rita Soliéri Brandt
Patrícia Marins Carvalho

Produção Digital
Ricardo Martins

Agradecimentos

Aos prefeitos, secretários e dirigentes municipais de cultura e aos agentes culturais dos municípios, em especial àqueles que forneceram informações para o inventário cultural.

Conhecer a Cultura
é conhecer a si mesmo

A cultura paranaense começa a ser conhecida e respeitada em todas as suas manifestações por meio dos Cadernos Paraná da Gente.

O primeiro volume foi sobre a nossa rica gastronomia. Tão saborosa e tão pouco divulgada. No segundo volume, tivemos um mapeamento de todas as festas populares do nosso Paraná. Agora chegou a vez das Lendas e Contos Populares, com histórias assombrosas que passam de boca em boca por séculos e com esses registros eliminamos o risco do esquecimento.

É importante lembrar que estes Cadernos trazem a riqueza da tradição oral paranaense. Cada página é o resultado de testemunhos populares, de pessoas anônimas ou não, que reproduzem fielmente aquilo que lhes foi contado.

Gastronomia, festas e lendas. Temas tão distintos mas que possuem entre si um forte elemento de ligação: **fazem parte da história e da cultura paranaense**.

Roberto Requião Governador do Paraná

Sumário

Benzimentos, Curas e Milagres

Cemitérios e Caixões

Heróis, Bandidos, Escravos e Aventuras

Lendas Indígenas

Lobisomens, Demônios, Monstros e Outros Seres Fantásticos

Lugares e Coisas Encantadas

Tesouros Escondidos

Origem e nomes de localidades e cidades

O Extraordinário Paraná

O mundo hoje é um prato cheio para a criação de lendas e contos.

Furacões, maremotos, epidemias... são fatos do cotidiano moderno que poderiam facilmente ser o resultado de antigas histórias que nascem do imaginário popular – como cobras gigantes que se mexem por baixo da terra ou pragas de religiosos que sofreram maus tratos por ricos e poderosos.

Exemplos como esses são recorrentes no terceiro volume do Caderno Paraná da Gente – "Lendas e Contos Populares do Paraná". Nesse projeto, realizado pela Secretaria de Estado da Cultura, foram pesquisadas histórias da tradição oral paranaense que, ao tentar explicar o inexplicável, estabelecem um diálogo entre o passado e presente.

O resultado é um inventário de histórias extraordinárias ocorridas nos quatro cantos do Estado envolvendo religião, assombrações, milagres, cemitério e tesouros escondidos, entre outros temas que surgem espontaneamente por intermédio da fé, do medo, da culpa, do poder e, na maior parte das vezes, de uma imaginação muito fértil.

O Paraná é um dos Estados brasileiros que mais recebeu elementos para o cultivo de lendas e contos fantásticos. Sua formação cultural foi forjada por povos de diversas origens: índios, tropeiros, escravos, soldados, religiosos, imigrantes... um pouco de tudo. Cada um trazendo na sua bagagem uma crença e uma boa história para contar. E, como diz o provérbio, quem conta um conto... aumenta um ponto.

Assim, temas como perseguição indígena, tesouro dos jesuítas, castigo escravo, noivas fantasmas e padres milagrosos são algumas das matérias-primas para as histórias que fazem parte deste Caderno – terceiro volume de um projeto que tem por objetivo revelar a riqueza cultural do Paraná e que nos dois primeiros números apresentou, respectivamente, nossa gastronomia e um roteiro das festas populares.

A presente seleção reuniu mais de duzentas lendas e contos populares de 97 municípios paranaenses. São histórias curtas e gostosas de ler. Muitas delas são arrepiantes, ideais para serem saboreadas em noites de chuva com muita trovoada. Outras despertam no leitor a dúvida: será verdade? Mas, no conjunto, as lendas e contos trazem um pedacinho do povo paranaense que, numa visão mais ampla, carrega dentro de si um pouco do sentimento do mundo.

Vera Maria Haj Mussi Augusto
Secretária de Estado da Cultura

Introdução

... as flores que nunca morrem,
são essas que em ti se movem.

Árvore do Mundo Carlos Nejar

Quem vai podar o homem dos sonhos, das suas ilusões, da imaginação fértil e livre que constrói os básicos sentidos para o mundo e a vida. Isso, até hoje, não pode, e não deve ser contido. Os símbolos e a linguagem (outro símbolo) planam soltos. Vêm, de onde ninguém sabe. E são eles que identificam uma sociedade, um povo, dando-lhe uma identidade singular, onde quer que ele esteja.

Os mitos e as lendas são fenômenos da psique, dos dados individuais e coletivos, da trajetória épica, trágica ou cômica, dos seres humanos. Através dos mitos e das lendas pode-se penetrar nos meandros psicológicos dos homens, investigar seus desejos e suas leituras da terra e de si mesmos; o que é, num certo sentido, conhecer a própria história. Só que em uma visão mais ampla do que a análise fatual. É uma tarefa árdua tentar divisar nas mitologias seus possíveis adventos fatuais. Mitos de criação do mundo, com seus heróis épicos em luta com a natureza e os deuses, são comuns nas sociedades antigas.

Essas histórias estão recheadas de eventos naturais catastróficos e monstros transumanos, contra os quais os heróis e heroínas se põem em luta bravia, para redimir a sociedade, de uma falta, uma culpa, ou um desvio impensado das conveniências divinas. Muitos desses eventos parecem ter sido ocorrências físicas, ou geológicas, reais. Mas, como o homem podia explicar o inexplicável? Os rituais de nascimento, morte e de passagens, as viagens fantásticas,

são procedimentos necessários de expiação, busca da paz, da superação, da transposição para uma nova posição individual e social; são caminhos para o apaziguamento da alma. E, assim, os mitos e as lendas se fizeram e se fazem.

Como para a poesia está o poema. Ou seja, a antiga discussão entre forma e conteúdo. Sendo o poema a forma, as vestes da poesia, que se vela muito mais além e guarda os sentidos mais próprios. Muitas vezes está a lenda para o mito. O mito é fundante, mais profundo, uma matriz originária; as lendas e contos populares contam os mitos, de diversas maneiras, sendo que esses relatos vão se metamorfoseando, conforme o tempo passa, a natureza e a sociedade mudam.

O tempo e a imaginação popular se encarregam de rebuscá-los, continuamente. Como uma pintura que jamais é finalizada, interminável; pois, a cada dia o artista, ou os artistas, lhe altera as cores, os tons, as formas. E assim infinitamente.

As lendas e os contos populares, porém, estão libertos. Não estão presos ao destino de serem cantores dos mitos. Soltos, criam suas próprias histórias. Sua base fundamental é a oralidade. A fala do povo. É na conversa do povo, nos sotaques, feitos e jeitos, na produção artística e no trabalho, nos acontecimentos que "ninguém" viu, mas ouviu dizer, que os contos florescem. Férteis, sólidas crenças e crendices, pois bem arraigados na liberta imaginação.

s

S

João Maria, o Monge da Lapa[1]

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Entre fins do século XIX e a primeira década do XX, o campo brasileiro viu-se sacudido por alguns movimentos populares. De norte a sul surgiram manifestações de cunho religioso, como se o país despertasse de uma enorme letargia. Conselheiros no nordeste brasileiro (como Antônio Conselheiro, de Canudos, na Bahia) e monges nos sertões meridionais, vários personagens cruzavam os campos de lado a lado, medicando e aconselhando os caboclos, granjeando fama de milagrosos e poderosos. No interior do Paraná, uma figura que aparecia envolta em mistério, antes e durante os conflitos pela posse da terra na região sul do estado, na divisa contestada por Santa Catarina, foi um andarilho conhecido como o Monge da Lapa. Na verdade, foram três os monges que freqüentaram a região, em momentos críticos da história de nosso país.

O primeiro surgiu em meados do século XIX, na década de 40, pouco depois das revoltas liberais que sacudiram o Brasil e pouco antes do término da Guerra dos Farrapos. O segundo marcou sua presença nos anos próximos à abolição da escravidão e do advento da República; em meio à Revolução Federalista temos o seu primeiro registro concreto. Finalmente, José Maria, o terceiro monge, surgiu em 1912, quando a Primeira República incentivava largamente a imigração e a construção de estradas de ferro, com contratos altamente vantajosos para as construtoras.

Entre os dois primeiros existia uma forte semelhança no proceder, a ponto de serem considerados uma só pessoa. "Num dos retratos que corre como sendo do 'santo', estampa-se a legenda: 'João Maria de Jesus, profeta com 188 anos' - como que a afirmar que os dois foram um só".[2]

As explicações de ambos terem utilizado o mesmo nome aparecem na obra de Oswaldo Cabral, quando o autor aponta as razões de tal procedimento. "O povo chamava todos os monges de João Maria. Não sendo João Maria não seria monge".[3]

1.Parte deste texto foi publicado como integrante da monografia para conclusão do curso de especialização Metodologia do Ensino Superior. CARNEIRO JR., Renato Carneiro. O Monge da Lapa: um estudo da religiosidade popular no Paraná. Curitiba: Faculdades Positivo, 1996.
2.CABRAL, Oswaldo R. João Maria. Interpretação da Campanha do Contestado. São Paulo: Comp. Editora Nacional, 1960.
3. Idem.

Ao assumir o nome de seu predecessor, João Maria de Jesus não forçava, ao ver de Cabral, uma impostura, mas assumia para si a memória de santidade do primeiro monge. Místico também, ele encontrava assim uma melhor forma de penetração junto às populações interioranas. A mudança do nome marca o início de uma transformação na vida.

Apesar de utilizar os dois primeiros nomes de João Maria de Agostini, nunca tomou o último nome deste, do mesmo modo que nunca afirmou ser o mesmo que percorreu os sertões em meados do século XIX. Afinal, o santo dos sertanejos não era de Agostini ou de Jesus, "... há apenas um João Maria, e não só o João Maria do Contestado, mas o querido João Maria da devoção popular".[4]

Várias são as lendas que permanecem na memória de moradores do interior paranaense e que acabaram por conquistar as cidades, localizando-se em diversas camadas da população, trazidas pelo êxodo rural. Muitas das localidades de Santa Catarina, apontadas a seguir, pertenciam ao território do Paraná e foram repassadas ao estado vizinho após acordo que ratificou a divisão da região contestada, à época do presidente Wenceslau Braz, em 1916.

São lendas que dizem respeito à origem dos monges, lendas sobre profecias, punições, milagres e prodígios e finalmente lendas relativas ao fim dos monges. Estas lendas confundem os monges que as praticaram ou sofreram, sendo atribuídas ao monge simplesmente. Este caráter dúbio é parte da própria estrutura das lendas.

Sobre a origem do monge, do porquê de sua peregrinação pelo sertão, a mais rica lenda que encontramos é a de que sendo cristão, abandonou a religião para se casar com uma moura e combateu o exército expedicionário francês. Sendo feito prisioneiro, após a morte de sua esposa, conseguiu fugir e no Egito teve a visão do apóstolo Paulo, que o mandou peregrinar 14 anos (ou 40 em outra versão) pelo mundo, reconvertendo-se assim ao cristianismo. Sua cidade de origem seria, neste caso, Belém, na Galiléia.

Outras lendas davam conta de ser o monge um criminoso, não se dizendo o crime,

4. Idem.

ou que tivesse seduzido uma religiosa, que teria falecido na viagem para a América. Sua penitência seria vagar solitário pelos sertões. Existe também aquela que dizia ser o monge um apátrida, nascido no mar, de pais franceses, tendo sido criado no Uruguai.

As lendas sobre profecias são também bastante extensas, a começar de seu próprio desaparecimento, quando terminasse sua missão, no morro do Taió, hoje território de Santa Catarina. Previu o aparecimento de uma cidade no local em que estava, o que efetivamente se deu após a definição do litígio sobre a fronteira; seu nome, segundo o monge, seria Santa Cruz, e a cidade chamou-se Cruzeiro e hoje é o município de Joaçaba, SC.

Teria previsto o advento da República alguns anos antes. Previu também os trens e os aviões, no estilo dos antigos profetas. "Linhas de burros pretos, de ferro, carregarão o pessoal". Depois deles, as guerras com as derrotas sucessivas dos sertanejos e "gafanhotos de asas de ferro, e estes seriam os mais perigosos porque deitariam as cidades por terra".

Chegando a uma casa onde uma mãe acabara de dar à luz, reclamou o batismo da criança recém-nascida e somente depois lhe foi contado que a parturiente havia feito promessa de dar o nome de João Maria e convidar o monge para padrinho, se fosse feliz na hora do nascimento.

O primeiro monge teria previsto que outros o seguiriam, enquanto o segundo teria indicado a guerra que se avizinhava (a guerra do Contestado), onde os seus seriam dizimados.

As lendas de caráter punitivo são muitas, que contrastam com a imagem bondosa do monge. De modo geral, são castigos para aqueles que, desdenhando de sua santidade, não respeitaram regras estabelecidas por ele.

Existem as histórias relativas ao queijo. Conta-se que pedindo um pedaço de queijo em uma fazenda, este lhe foi negado, tendo então repetido a profecia feita para Canoinhas, anunciando o fim da prosperidade da fazenda.

Conta-se que uma senhora querendo dar ao monge um queijo, tendo falado a este respeito com seu marido, ordenou-lhe este que lhe fosse dado um outro menor (outra

versão diz menor e podre). Segundo uma narrativa teria o monge aceitado apenas um pequeno pedaço do queijo, jogado fora mais da metade, por adivinhar a má vontade do dono. Outros comentam que sendo podre o queijo, João Maria o levou e escondeu sob uma pedra, ou o esmigalhou no pasto, ainda dentro da propriedade do tal fazendeiro. Em todos os casos, a prosperidade da fazenda desandou, chegando, em uma das versões, toda a família à loucura, ou morrendo o fazendeiro na mais miserável pobreza.

Às regiões de pouca fé do povo, predisse pragas, dizendo que aqueles que quisessem salvar suas roças deveriam plantar aquilo que desse sob a terra (tubérculos) - o que realmente aconteceu em Taquara Verde, município de Porto União, SC. Predisse que a localidade de Vila Nova do Timbó, por seu povo ateu, se transformaria num porungal, ou seja, suas terras perderiam a fertilidade. O lugarejo teria realmente regredido.

Ao ser preso na Lapa, predisse castigos dos céus e um violento temporal sobre a cidade. Em duas cidades diferentes, Hamburgo Velho (RS) e outra do Paraná, ao ser apedrejado por crianças que o tomavam por mendigo, perdoou às crianças, mas disse, serenamente, que as cidades seriam apedrejadas como ele. Em ambos os casos, dias depois, uma chuva de granizo arrasou as plantações, castigando a cidade. Tal evento teria também acontecido na Lapa.

Com relação às fontes, contam-se duas lendas de caráter punitivo. Uma seria uma água abençoada por ele, com a previsão de que não se entrasse na fonte para se banhar. Duas prostitutas, tendo ignorado o aviso, banharam-se para curar algumas feridas, o que provocou o ressecamento imediato da fonte.

Nas proximidades da Lapa, uma família tendo comprado uma propriedade, que tinha em suas terras uma fonte benzida, e não crendo no poder da água santa, cercou a área, proibindo a entrada de intrusos. Ao mesmo tempo, ateou fogo ao cruzeiro e ao pinheiro que havia no pouso. Como resultado, perdeu todas as suas posses e ficou louca.

As lendas sobre milagres e prodígios fazem parte do maior grupo conhecido. Existia a crença de que em meio às tempestades, o monge permanecia sentado ao relento, mas que não se molhava, bem como nos lugares de determinadas cruzes.

Conta-se também que podia estar em dois lugares diferentes, orando em sua gruta e ao lado de uma doente que invocava por ele. Conta-se que podia ficar invisível aos seus perseguidores, atravessar a pé sobre as águas dos rios, e que suas cruzes cresciam – não só o corpo, como também os braços – ou brotavam 40 dias após o monge tê-las levantado.

Bastões, com a "medida do monge", fincados em cada extremo de uma fazenda protegiam o gado contra doenças. As velas, feitas na medida do palmo do monge, afugentavam os maus espíritos e acalmavam as tempestades.

Conta-se que o monge era imune aos índios e às feras, não sendo jamais atacado por elas. Diz-se também que fazia surgir olhos d'água nos lugares onde pousava. Da mesma maneira, podia se fazer transportar no ar ou desaparecer quando a multidão que o cercava crescia em demasia.

As curas são constantes em suas lendas. Teria curado adultos e crianças já à morte com infusões de uma planta chamada vassourinha e rezas. Em Mangueirinha e na Lapa, se contam casos de curas milagrosas de dores de dentes.

As lendas referentes a galinhas são bastante difundidas. Conta-se que uma senhora ofereceu uma galinha ao monge, que não aceitou o presente por ele ter sido dado antes ao diabo. A mulher teria se referido à ave como "galinha do diabo" ao ter esta sujado seu vestido no caminho para a pousada de João Maria, ou praguejado dizendo "que o diabo a carregue", por não ter conseguido pegar no terreiro, só o fazendo horas depois. É interessante notar, como o faz Oswaldo Cabral, que essa lenda já teria se referido anteriormente a outras pessoas.

Igualmente se conta a lenda da batata. João Maria teria sido convidado a comer batata-doce com leite com uma família, a qual havia incumbido uma escrava de colhê-las. A escrava teria dito que a maior seria dela e não do velho mendigo. Na hora do jantar, todas as batatas da mesa, o monge se recusou a comer a melhor das batatas-doces, por já possuir dono.

Pernoitando na dita fazenda, pediu ao amanhecer um cavalo ou burrico, para atender ao chamado de um doente distante. Pedindo um animal manso, foi lhe dado

um manco, o qual na volta da jornada não portava nenhuma deficiência no andar. João Maria teria debelado, ainda, uma epidemia de varíola em Rio Negro, afastando a peste com rezas e com 14 cruzes plantadas como Via Sacra na cidade. Ainda hoje existe uma das cruzes na cidade: chama-se cruz de Mafra.

As lendas relativas ao desaparecimento ou morte do monge dão conta que ele teria dito que ao final de sua peregrinação iria para o morro do Taió, região que se sabia habitada por índios hostis, os botocudos. Após a sua morte, seu espírito teria aconselhado um viajante de Guarapuava que foi à sua procura no morro.

Outra tradição diz que morreu de velhice em Araraquara (SP), ou que foi encontrado agonizante próximo aos trilhos da estrada de ferro perto de Ponta Grossa. A crença mais difundida é, no entanto, que não teria morrido. Após jejuar por 48 horas no Taió, o monge teria sido levado por dois anjos para o céu. Em outra hipótese, seu corpo teria se envolvido em luz tão forte que o fez desaparecer, deixando uma marca vermelha no chão, que os incrédulos confundiam com sangue.

Criações do povo, estas lendas formam um conjunto de crenças que demonstram o caráter mágico de sua apreensão da realidade, indubitavelmente belas como demonstração de mentes criadoras. Vejamos algumas que permanecem na tradição de alguns outros municípios paranaenses.

São João Maria ANTONIO OLINTO

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

São João Maria era um santo andarilho. São João Maria andou por muitas cidades do nosso Estado; até em Antonio Olinto ele passou e deixou sua marca para sempre, que são as cruzes. Dizem que essas cruzes e uns pocinhos feitos em pedras existem em várias comunidades.

No Butiá existem esses pocinhos e muitas pessoas, até os dias de hoje, vão até lá para rezar, tomar água, passar nas dores. Alguns batizam seus filhos, com muita fé em São João Maria.

Fonte: SCHWARTZ, Maria Knapik. Causos, Fatos e Lendas, Antonio Olinto, Colégio Est. Duque de Caxias, 2002. (relatado por Maria Infância Nogueira para a filha, Maria da Glória dos Santos Martins, para o filho João Maria Martins, escrito por Paula Michele Martins).

Lenda de São João Maria CAMPO DO TENENTE

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Nos primeiros anos do século XX, em data incerta, constitui-se parte das lendas locais um monge chamado São João Maria, que peregrinava pelo sertão afora propagando palavras divinas.

Conta-se que em um momento de descanso o monge saciava a sua sede num riozinho que corta a nossa cidade. Confundia-se com um verdadeiro andarilho, pois andava mal-trajado, barbas longas e cabelos descuidados. A molecada, num gesto de provocação e malcriação atirou-lhe pedras; o que deixou o monge extremamente irritado.

Por isso, ele rogou uma praga: "esta cidade se desenvolverá somente de um lado do rio e o outro estará fadado a um futuro sem prosperidade". Misteriosamente a profecia vem se realizando, pois a cidade de Campo do Tenente está crescendo somente para o lado abençoado e apontado pelo monge.

Fonte: ficha preenchida por Iracema Wilczck.

A lenda do profeta CAMPO MOURÃO

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

A história que vou lhes contar aconteceu há muito tempo atrás. Guarapuava ainda era um lugarejo, cercado por fazendas em toda a extensão geográfica que vai do rio Piquiri ao Ivaí e Corumbataí.

Conta-se que por volta de 1850 o tráfico de escravos negros, embora proibido, era praticado vergonhosamente. Com a emancipação política do Paraná, em 1853, iniciou-se a marcha para o progresso do Estado. Entre os anos de 1856 a 1858, o toldo dos índios Kaingang, no vale do Piquiri, foi cruelmente atacado e destruído. A partir dessa data, tropeiros paranaenses começaram as suas passagens pelos campos de Guarapuava e, bem mais tarde, pelo picadão que unia Guarapuava ao Mato Grosso do Sul, sendo Campo Mourão o local de repouso para os peões e as tropas.

Contam os moradores da região de Guarapuava, Pitanga e Campo Mourão, que naquela época prevalecia a lei do mais forte; havia muitas chacinas e emboscadas, pois a ganância era muito grande. Pela região sempre aparecia um senhor idoso, longas barbas brancas, sandálias de couro nos pés, um lenço na cabeça, roupas maltrapilhas, um autêntico andarilho. Homem de poucas palavras, porém de sábias ações, era apenas conhecido como João Maria de Agostinho, "o profeta". Chamavam-no de São João Maria, o santo profeta que curava pestes, doenças e até domesticava animais ferozes e cobras venenosas.

O incrível é que ele sempre aparecia na hora e no lugar onde estavam precisando. Nada se sabia dele. Só que realizava milagres. Dizem que passou por um olho d'água do Jordão, em Guarapuava, e que até hoje aquela água tem poder de cura para os que têm fé.

Todo mundo queria encontrar e falar com o tal profeta. A fonte virou um verdadeiro local de romeiros que ficavam de molho nas águas e no próprio barro e afirmavam que eram curados. Por onde o monge passava, falava de Jesus e plantava uma cruz. En-

sinava sobre o amor, a fé e a caridade para com o próximo. Também ensinava a utilizar ervas caseiras e dizia que até a água pura curava, se a pessoa tivesse fé em Deus, não nele. Sempre ressaltava isso.

Também passou por Campo Mourão e dizem que aqui havia muitas cobras venenosas. Quando aparecia alguma cobra na propriedade era só pensar no profeta e ele aparecia. Ele ia até o local e conversava com a cobra, ordenando que ela e toda a sua prole sumissem dali. Em seguida a essa ordem, fazia uma oração e nunca mais aparecia cobras naquele local.

Em uma ocasião apareceu uma velha beata que começou a tirar vantagens em nome do profeta. Fazia bolinhas de barro e as vendia como pílulas milagrosas de São João Maria, dizendo que curavam todos os males. Era só engolir com um pouco de água e se livrar dos vermes, febres e outras doenças. Um dia, essa senhora adoeceu gravemente, porém nem médicos, nem as pílulas milagrosas conseguiam curá-la. No leito de morte, gritava:

– Perdoe-me profeta, a minha ganância foi maior que minha fé.

Ao anoitecer, ela faleceu. Dizem que o profeta passou a noite sentado num tosco banquinho, próximo à tarimba onde a morta era velada. Cabeça baixa, pernas cruzadas, sem pronunciar uma só palavra.

Quando o cortejo saiu para o sepultamento, ele gritou:

– O amor, a fé e a caridade não têm preço. Jesus Cristo foi exemplo disso. Deu sua vida por nós. Vão em paz. Quando precisarem, basta invocá-lo, que ele está sempre perto de vocês.

A partir daquele dia, nunca mais ninguém viu, ou ouviu falar sobre o profeta, que era sempre o mesmo, com as mesmas roupas e sandálias.

Fonte: texto de Edina C. Simionato.

A lenda de São João Maria FAXINAL

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Os estados sulinos, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, eram percorridos desde meados do século XIX, até o XX, por figuras exóticas que a população dos sertões chamava de monges. Viviam mais na floresta, dormiam em grutas, possuíam barba crescida, sandálias feitas de couro cru, na cabeça um barrete de pele de onça, um bordão na mão e um terço pendurado no pescoço.

A aparência de tais figuras impressionava as mentes dos sertanejos. No município de Faxinal viveu João Maria d'Agostini, imigrante italiano, que chegou ao Brasil em 1844. Ao que parece, foi realmente um frei da Ordem de Santo Agostinho, pois pregou na Matriz da Lapa em 1845. Percorria os estados do sul, exortando os homens à prática das virtudes e do bem, receitava ervas como remédio a quem solicitava, dava conselhos aos aflitos que o procuravam e fincava cruzes nos caminhos. A época da sua morte é incerta.

Os caboclos atribuíam-lhe milagres e passaram a chamá-lo São João Maria. Para eles, não era possível que um homem tão bom e santo pudesse desaparecer. Aproximadamente a dez quilômetros da sede do Município, na localidade de Bufadeira da Fonte, existe uma fonte de água, onde foi construída uma capela, muito visitada por romeiros que manifestam sua fé através de rezas, promessas e votos. Estes ficam expostos na capela. Muitos afirmam que curaram suas enfermidades tomando "a água da fonte de São João Maria".

Fonte: ficha preenchida por Lourdes Soares Farias.

O monstro da Lapa LAPA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Esta é uma história que ainda causa arrepios nos cabelos e é contada, à boca pequena, em noites propícias ao aparecimento de fantasmas. Contam os mais velhos a lenda de Santa Ermida, uma gruta de pedra e passagem estreita, onde morava o monge João Maria. Segundo relatam, para as pessoas desprovidas de fé as pedras não se abriam para dar-lhes passagem.

Certa vez, um peregrino dirigiu-se até a Santa Ermida conversar com o monge e saber o motivo de sua estalagem ali, depois de tantas peregrinações. O santo, fitando-lhe os olhos disse-lhe que se encontrava ali para rezar, para que nunca faltasse fé no coração do lapiano, e explicou ao peregrino:

– Meu filho, debaixo da terra encontra-se um monstro imenso, de muitos metros de comprimento, cuja ponta da cauda encontra-se no centro da cidade, na matriz de Santo Antônio, e a cabeça debaixo destas pedras onde fiz a minha morada. Este monstro encontra-se adormecido, mas poderá acordar e destruir a cidade no dia que faltar fé no coração do povo. É por isto que aqui estou, em constante oração e sacrifício, para que nada de mal aconteça a esta pobre gente e a cidade não seja destruída.

Diz a lenda que o povo da Lapa é bastante religioso para que o monstro continue em sua dormência.

Fonte: ficha preenchida por Iêda Maria Janz Woitowicz.

Monge São João Maria MALLET

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Relata-se que vários monges andaram pela região sul e tiveram participação na questão do Contestado. Mallet também viveu a presença de um monge e sua influência.

São João Maria levava uma vida de peregrino, pregava o bem e fazia milagres. É conhecido, também, como um homem que andava descalço, usava uma barba longa e era severo. Ele costumava abençoar ou amaldiçoar o local, conforme era recebido pelas pessoas. Com relação às bênçãos e às maldições, o povo diz que ao passar por Mallet, abençoou a cidade; enquanto que um distrito teria sido amaldiçoado, São João Maria disse: “vai virar um carreiro de veado e um purungá”.

Um fato comum à sua passagem é a bênção de olhos d’água e das fontes. Estas águas são consideradas pelo povo como milagrosas, que curam. Em Mallet existe um olho d’água que a população cuida e visita. Conta-se que dois municípios vizinhos teriam sido amaldiçoados por São João Maria e que deveriam desaparecer com uma grande enchente. E aconteceu que realmente os municípios tiveram sérios problemas de enchentes. Algumas pessoas ligam o ocorrido à maldição de São João Maria.

Fonte: ficha preenchida por Guizélia Ivone de Almeida Wronski.

Lenda de João Maria MANGUEIRINHA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

São João Maria é muito lembrado em nosso município pelas pessoas mais antigas. Eles relatam a passagem de um homem com mensagens divinas, que não parava em casa de ninguém, apenas conversava, dormia no mato, era cabeludo, barbudo e bem velhinho. Vestia-se apenas com

uma túnica em forma de pala, uma espécie de ceroula comprida, usava sandálias, comia somente o que a natureza lhe oferecia, ou o que as pessoas lhe davam.

Ele não tinha morada fixa, era um andarilho e até hoje ninguém sabe nada sobre sua família. Sua morada era sempre no mato e perto de um olho d'água. Quando abandonava o lugar abençoava esta água e o povo dava o nome de águas de São João Maria. Sua passagem por este município deixou algumas pessoas pessimistas e outras muito otimistas.

O profeta São João Maria percorreu vários municípios de nossa região, entre eles Guarapuava, Pinhão, Palmeirinha, União da Vitória, Palmas e alguns Estados como Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. Quando era convidado a visitar alguma família pedia que varressem bem o terreiro e colocassem no quintal, ou jardim, um banquinho e quando menos esperavam ele aparecia, como também do nada sumia. Diz o povo que o profeta São João Maria era vidente.

História do queijo

Conta o povo que certo dia São João Maria foi convidado a visitar a Fazenda do Coronel Missael Ferreira de Araújo. Sua esposa sabendo da visita preparou com muito carinho um queijo fresco para dar de presente ao profeta. O senhor Missael disse então à esposa que cortasse o queijo pela metade, pois sendo o profeta sozinho uma parte chegava para ele e a outra que deixasse para ele comer. Sua esposa disse não.

Quando o Profeta chegou e o queijo foi dado, imediatamente cortou o queijo em duas partes e devolveu uma das partes para o senhor Missael, dizendo que esta não lhe pertencia e sim uma parte somente.

História da galinha

Conta-se, também, que certo dia São João Maria estava acampado no Covó, onde hoje se encontra um olho d'água, e uma senhora foi visitá-lo para pedir conselhos. Resolveu levar uma galinha de presente ao profeta. Correu no seu terreiro atrás da galinha e não conseguia pegá-la. Ficou furiosa e gritou aos quatro ventos: "oh! galinha do diabo". Em seguida conseguiu pegar a galinha.

Chegando ao seu destino, entregou a galinha ao profeta, que lhe disse seguramente: "esta galinha você já deu ao diabo primeiro, portanto não me pertence".

História do peixe

Certa vez o profeta chegou em nossa cidade e quis posar em uma casa. O marido quis dar pouso e a mulher disse que não daria uma de suas camas para um andarilho, se quisesse que dormisse na estrebaria. O marido meio a contragosto levou o profeta para dormir na estrebaria.

A mulher então colocou o jantar na mesa, seria servido peixe naquela noite. O marido então foi servir um prato para o profeta e sua mulher disse que esperasse e levasse somente as sobras. No mesmo instante sua filha se afogou com uma espinha de peixe. Ficaram então desesperados, pois não conseguiam tirar o espinho; quando, de repente, lembraram do profeta. O pai correu, então, até o profeta e disse que sua filha havia se afogado com comida. O profeta logo foi dizendo: "com comida não, mas com peixe".

– Por favor, salve minha filha!

– Não! Você salva. Vá até lá, coloque a mão na cabeça de sua filha e diga: “home bão, muié malina, osso de peixe pra baixo e pra cima”.

E o osso na hora saiu da garganta da filha deles.

Fonte: fichas preenchidas por Stelamaris Grassi Serpa.

Olho d’água de São João Maria PITANGA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Antigos moradores e pioneiros da cidade de Pitanga contam que um monge messiânico, conhecido como São João Maria, andava por diversos lugares, inclusive na região, pregando a palavra de Deus.

Dizem que no local onde ele passava as noites, no dia seguinte formava-se uma mina de água, dita por eles “olho d’água”, com água limpa e cristalina. E que tinha o poder de curar. Conta a lenda que as pessoas que tomavam da água, ou molhavam algum lugar ferido, obtinham a cura.

Essa crença se propagou e o olho d’água passou a se chamar “olho d’água de São João Maria”. Em alguns lugares foram construídas grutas em homenagem à figura do monge. Até hoje crianças da cidade e do interior são batizadas nos diversos olhos d’água de São João Maria, espalhados pelo município de Pitanga.

Fonte: relatado pela professora Adriana Luzia Grande Nicaretta para Zilda Moreira Krupek.

Lenda de São João Maria PRUDENTÓPOLIS

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Conta-se que no início do século passou por aqui um monge chamado João Maria. Alimentava-se só de ervas e realizava alguns prodígios. Quando se precisava de chuva, era só pedir com fé que ele fazia chover. Se alguém sentia dor e ele falava, logo a dor passava. Procurava acampar sempre próximo de lugares que tinham água e dizia:

– Neste lugar nunca há de faltar água.

Em Prudentópolis, existem locais próximos da sede da cidade como Linha Ronda, Linha Ivaí, São João do Rio Claro e bairro Pousinhos, com inúmeros olhos d'água. A crendice popular acredita ser possível a cura de determinadas doenças, através da água ou do barro dos olhos-d'água de São João Maria, existentes nesses locais. Ainda nos dias de hoje, muitas crianças são batizadas nesses olhos-d'águas.

São João Maria fazia muitas profecias dizendo:

– Tenho pena das pessoas que virão atrás de nós, porque haverá muito rasto e pouco pasto.

O povo ficava sem saber o que ele queria dizer. Mais tarde descobriu-se que haverá muitas pessoas e pouco alimento. Predizia, também, que haveria uma estrada preta que iria matar muita gente. As pessoas achavam que seria uma estrada de barro preto e que as carroças atolariam e os cavalos seriam soterrados pela lama, mas jamais sonhavam que teríamos asfalto e tantos acidentes.

Fonte: narrado por Nádia Morskei Stasiu. Ficha preenchida por Cristiana Gardasz e Noeli Bini Gomes da Silva.

O monge João Maria RIO AZUL

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Um dos fatos mais curiosos e marcantes que aconteceram em Rio Azul, logo no princípio da colonização, foi a passagem de uma pessoa, identificada como monge, sendo por muitos considerado profeta, o profeta do povo. Seu nome, João Maria de Agostinho, hoje uma lenda em toda a região.

São João Maria trajava-se de maneira simples, quase maltrapilho, com penduricalhos amarrados à cintura (canecas, chaleiras, colheres, etc.). Peregrinava pelas comunidades, agarrado a um cajado. Costumava acampar aos pés de uma árvore frondosa, à sombra. Sempre ao lado de uma nascente.

Nas comunidades rioazulenses por onde passou, até hoje encontramos vestígios; em alguns locais a população construiu grutas e oratórios, onde faz pedidos, orações e agradece milagres alcançados, atribuídos a João Maria. Nos locais onde pousava, não demorava muito, juntava o povo que vinha para ouvir seus ensinamentos. Neste pequeno período, ouvia as pessoas, praticava atos de curandeirismo.

Tinha um grande conhecimento de ervas medicinais, ensinando receitas curativas que são praticadas até os dias atuais. Falava do futuro sem deus, desejava a paz e a igualdade, fazia premonições, aconselhava o povo a rezar, pedia a todos que se mantivessem firmes na fé e na justiça para encontrar a paz e a felicidade.

Quando se despedia do local que acampou, erguia uma cruz com as iniciais de seu nome e abençoava a água, dando-lhe poderes divinos. Até os dias de hoje, algumas pessoas de Rio Azul acreditam que são curativas e muitas batizam os recém-nascidos nessas águas. Profeta ou monge, São João Maria é muito respeitado nos dias atuais pela maioria do povo rioazulense, sendo que suas histórias são repassadas de geração em geração.

Fonte: ficha preenchida por Ivani Wandrovieski.

João Maria RIO BRANCO DO IVAÍ

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Esta é a história de um senhor em idade muito avançada, que não morria. De tão idoso que ficou, passou a ser transparente e fazia o trajeto das picadas de um lugar a outro sempre curando os enfermos. No local onde ele fazia pousada, surgiu uma fonte milagrosa.

Esse senhor era conhecido por nome de João Maria (da gruta). Muitas pessoas pegam água da gruta, ou barro, para serem curadas ou aliviadas de seus sofrimentos e enfermidades.

Fonte: ficha preenchida por Aldenir Nunes Betim.

A lenda da mina de São João e Maria

SÃO JERÔNIMO DA SERRA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Há muito tempo atrás, quando a nossa terra ainda era uma floresta, cacique Indalécio saiu com seu filho Miró para armar uma arapuca perto da mina d'água, que hoje fica próxima à casa do Lucídio e da Izabel. Depois de montada a armadilha, apareceu para a criança um velho de olhos azuis, roupas sujas e calçados de alpargatas pedindo ao menino que armasse a arapuca longe da mina d'água dele, porque aquela água era benta e o barro à volta curava as pessoas.

O filho relatou ao pai, porém, como ele era também benzedor não acreditou no que ouviu. Naquela mesma noite o velho apareceu em sonhos para o índio Indalécio, dizendo que seu filho tinha dito a verdade. Disse a Indalécio para cuidar da mina durante

toda a sua vida; e devia passar essa obrigação para outro quando morresse. Pois aquela água batizava e abençoava as pessoas que se banhassem nela e o barro curava todas as doenças. Recomendou que ali fossem enterradas as crianças que nascessem fora do tempo, porque ele iria cuidar delas e o local se transformaria num cemitério de inocentes. Indalécio cumpriu tudo o que o velho de olhos azuis recomendou.

Indígenas da reserva de São Jerônimo foram batizados na mina de São João e Maria. E muitas crianças que nasceram fora do tempo estão enterradas lá. Quando Indalécio faleceu, a obrigação de cuidar do local foi transferida para o índio João Fidêncio, este, por sua vez, deixou a tarefa para o seu filho Paulo Fidêncio, ambos falecidos. A mina de São João Maria ainda hoje é muito respeitada pelos índios da reserva São Jerônimo.

Fonte: relato de Maria Izaltina Cândido, índia caingangue de 97 anos. Ficha preenchida por Marcelo Mello Costa.

Profeta João Maria TELÊMACO BORBA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

O profeta São João Maria andava pela nossa região. Passou por Tibagi e visitou Ventania, que pertencia a Tibagi. Em Ventania, benzeu um olho d'água que até hoje é visitada por muita gente e até levam crianças para serem batizadas naquelas águas. O povo tem muita fé em São João Maria. Conta uma lenda que ao passar por Telêmaco Borba, na época Monte Alegre, ele pediu ao balseiro para que o passasse para outra margem e lhe foi negado, então ele disse ao balseiro que estas terras se tornariam improdutivas, só produzindo porongos. E que seria um Monte Triste em vez de Monte Alegre. São João Maria gostava de profetizar e abençoar. Conta-se que ele jogou seu lenço sobre as águas e atravessou o rio Tibagi sobre ele.

Fonte: narrado por Maria da Piedade de Almeida Solak.

Monge João Maria de Jesus UNIÃO DA VITÓRIA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Corria o ano de 1896. Passava por União da Vitória o monge São João Maria de Jesus, peregrino que surgiu após o profeta João Maria de Agostini, conhecido como santo milagreiro. João Maria de Jesus, atuando na região compreendida entre os rios Iguaçu e Uruguai, reavivou no povo a lembrança do primeiro monge, não somente pelos hábitos de vida, como pelo que pregava.

Pousando à beira dos caminhos, geralmente próximos a uma boa água, o monge trazia consigo um crucifixo e pequenos santos e utilizava-se de benzimentos e ervas para curar males, não somente das pessoas como dos animais. Ditava os mandamentos da natureza, ensinando que a terra também pertence aos que estavam por nascer.

Não aceitava dinheiro em troca das curas, contentando-se com aquilo que lhe davam: pão, leite e alguma verdura. Em torno de São João Maria, quando de sua passagem por União da Vitória, ficaram lendas e profecias, cheias de misticismo religioso.

Uma das lendas conta que tendo certa vez dirigido-se à casa do coronel Amazonas de Araújo Marcondes, pioneiro proprietário da navegação no Iguaçu e prefeito da cidade por quase trintas anos, o peregrino foi muito bem tratado; não somente pelo proprietário, como por sua família.

A residência se localizava próxima ao rio Iguaçu, sempre à mercê de furiosas enchentes. Para agradecer a amável hospitalidade, o monge desejou que por mais altas ficassem as águas, elas jamais atingiriam aquela casa. Nos anos de 1905, 1911 e 1983, quando aconteceram as maiores cheias, as águas do Iguaçu, embora chegassem ao portão do terreno, nunca atingiram a residência, abençoada pelo monge.

Morro da Cruz

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Pelos antigos moradores de União da Vitória o profeta João Maria de Jesus foi descrito como um ancião de estatura regular, rosto barbudo e carregava um saco de algodão a tiracolo.

Ele dizia estar em União da Vitória e pela região, cumprindo uma promessa que estaria prestes a se concluir. Venerado até mesmo entre pessoas cultas, o monge, quando de sua passagem pela cidade, aconselhou a população a erguer uma cruz no cume do morro mais alto: 943 metros acima do nível do mar. Essa cruz, segundo suas palavras, deveria permanecer sempre em pé, para proteger a cidade de uma possível e desastrosa inundação. Essa inundação seria provocada pelo deslizamento das terras vindas do morro mais próximo ao rio Iguaçu e que represaria suas águas sobre a cidade.

Uma grande cruz de madeira foi erguida pelos moradores. Desde então, há sempre o cuidado em substituí-la quando é preciso, evitando sua queda. O lugar ficou conhecido como Morro da Cruz, onde se fazem penitências, procissões e promessas. Na sexta-feira santa, muitos devotos sobem até a cruz e no caminho recolhem ervas para chá. Ervas que têm destino certo, na cura de alguns males.

Uma fonte existente no sopé do morro, água da qual o profeta serviu-se, é considerada milagrosa. Ainda hoje, procurada por pessoas devotas de São João Maria é usada para realizar curas e batizados.

Fonte: fichas preenchidas por Therezinha Leony Wolff.

S

S

Manoel Alves ANTONINA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Manoel Alves, casado com dona Serafina, era dono da chácara do Saivá. Devoto do Senhor Bom Jesus. Quando sua esposa adoeceu, ele fez promessas de que se ela fosse curada, iria construir uma igreja em homenagem ao santo que adorava. Assim que dona Serafina se restabeleceu, Manoel Alves começou a construção.

Manoel Alves pediu para ser sepultado na entrada da igreja. Queria ser pisado pelos fiéis, para expulsar os seus pecados. Seu pedido foi aceito. Para fins de preservação, mais tarde, a lápide foi transferida para o lado da porta, onde hoje permanece.

Fonte: ficha preenchida por Rafael Camargo.

Nossa Senhora de Fátima
CRUZEIRO DO SUL

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

No dia 19 de agosto de 1990, num domingo chuvoso, mais ou menos às 14 horas da tarde, várias pessoas viram o sol mudando de cor e pulsando - verde, azul, branco e rosa. Mais tarde as pessoas começaram a se reunir em frente ao colégio Dr. Romário Martins, num pequeno bosque de grevilhas, de onde também começou a minar água pelos troncos, mesmo sendo uma árvore já seca. Dos dias 13 a 18 de abril de 2003 uma Imagem de Nossa Senhora de Fátima chorou todos os dias. Era a semana santa daquele ano.

Hoje, todos os dias 13 de cada mês pelas 3h30 horas da tarde, muitos peregrinos de várias cidades ali se reúnem para fazer orações e rezar a missa. Muitas pessoas têm relatado que receberam milagres e graças.

Fonte: ficha preenchida por Magaly Aparecida Borgo.

Maria Bueno, a Santa CURITIBA

A divina e mágica Maria Bueno...
Nasceu num lugarejo sereno...
Chamado Morretes, no Paraná, perto do litoral,
No século dezenove, de um jeito muito original!

Ela era a última menina de uma série de sete filhas
... Ela era a última destas sete maravilhas!
A superstição sempre comenta de uma forma natural,
Que toda a sétima filha nasce com poder paranormal!

Quando era adolescente...
Maria, toda inocente...
Decidiu entrar para o convento...
Mas, os religiosos sem sentimento...

Mandaram a menina para Curitiba,
Que era uma terra desconhecida,
Para que ela cuidasse de um casal de idosos,
Que eram velhos, porém caridosos!

Mas, este casal de idosos faleceu...
E a pobre Maria Bueno ficou no breu!
Então, ela decidiu trabalhar como lavadeira...
Porém, a vida não era brincadeira!

O dinheiro não dava para comprar pão e nem mel...
Então, ela foi obrigada a trabalhar num bordel!

Mas, um soldado psicopata e infeliz...
Chamado Diniz...
Se apaixonou pela Maria, vestida de meretriz!

Uma noite ele proibiu de um jeito cruel...
A amada de trabalhar no bordel!
Porém, Maria não obedeceu...
E o seu algoz se enfureceu...

Matando a pobre figura...
Sem piedade e sem ternura!
Com uma navalha, ele arrancou o pescoço de Maria,

Causando na população muito medo e agonia!
Dias depois, o próprio Diniz...
Morreu da mesma forma infeliz...
Decapitado com muito ódio e raiva...
Por ordem do comandante Gumercindo Saraiva!

Hoje Maria Bueno está enterrada num túmulo azul do Cemitério Municipal...
Ela é a santa do povo, que faz milagres de um jeito especial.

Fonte: bocadoinferno.com/romepeige/lenda, enviado por Luciana do Rocio Mallon.

Lenda do Divino Espírito Santo GUARATUBA

Um velho pescador, ao ver-se perdido em alto mar, rogou ao Divino Espírito Santo que o guiasse até terra firme. Uma luz o conduziu até um lugar seguro. Com o despontar do sol deparou-se com uma caixa, nela havia uma pomba dourada, símbolo do Divino Espírito Santo.

Tomou o rumo da vila, onde a notícia se espalhou. A imagem foi levada à uma fonte de águas cristalinas que brotava da montanha. Foi lavada, deixando nas águas suas virtudes, para o alívio das dores e enfermidades. A imagem, mais tarde, foi levada para o altar da igreja matriz, de onde desapareceu misteriosamente.

Fonte: ficha preenchida por Evelise Maria de Carvalho.

Lenda da padroeira IPIRANGA

Conta-se que este fato se deu na época da Segunda Guerra Mundial, numa fazenda próxima onde hoje está construída a igreja da localidade de Olho D'água. Nesta fazenda havia um oratório com a imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Como o país estava em guerra, os soldados saíram à procura de mais homens para a luta, chegando então a esta fazenda com o propósito de levar o dono para a guerra. Houve muito desespero de sua esposa, dona Anistarda, mas como ela tinha muita fé, pediu que ele se escondesse atrás do oratório, ficando, assim, invisível aos soldados, que foram embora sem levar ninguém. Acreditando ser um milagre da santa, como promessa, construíram a igreja com a imagem da santa que passou a ser a padroeira da comunidade.

Fonte: relatado por moradores da Comunidade de Olho d'água para Eliane Dalazoana C. Luz.

A santa do paredão JAGUARIAÍVA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Conta-se que pelos idos de 1820, quando Jaguariaíva ainda não existia e era apenas uma vasta área de terra cheia de matas e campos, num raio de mais de uma centena de quilômetros, pertencendo à Vila de Castro, surgiu a lenda da Santa do Paredão.

A origem exata da imagem da santa ninguém sabe. O que chama a atenção até hoje é o surgimento do desenho de uma imagem na pedra, num paredão, a uns 80 metros de altura, trabalhado pela natureza de modo admirável.

Muitas histórias surgiram com o passar dos anos. Uma delas, contada pelo senhor Jostino de Miranda, morador na época, nas imediações do paredão, diz que, às margens do rio, alguns homens caçavam e já depois do meio-dia, sem que tivessem tido sucesso na caçada, ouviram repentinamente os latidos dos cães furiosos. Correram para verificar o que acontecia. Os cães continuavam latindo sem parar. O terreno era muito irregular, mata muito fechada e os cachorros haviam se embrenhado num local de acesso muito difícil. Após vencer os obstáculos, verificaram que os cães, muito bravos, latiam e investiam contra alguma coisa.

O primeiro caçador a chegar, vê então uma cena da qual nunca mais se esquecerá: os cães, aos pés de um alto paredão de pedra, latindo contra um facho forte de luz, que dele emanava. Essa visão foi testemunhada por todos os caçadores que viram. No meio do mato, ao pé do paredão, no meio de uma forte luz azulada, estava aparecendo a imagem de uma santa. Uma imagem de santa que eles nunca tinham visto, porém imaginavam que era de uma santa.

A religiosidade aflorava naquela época e os caçadores imediatamente voltaram para o povoado, a quase trinta quilômetros, contando a todos o que viram. As pessoas ficavam admiradas e logo começaram a visitar o local. E, não muito tempo depois, iniciaram-se algumas romarias para ver a Santa do Paredão.

Alguns já falavam em construir uma capela, mas, de repente, ninguém mais via a santa. Ela havia preparado uma surpresa. A imagem, vista pelos caçadores, inicialmente na parte baixa do paredão, não mais aparecia ali. As aparições pararam por um tempo. Mas não demorou muito para que voltassem a acontecer. Só que, a partir de então, no centro do paredão, em local a que jamais se poderia chegar, pois o paredão tinha cerca de 100 metros de altura. Esses fatos, que tiveram registros a partir de 1820 em Jaguariaíva, contêm uma curiosa coincidência com o grande fenômeno religioso do Brasil. Aconteceram, paralelamente, às aparições de Nossa Senhora Aparecida, a versão negra da mãe de Jesus, no Rio Paraíba, no Estado de São Paulo.

A época era a do tropeirismo. Por ali passava o histórico Caminho de Viamão. E os maiores divulgadores da história da Santa do Paredão foram os tropeiros, que transportavam de tudo, levando de Viamão-RS a Sorocaba-SP mulas carregadas de produtos. Ao passarem por ali, encantavam-se com tudo que ouviam. Era na época o único meio de transporte e comunicação. Eles se incumbiam de espalhar pelo Brasil a fama da religiosidade da região e da Santa. Isso com certeza ajudou a convencer o Imperador do Brasil, Dom Pedro I, no dia 15 de setembro de 1823, a assinar o alvará elevando a Fazenda Jaguariaíva à condição de Freguesia.

O paredão em que aparece a Santa fica na zona rural do município de Jaguariaíva, a 22 km do centro da cidade, na estrada PR 092, ainda sem pavimentação, que liga a cidade com o Distrito Eduardo Xavier da Silva, Sertão de Cima e o município de Doutor Ulysses. Existem placas que orientam o motorista para chegar com facilidade ao local, que é muito freqüentado por romeiros.

No mês de maio, último domingo do mês, acontece uma Caminhada Ecológica ao local, com a participação de milhares de pessoas, que saem a pé do centro da cidade e caminham os 22 km até o local, onde acontece missa e festa com barraqueiros. Muletas, fotos e objetos dos mais variados são depositados num local parecido com uma gruta durante o ano todo, quando velas são queimadas em agradecimento por graças recebidas.

Muitos são os testemunhos de pessoas que alcançaram cura ou graças diversas pela intercessão à Santa do Paredão.

Fonte: Informativo Paroquial Nós e A Minúscula nº. 272. Ficha preenchida por Augustinho Argemiro Ludwig.

Capela de Nossa Senhora das Pedras

PALMEIRA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Nas proximidades da serra de São Luiz do Purunã, há muito tempo atrás, alguns caçadores avistaram em um paredão rochoso uma imagem de uma santa. Retiraram-na do local e a levaram para uma pequena capela de madeira que ali existia.

Não passou muito tempo, verificaram que a imagem havia sumido; observaram que ela estava novamente no paredão. Assim aconteceu diversas vezes. Resolveram então construir uma nova capela, desta vez voltada para o cânion. Aí então, e até hoje, a imagem permanece na capela. Há quem afirme que vê, escavado na pedra, o nicho onde se encontrava a imagem da santa.

Fonte: ficha preenchida por Vera Lúcia Mayer

A lenda da mudança PARANAGUÁ

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Uma lenda conta que os “maiorais” da terra queriam a imagem da Santinha na Vila por lhes ser mais cômodo, é claro. Trouxeram-na, pois, para a nossa matriz. No dia seguinte, não estava mais no altar; sendo encontrada no altar do Rocio.

Por diversas vezes trouxeram-na para a matriz e todas essas vezes ela desaparecia; sendo sempre encontrada no Rocio. O vigário, então, ponderou aos fiéis que a imagem queria mesmo ficar no lugar onde foi achada. O povo concordou e não mais a tirou do seu querido Rocio.

A lenda das rosas loucas

Foi no ano de 1680. A Costeira do Rossío (Rocio), da Vila de Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá, era habitada por humildes pescadores, que viviam do que o mar lhes dava, nas noites calmas daqueles arrabaldes. Eles vendiam uma parte da pesca, o resto ficava para o sustento da família. Corria o mês de novembro. Uma noite, na calmaria do verão, estavam eles nas suas canoas ao largo da baía, com suas redes nas águas, à espera de uma boa pescaria. Por um desses acasos, olhando o céu recamado de estrelas, um dos pescadores viu que uma das estrelas despejava um facho luminoso até uma grande moita de rosas, nascidas na barranca da baía. Em minutos desaparecia e reaparecia; isso por várias vezes. Ele chamou, então, a atenção dos companheiros, que presenciaram o fato.

Quando voltaram da faina noturna, acharam, uns, de bom alvitre o aviso; outros, porém, mais medrosos, alegaram que era o prenúncio de grandes males. Todos passaram a comentar o ocorrido nos seus lares. O fenômeno continuou por várias noites, até que os praieiros tomaram uma decisão: decepar a moita das "rosas loucas".

Num domingo, pela manhã, com facão, enxada e foice, começaram a devastação. Mas, quando estavam na metade do trabalho se depararam com uma pequenina imagem da virgem mãe de Jesus, bem no lugar onde todas as noites descia o facho luminoso. O alvoroço foi grande entre aquela gente inculta.

Um preto velho, por nome Pai Berê, que ali também morava, pediu para fazer uma igrejinha de pau-a-pique, coberta de palha, a fim de colocar a imagem num altar e ficar como guarda do achado. Todos os pescadores concordaram. No mesmo lugar, Pai Berê fez um ranchinho em forma de ermida e todos os domingos os moradores rezavam o terço, pela manhã e à tarde.

A notícia espalhou-se logo pela vila e a curiosidade do povo não se fez esperar;

a princípio, para ver; depois, para crer. Os anos foram passando e a devoção crescendo. Os pedidos e os milagres também foram surgindo, até chegar aos nossos dias; tornando-se, por fim, uma tradição.

Fonte: fichas preenchidas por Jorge D. dos Santos – professor e historiador da Fundação Municipal de Cultura - FUMCUL

Corina Portugal (1892) PONTA GROSSA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Conta-se que o prefeito municipal Vicente Bittencourt mandou alguns funcionários retirarem os corpos do antigo cemitério São João, para dar continuidade à abertura da avenida Vicente Machado, que era interrompida no cemitério. Ao escavarem, para retirar os corpos, encontraram o da jovem Corina Portugal. Ele estava intacto e parecia uma santa. Foram chamar o padre para ver o que tinham encontrado.

O padre, ao ver o corpo intacto, pediu para os funcionários que guardassem segredo, para que os familiares de Corina não ficassem sabendo do milagre acontecido, porque eles iam ficar muito orgulhosos de ter uma santa na família. Houve, no entanto, um outro motivo, este político. O assassino de Corina foi inocentado, por unanimidade; e ela acabou sendo culpada pela própria morte. A partir dessa descoberta, porém, milhares de pessoas visitam o túmulo para pedir graças e também para agradecer as alcançadas.

Fonte: ficha preenchida por Isolde Maria Waldmann.

A cruz de cedro SÃO JERÔNIMO DA SERRA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Em meados de 1900, no lugar denominado sítio Bela Vista, hoje sítio São Jorge, em homenagem a São Gonçalo, o proprietário Vicente Olegário de Proença celebrava novenas no dia do Santo. Como forma de devoção, resolveu cravar uma cruz de cedro para que o povo fizesse suas orações. Com o passar do tempo, a cruz brotou e ramificou-se para o espanto dos devotos. As visitas começaram a ser mais freqüentes. Existem relatos de pessoas que recebem graças até nos dias de hoje. Com o tempo, a árvore caiu com um forte vendaval e foi construída uma gruta no local.

Fonte: narrada por Jerônima Proença, antiga moradora e proprietária do local. Ficha preenchida por Marcelo Mello Costa.

A história da Romaninha

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Na década de 1920, existia uma menina tetraplégica, surda, cega e muda, com um semblante muito bonito. Seus pais eram muito pobres e não tinham muito recurso, então a comunidade ajudava com donativos. Porém, com 15 anos de idade ela faleceu. As visitas ao seu túmulo eram muito grandes. Pediam graças a ela e recebiam.

Com o tempo, a cidade foi crescendo e houve a necessidade de transferir o cemitério para outro lugar. A população se agitou e se manifestou, para que não mudassem o túmulo da Romaninha. Então, a prefeitura construiu uma capela na praça onde ela está sepultada. Até hoje é visitada por devotos, vindos de toda as regiões, para pedir e agradecer por graças recebidas. A capela fica atrás da igreja Santo Antônio.

Fonte: ficha preenchida por Marcelo Mello Costa.

Senhor Bom Jesus da Cana Verde

SIQUEIRA CAMPOS

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Conta-se que Antônio de Paula Oliveira Pinto era dono duma fazenda de escravos e que havendo um de seus escravos, por nome de Vicente, cometido uma falta muito grave e, temendo as iras do Sinhô e os castigos do capataz, fugiu para mata, onde ficou escondido.

O escravo, após certo tempo, mandou propor ao Sinhô uma linda imagem de São Bom Jesus, em troca do perdão. Diz-se, que vendo a belíssima imagem, o velho Pinto ficou muito comovido e perdoou o escravo dizendo-lhe: "Come e bebe à vontade durante toda a sua vida e não precisa mais trabalhar!". E conduzindo a bonita imagem para sua casa, ali ela ficou até que fez uma capela para o Senhor Bom Jesus, doando uma quantidade de terras para o santo.

Na comunidade de Pescaria, existe uma versão um pouco diferente. Diz-se, que o preto havendo cometido a grave falta, fugira para o mato, e, após uns 15 dias, depois de muitas buscas, descobriram lá na mata virgem um "descascado ou descalavrado" de madeira de cedro vermelho. E, ali morto, o negro, tendo ao seu lado a imagem feita daquela madeira. O negro, apesar de estar morto já por alguns dias, não apresentava sinais de decomposição. Vendo isto, o Sinhô se arrependeu muito do ódio contra o pobre escravo. Mandou "lustrar" a imagem, e, mais tarde, a levou pro sertão.

Uma terceira versão, conhecida há muito tempo, conta que fugindo o negro, escondera-se lá no mato; e em grande aflição pelo medo do Sinhô e pelo terror da solidão, rogara muito a Deus. Num momento do dia, dormiu a sono solto e quando acordou, ali estava, em sua frente, a imagem encantadora do santo, quase sorrindo a lhe inspirar confiança. Abraçando com tal alegria o santo, foi o preto com ele às costas, presentear o Sinhô, em troca do qual foi perdoado. Com grandes festas foram recebidos na casa grande, santo e escravo.

Outra lenda diz que em tempos idos o velho Pinto possuía um negro cativo e que este cometera um crime, e fugindo em seguida, embrenhara-se pela densa mata, nas cercanias da fazenda de seu Sinhô. Para seu esconderijo arranjou o preto um local perto da casa de um sertanejo, que lhe dava comida. Quando, arrependido do crime que praticara e querendo obter o perdão do Sinhô, teve o pobre escravo a feliz idéia de esculpir a Imagem de São Bom Jesus, para oferecer-lhe em troca da absolvição da falta cometida.

Com algumas ferramentas, fornecidas pelo homem que lhe dava de comer, derrubou um pau de embiruçu e deu-se ao piedoso trabalho de esculpir o santo, ao mesmo tempo que mandava proposta ao Sinhô, por intermédio de seu protetor. Aceita a proposta, com a condição de que o Sinhô visse esculpida a imagem. Em dia pré-marcado, esteve no local o ancestral dos Pintos e tão entusiasmado ficou ante a obra muito perfeita que, solenemente, a fez transportar para sua fazenda. Tendo à frente do cortejo o escravo, com a imagem em punho, que foi no mesmo dia perdoado e alforriado pelo Sinhô.

Verídicas ou não uma ou outra destas histórias e lendas, Joaquim Vicente de Souza é da opinião que a imagem, pelo seu cunho típico e estilo especialíssimo, muito bem pode ser obra de um hábil discípulo do Aleijadinho, mestre Antônio Francisco Lisboa, de Ouro Preto. Isso se não for mesmo uma escultura de sua própria lavra.

Fonte: SOUZA, Joaquim Vicente de. A História do Santo Senhor Bom Jesus da Cana Verde. Siqueira Campos, 1967. 24p.

Maldições
PRAGAS
e maledicências

A maldição de Tamandaré

ALMIRANTE TAMANDARÉ

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

O padre Francisco Bonato, ao retornar para Colombo após a missa, próximo ao viaduto entre o rio e a estação de trem, foi apedrejado por alcoólatras e adolescentes a mando de pessoas influentes. Ao ser derrubado do cavalo que montava, devido às pedradas, o padre pedia em vão: “tenham calma, não façam isso”. Mas tudo foi em vão, eles continuaram a maldade. O padre então disse: “a cidade de Tamandaré ficará amaldiçoada por 70 anos, pois vocês desrespeitaram o representante de Jesus Cristo nesta cidade”.

Fonte: ficha preenchida por Suzana Dorighello.

A praga do padre IVATUBA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Segundo antigos moradores, um dos primeiros párocos de Ivatuba, ao desentender-se com seus paroquianos, lançou sobre a cidade uma praga: a cidade nunca se desenvolveria para “frente”, em direção a Maringá; mas sim para trás, em direção ao rio Ivaí. Lenda ou não, isto realmente tem acontecido.

Fonte: ficha preenchida por Élida R. Versari.

Morte do padre - 100 anos de maldição LAPA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

A revolução federalista deixou marcas profundas na cidade da Lapa. A mais significativa foi a rivalidade entre pica-paus e maragatos. Os pica-paus, vencedores, dominavam a cidade e os maragatos tiveram na figura do padre Francisco da Costa Pinto um defensor. A luta continuava, em forma de folhetos, sendo os mais importantes o "Olho Por Olho, Dente Por Dente" e "Esterco Contra Esterqueira". Os títulos já nos dão uma idéia dos conteúdos.

Na noite de 19 de abril de 1900, passados seis anos do Cerco da Lapa, quando o padre Pinto retornava de uma visita à casa de um amigo, foi cruelmente assassinado, a facadas, sendo que o réu nunca foi condenado.

Morto o padre, inicia-se a lenda, que diz: "quando um padre é assassinado, a cidade onde ocorreu o crime vive uma maldição de 100 anos". Realmente, muitas cidades progrediram e a Lapa teve um crescimento lento. Isto é atribuído à maldição pela morte do padre.

No ano 2000 completaram-se 100 anos da morte do padre Pinto e o povo da Lapa ainda espera que se cumpra a profecia e finalmente o progresso chegue à cidade.

Fonte: ficha preenchida por Iêda Maria Janz Woitowicz.

A lenda do pinheiro em forma de cruz

PINHAL DE SÃO BENTO

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

A região de Pinhal de São Bento foi ocupada em meados da década de 1940, por ocasião do surgimento da Colônia Agrícola General Osório, CANGO, criada pelo Decreto 12.417 do presidente Getúlio Vargas.

O responsável pela distribuição de terras da Cango, na região de Pinhal, era Marciano de Sá. Ele fazia viagens pela região no lombo de um burro, "o burro do Cango", como era conhecido. Quando o senhor Marciano chegou, na localidade já residia Luiziano Rozário Borba e os Rutes.

Os Rutes eram uma comunidade religiosa que tinha como líder o senhor João Rute, uma espécie de curandeiro. Nesta comunidade havia mais ou menos setenta famílias e todas seguiam os princípios ensinados pelo senhor João Rute. Na época o local era chamado de Pinhal dos Rutes.

Com a chegada de novos moradores, principalmente o senhor Marciano de Sá e o senhor Alzemiro Motta, e devido ao conflito por causa da seita, os Rutes sentiram-se incomodados, pois não se adequavam aos costumes de outras comunidades. Eles viviam de caça, pesca, ervas e algumas produções de subsistência. Não eram permitidas criações de animais com casco partido, não vendiam seus produtos por dinheiro, realizavam escambo por objetos ou animais. Os novos moradores queriam efetivamente criar um núcleo urbano, com igreja e escola. Então, os Rutes tomaram outro rumo e foram para o interior do município de Barracão por volta de 1954.

Eles, porém, cultivavam um pinheiro singular, que havia no local e possuía galhos formando uma cruz. Dizem que foi descoberto por Bento Monteiro, seguidor dos Rutes. O senhor João Rute disse ao deixar a localidade, que aquele pinheiro não poderia ser derrubado e se alguém o fizesse iria ser amaldiçoado, assim como toda sua família. E o lugar nunca mais iria se desenvolver. O pinheiro foi derrubado pelo senhor Algemiro

Geittenes, depois que os Rutes abandonaram o local.

Depois de derrubado o pinheiro, o medo tomou conta da família do senhor Algemiro, a sensação de que coisas sobrenaturais rondavam a propriedade era freqüente. A situação foi se tornando insuportável, até que resolveram mudar-se do local. Coincidência ou não, depois de alguns anos Algemiro foi morto numa briga em uma festa.

Fonte: ficha preenchida por Inês Barchi Rizzatti e Lenir Hanck.

O pinheiro que virou pedra PRUDENTÓPOLIS

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Em uma comunidade do interior de Prudentópolis residia uma família, onde a mãe e o filho eram cristãos praticantes e o pai ria das suas orações. Eles não ligavam para o que o pai pensava e faziam o que achavam certo. No dia 25 de março, anunciação de Nossa Senhora, e um dos dias santos mais importantes do ano, enquanto eles foram para a igreja, este senhor foi para o sítio derrubar um pinheiro para aproveitar o tempo bom. O dia passou, à tarde ele retornou para a casa onde sua esposa e seu filho esperavam com o jantar. Para evitar discussão sua esposa não falou nada. E o pai orgulhoso disse ao filho:

– "Amanhã vamos levantar bem cedo, porque eu já fretei o caminhão para ir buscar as toras do pinheiro que derrubei, e vocês aproveitam para carregar os galhos para servir de lenha para o fogão". E assim aconteceu.

Chegaram ao local, antes das 8 horas da manhã. O pai começou a dar golpes de machado nos galhos do pinheiro e nada de cortar, o machado pulava para cima. As pessoas que vieram para carregar as toras no caminhão se negavam a acreditar no viam. As toras e os galhos haviam sido transformados em pedra e até hoje se encontram pedaços destruídos em vários acervos particulares.

Lenda da sexta-feira santa

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Conta-se que um dia, um senhor que abusava de tudo desafiou todas as pessoas do lugar onde morava dizendo que dia santo é como qualquer outro dia. O povo de Prudentópolis é dotado de muita fé e respeito pelas coisas sagradas. Era sexta-feira da semana santa. Este senhor, enquanto os outros iam para igreja, pegou seus filhos, foi para o mato e começou a derrubar lenha, o serviço não rendia.

Ele falou:

– Que diabo esse serviço não rende. Vamos embora almoçar, quem sabe quando voltar essa lenha fica pronta. Ele e seus filhos foram para casa, que não era muito longe dali. Almoçaram, descansaram um pouco e voltaram para o trabalho. Quando estavam chegando, este senhor começou a sentir arrepios, mas como era muito valente foi adiante e disse para os filhos:

– Esquecemos a água, voltem buscar! Os dois meninos voltaram e ele seguiu. Quando chegou ao local ficou pasmo ao ver que toda a lenha estava cortada e empilhada. Voltou correndo para casa, não acreditando no que tinha visto. Seus familiares, assustados pela palidez de seu rosto, perceberam que algo errado havia acontecido. Este lenhador prometeu que jamais trabalharia em dias santificados.

Fonte: narradas por Nádia Morskei Stasiu. Fichas preenchidas por Cristiana Gardasz e Noeli Bini Gomes da Silva.

Assombrações, noivas e outras aparições

O fantasma das águas do Val Verde

ALMIRANTE TAMANDARÉ

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Funcionários que trabalhavam no Parque Aquático Águas de Val Verde relatam a lenda do fantasma. Conta-se que as luzes apagavam e acendiam, portas se abriam sozinhas, escutavam-se passos estranhos nas escadas e os ventos eram bastante estranhos, como uivos. As pessoas que trabalhavam no local diziam ter a impressão de que alguém as observava. Por várias vezes os funcionários presenciaram tais fatos e, até hoje, não descobriram o que é.

Fonte: ficha preenchida por Suzana Dorighello.

A noiva

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Contam que à rua João Geanini, muitas vezes, à meia-noite, aparece uma mulher vestida de noiva, andando pelo mato, chorando e pedindo por socorro. Ela chama as pessoas acenando as mãos. Dizem que ela desaparece no primeiro poste. Fala-se, neste caso, que é uma mulher que mataram há muitos anos atrás e que pede por justiça.

Fonte: ficha preenchida por Wellesley Nascimento.

A noiva ALTAMIRA DO PARANÁ

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Contam os moradores mais antigos de nossa cidade, que antigamente na Praça Nossa Senhora Aparecida, mais conhecida como a praça do hospital, sempre havia uma aparição. Neste local havia o antigo cemitério da cidade. Dizem que vaga por lá uma moça muito bonita, vestida de noiva. Nenhuma notícia se tem sobre o que leva a noiva a vagar pela praça, mas muitas pessoas garantem ter visto a aparição.

Fonte: ficha preenchida por Silvia Paula Neduziak.

Escravos da igreja de São Benedito
ANTONINA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

A igreja de São Benedito, igreja dos escravos, recebe esse nome justamente pelo fato de este santo ser o protetor dos escravos. Assim, como em outras cidades, a igreja de São Benedito de Antonina também foi construída pelos escravos. Eles, além de levantarem com as próprias mãos as paredes da igreja, gastaram o dinheiro de suas cartas de alforria para custear este refúgio.

Dizem que durante a construção, alguns escravos acabaram morrendo e foram sepultados nas paredes da própria igreja. Por isso, ainda hoje, podem ser vistos na igreja, cuidando do templo que construíram.

Fonte: ficha preenchida por Rafael Camargo.

Visagens ANTONIO OLINTO

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Dizem que antigamente no município de Antonio Olinto, mais precisamente na localidade do Imbuial, havia muitas visagens. À noite, escutavam-se os gritos e choros delas. Meu avô conta que saía e via uma mulher com uma criança correndo pela estrada, pois sua casa estava pegando fogo; se andasse mais um pouco via um porco muito bravo com as presas de fora, que atacava as pessoas e mordia.

Logo depois, no portão velho, havia uma coruja que andava seguindo as pessoas e gritando. Dizem, ainda, que existia um caixão no meio da estrada que assustava os transeuntes que ali passavam. O pior delas era uma bola de fogo que andava devagar ou rápido pelo céu, atacava e queimava as pessoas.

Fonte: SCHWARTZ, Maria Knapik. Causos, Fatos e Lendas, Antonio Olinto, Colégio Est. Duque de Caxias, 2002. (relatado por Ditão Ferreira Grittem, escrito por Jackson Grittem).

Lenda contada por Ernesto Capelli

ARAPONGAS

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Indo por uma estrada, no Córrego do Sussi, região de Arapongas, à noite, vi uma luz parecida com lampião, aproximei-me e quando cheguei bem pertinho dela, curiosamente ninguém carregava o lampião e, inesperadamente, a luz desapareceu.

Outro caso foi quando eu estava a cavalo por uma trilha, sem olhar para trás, quando ouvi nitidamente o barulho de um caminhão que se aproximava; o caminhão passou por

mim; porém, não havia nenhum caminhão, somente ouvi o barulho e fiquei com muito medo. Peguei o rosário na mão, que sempre estava comigo, e rezei o “credo”.

Fonte: SOUZA, Naici Vasconcelos de. Pioneiros de Arapongas, Semeadores do Progresso. Arapongas.

O pinheiro da noiva ARAPOTI

Há muitos anos, na estrada que liga o km 39 à fábrica de papel, uma noiva e seus convidados viajavam em um caminhão, para a celebração do casamento, que se realizaria na capela do vilarejo. Em um declive, a mais ou menos 2 Km do local da celebração, o motorista do caminhão perdeu o controle dos freios, chocando-se contra um pinheiro. O motorista e alguns convidados ficaram feridos, mas a noiva morreu no local.

Até hoje, muitas pessoas que passam pela estrada em noites enluaradas dizem que ao lado do pinheiro aparece uma noiva, pedindo que alguém lhe ofereça uma carona até a capela.

A noiva da linha do trem

Há alguns anos, uma moça que estava prestes a se casar com um dos rapazes mais ricos e cobiçados das redondezas, saiu tarde da casa do noivo, localizada na rua principal da cidade, onde ultimava os preparativos para o casamento. Ao cruzar a estrada de ferro, foi surpreendida pelo

trem e, momentos depois, jazia inerte e sem vida sobre os trilhos. Era, mais ou menos, meia-noite quando o acidente aconteceu.

Muitas pessoas juram que ao cruzar a ferrovia à noite, já viram uma mulher vestida de noiva andando sobre os trilhos, e quando alguém mais corajoso se aproxima ela some em um piscar de olhos.

A assombração de Calógeras

Mais ou menos em 1980, na estrada do distrito de Calógeras, na rodovia, aconteceu um grave acidente, com três vítimas fatais. Dentre os mortos, havia um forasteiro que breve iria se casar com uma moça do lugar. Houve muita comoção no município todo e três cruzes foram colocadas à beira da estrada, local da tragédia, para lembrar os que se foram.

Meses após o ocorrido, a noiva mudou-se para a capital do Estado. Desta data em diante, alguns juram que o noivo falecido, em noites claras de luar, é visto saindo perto de sua cruz, à margem da rodovia, dirigindo-se até a casa onde morava sua amada. Neste local, pára um pouco como se estivesse procurando vê-la, depois lentamente retorna até o local onde estão colocadas as três cruzes e desaparece misteriosamente.

O piá da grota

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Um acidente chocou a Vila Romana há alguns anos: a triste morte de um garoto em um buraco à beira de um córrego, que hoje já não existe. O menino caiu na grota, de difícil acesso; um homem atirou-se no córrego e nadando tentou salvar o moleque, mas quando conseguiu alcançá-lo já era tarde, ele havia morrido.

Atualmente, o buraco foi tapado, o córrego já não existe mais e, no lugar deles, construíram casas. Todavia, muitas pessoas não se arriscam passar à noite pelo local, que dizem ser assombrado com a figura do “piá da grota”, pedindo que o salvem, que não o deixem morrer.

O Gritador

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Seu Sebastião estava voltando para casa quando escutou um barulho de madeira quebrando às suas costas. O barulho chegava cada vez mais perto. Quando parecia que aquilo ia chegar até ele, virava-se para ver e o barulho sumia. Quanto mais ele corria, mais os gritos se aproximavam; ele os escutava bem perto do ouvido.

Seu Sebastião parou, ficou quieto e ouvindo; eram gritos e risadas bem altas. Novamente ele começou a correr, logo que atravessou um riacho, olhou para trás: o que ele viu não conseguiu distinguir, pois desmaiou e só acordou à luz do dia. Várias pessoas já contaram, e contam, a mesma história, acontecida no mesmo local e da mesma maneira.

A árvore dos enforcados

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Dizem que na fazenda de um senhor holandês, morador de Arapoti, uma árvore chama a atenção: um abacateiro onde duas pessoas se enforcaram. Uma dessas pessoas subiu até o galho mais alto da árvore, amarrou uma corda neste galho e no pescoço e de lá atirou-se para o solo; sendo que seu corpo foi encontrado já sem vida.

Passados alguns anos, com a fazenda já tendo um novo dono, seu capataz, atormentado pelas aparições de uma moça perto do abacateiro, resolve também enforcar-se em um galho da árvore macabra.

Hoje, muitas pessoas quando passam pelo local sentem-se mal, ou têm visões de um corpo enforcado balançando ao sabor do forte vento que sopra no lugar.

Fonte: Colégio Estadual Rui Barbosa, pesquisa dos alunos das terceiras séries do curso Educação Geral, disciplina Língua Portuguesa e Literatura, profª. Inez Hryniewcz, 1998.

Uma tal confusão BOA ESPERANÇA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

No local chamado Estrela D'Alva, perto de onde havia uma olaria, até o sítio do senhor Luís Felipe, já falecido, várias pessoas que por ali passaram relatam que foram acompanhadas por um caixão, que saía do sítio do senhor Natalício Marcelino, que na época pertencia à família Farias. Tal caixão saía dali e acompanhava as pessoas até o sítio do senhor Luís Felipe.

Certo dia, o senhor Manoel Coimbra saiu de casa para vir à cidade e sua vizinha pediu-lhe um favor. Dona Maria Paraíba encomendou-lhe açúcar e erva-mate. Quando voltava para casa, chegando ao rio Barreiro, avistou de longe um homem sentado na

barranca do rio pescando e o cumprimentou. Ele respondeu com opa. Então o senhor Manoel, achando que era uma pessoa conhecida por nome Gerônimo, filho do senhor Valdete, sentou-se perto do local onde o pescador estava e tirou de seu bolso um canivete e um rolo de fumo para fazer um cigarro.

De repente, por baixo da aba do seu chapéu percebeu que o homem vinha em sua direção, quando foi levantar a cabeça não deu tempo e o tal cara pegou-o pelo pescoço e jogou-o dentro do rio. Ele, assustado, soltou um palavrão e com raiva foi para casa. Chegando a sua casa pediu para sua mulher acudir-lhe rápido, porque a encomenda se tinha molhada toda, devido ao acontecido; e passou a contar a história toda. Então, todos deram-se conta de que ele não estava molhado nem a compra também se molhara. Só então ele se deu conta da situação que tinha enfrentado.

Fonte: narrada por João Veridiano Lopes.

A moça encantada

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Certo dia, o senhor João Batista de Araújo ia para um baile no sítio do senhor Mário Procópio. Ao passar pela estrada da fazenda dos senhores Bepi e Facco, em uma curva bastante fechada, da famosa estrada da fazenda, onde havia uma árvore muito grande, um Ipê Roxo, avistou uma moça de boa aparência com cabelos compridos e toda de branco. Sua roupa era de noiva, com grinalda, véu e sapatos brancos. Ela apareceu sorrindo e pediu para montar na garupa da bicicleta do João.

Para o ciclista foi difícil conduzi-la; quanto mais força fazia, menos conseguia andar e assim foi por mais ou menos dois quilômetros, sendo que depois a moça desapa-

receu. Ao chegar no baile, João contou toda a história para seus amigos. Alguns destes amigos, que moravam na região de Ribeirão Vermelho, assentiram que também já tinham visto a moça vestida de noiva. E a lenda se perpetuou.

Embora muitas famílias da região tenham se mudado a "história" continuou a ser contada. Os antigos relatam sobre uma moça que estava para casar-se, há muito tempo atrás, e a condução que a levava tombou naquele local ocasionando a sua morte. E que por isto ela aparece sempre naquele local, perto da árvore de Ipê roxo, e ainda vestida de noiva.

Fonte: narrada por João Batista de Araújo.

A noiva BOM SUCESSO

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Antigamente existia uma capela no alto de uma chapada, na cidade de Bom Sucesso. Conta a lenda que a capela foi construída em homenagem a uma moça que estaria noiva, porém, dias antes do seu casamento, seu noivo faleceu. Diz a lenda que ela ficou transtornada com a notícia, vestiu seu vestido de noiva e saiu pela mata adentro, sendo, então, atacada por uma onça, que a matou e levou o corpo para essa chapada.

Muito tempo passou e essa capela foi destruída por um incêndio, causado por uma usina de álcool. Dizem que após a queima da capela, uma moça vestida de noiva começou a assombrar os motoristas e tratoristas, que naquela área, à noite, trabalham. Tal lenda ficou tão arraigada, que a usina construiu outra capela no mesmo local onde a primeira foi destruída.

Fonte: ficha preenchida por Mauro Xavier Ferreira.

Cecília, a deusa da estrada CALIFÓRNIA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Era uma linda jovem, de cabelos negros e longos, pele clara e aveludada, igual a uma rosa, com toda a sensualidade dos seus 17 anos. Alegre e apaixonada pela vida e pelo primeiro amor. Em sua primeira desilusão amorosa saiu para afogar as mágoas e tristezas junto com seus amigos. O lugar era lindo, maravilhoso. Essa linda jovem perdeu a vida ao lado dos seus amigos numa represa, enroscando-se num galho no fundo das águas. Ali se foi a vida de sonhos e esperanças.

Passados muitos anos, um caminhoneiro, ao cruzar a Br 376, no sentido Califórnia-Curitiba, vê ao longe uma linda jovem pedindo carona, isto próximo ao local daquele acontecido. Sem saber do fato ocorrido, o caminhoneiro deu carona a ela. Ela solicitou que ele voltasse para a cidade onde residia e fosse ao cemitério fazer uma oração num determinado túmulo. O caminhoneiro ficou assustado e antes que respondesse, a jovem desapareceu. O caminhoneiro, porém, atendeu o pedido da moça. Chegando ao cemitério avistou a foto dela na lápide, reconhecendo-a imediatamente.

Estes fatos são reais. Você pode visitar o túmulo no cemitério municipal de Califórnia, ele fica logo na entrada da cidade. Familiares e amigos foram atrás de explicações para essas aparições; acredita-se que a jovem Cecília desvia os motoristas de algum acidente que estava por vir.

Fonte: ficha preenchida por Agda Mary Fernandes Viotto.

Lenda do Bradador COLOMBO

A lenda do Bradador é conhecida na comunidade do Capivari, área rural do município de Colombo. Desde a sua fundação, os moradores desta localidade são surpreendidos por grandes brados, gritos durante a noite. Os brados são ouvidos principalmente nos arredores da igreja de São Pedro.

E a lenda diz que o Bradador é a alma de uma pessoa, que morreu antes de chegar a sua hora e hoje fica vagando e bradando para todos os moradores.

Lenda da curva da noiva

Contam as pessoas moradoras do bairro de São Gabriel, em Colombo, que há alguns anos atrás uma noiva estava a caminho da igreja, quando ao passar em uma das curvas da rua João Batista Stoco, sofreu um acidente com sua carroça.

Para a infelicidade da jovem noiva, a pesada carroça virou sobre seu corpo, ficando ela entre a vida e a morte. Como a igreja ficava a dois quilômetros do acidente, imediatamente foram avisar o noivo, que às pressas foi ao encontro da sua amada. Ao chegar ao local do acidente, não encontrou mais sua amada com vida.

Hoje a curva é conhecida como a curva da noiva, pois os que por ali passam afirmam avistar a figura da bela jovem, vestida de noiva, vagando pela redondeza à procura do seu noivo.

Fonte: fichas preenchidas por Angela Maria Mottin.

A loira fantasma CURITIBA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Prestem atenção na história que vou contar...
Pois, este conto é de arrepiar!
É uma lenda famosa dos anos setenta...
E que até hoje faz sucesso e arrebenta!

Lurdes era uma loira muito bonita,
Que morava na cidade de Curitiba!
Certa noite,ao sair muito tarde...
Ela resolveu pegar um táxi sem alarde...

Mas, o taxista era um psicopata tarado,
Que estava muito perturbado!
Então, ele levou a loira para o matagal...
Estuprou e matou a pobre com todo o seu mal!

Mas, o que ele não sabia...
É que a loira pertencia...
A uma seita de magia!

Por isto,o espírito da loira ainda rondava...
A cidade como uma escrava!
Um mês se passou e o mesmo taxista...
Ainda trabalhava na estrada e na pista!

Ele estava trabalhando numa noite de chuva e de frio,
Que a todos causa um tremendo arrepio!
Então, uma mulher com capa preta e escura...
Pediu para que o táxi parasse de uma forma dura!

O táxi parou e a mulher entrou no carro com o rosto coberto...
No meio daquele caminho deserto...
Pedindo para o motorista seguir em direção ao Cemitério Municipal...
Com uma voz misteriosa e nada normal!
Chegando na rua nebulosa do cemitério...
A mulher disse ao motorista com todo o mistério:
"– Pode me deixar aqui, minha morada é um túmulo decente...
Mas, você gostaria que fosse diferente... "

O motorista então, falou:
"– Não estou entendendo nada...
Pare de brincadeira , pois já é madrugada!"
Então, a moça tirou o seu escuro véu,
Que mostrou o seu rosto de um jeito cruel!

A loira assim, falou:
"– Sou a mulher que você matou com loucura,
Que, agora, deseja colocar seu corpo numa sepultura! "

O motorista reconhecendo o fantasma...
Teve um ataque de asma...
E morreu asfixiado...
No seu carro, todo congelado!

Mas, o fantasma da loira continuou assustando vários taxistas...

Porém, sua alma nunca deixou rastros e nem pistas.

O fantasma da grávida da praça da Ucrânia

Por favor, não se surpreenda...

Contarei mais uma lenda:

Em Curitiba, toda a sexta-feira...

Havia uma tradicional feira,

Na praça da Ucrânia...

Toda espontânea!

Mas, num inverno de gelar...

Bem numa noite sem luar...

Uma grávida passeava com o seu marido,

Fiel, amado e querido,

Pela feira da Praça da Ucrânia...

Numa sexta-feira espontânea!

Então, esta grávida bela...

Numa barraquinha cor de canela...

Pediu um sanduíche com mortadela!

Enquanto ela esperava o lanche ansiosamente...
Aconteceu algo que embaralhou a mente...
Das pessoas no local:
Um motoqueiro mau...

Desceu da moto e começou a disparar...
Tiros, bravamente, pelo ar!
Mas, ao ver o marido da grávida,
Que já estava toda pálida...

Este motoqueiro tentou acertar vários tiros sem paz...
Naquele pobre, assustado e indefeso rapaz!
Mas, alguns tiros atingiram a gestante...
De um jeito nada elegante!

Então, levaram a grávida para o hospital...
Porém, aconteceu algo mau:
A grávida faleceu...
No meio do breu!

Então, a partir daquele dia...
Começou a ocorrer algo com toda a agonia:
Toda a sexta-feira espontânea...
Bem na praça da Ucrânia...
Uma grávida...
Misteriosa e pálida...
Começou a aparecer de um jeito ruim,
Pedindo para alguém, bem assim:

– Sou uma gestante...
Faminta e nada brilhante!
Porque numa noite nada singela...
Eu tive uma morte nada bela...

E nem tive o meu último pedido...
Socorrido e atendido,
Que era comer um sanduíche de mortadela...
Numa barraca cor de canela!

Mas, como eu sei que você não é ruim:
Você poderia pagar um sanduíche para mim?
Dizem que toda a sexta-feira, de um jeito dolorido...
Ela aparece na Praça da Ucrânia e faz este mesmo pedido.

Fonte: bocadoinferno.com/romepeige/lenda, enviado por Luciana do Rocio Mallon.

Campo mal-assombrado FRANCISCO BELTRÃO

Até 1957, a Companhia Clevelândia Industrial e Territorial Ltda. – CITLA, tinha acabado com tudo: a cidade tinha parado de crescer. Ninguém se sentia protegido, seguro para investir nas propriedades, com aquela jagunçada andando por ali. Isto não foi só em Francisco Beltrão, mas aconteceu de Capanema a Santo Antonio.

Quem comandou a revolta dos moradores contra a CITLA foi o Dr. Walter Pecois. Deu muita sorte e da jagunçada ninguém tinha nome, era tudo apelido, era Maringá, Mato Grosso, Chapéu de Couro, Dente de Ouro. Eles pegavam homens para trabalhar e na hora de pagar, matavam. Onde fica o campo de aviação enterraram algumas pessoas. Dizem que muitos pilotos, na hora de aterrissar, já viram vultos assustados saindo do chão.

Fonte: Prosa vai, prosa vem, segundo Vitório Traiano. Ficha preenchida por Tânia Maria Penso Ghedin.

Poço da visagem GENERAL CARNEIRO

O município de General Carneiro é privilegiado por circundar as margens do rio Turino. Conta a lenda que neste rio existe um poço, mais especificamente nas proximidades do bairro Planalto. Moradores do local, que tinham por hábito a pesca, visualizavam sempre que por ali passava a figura de uma bela mulher. Curiosos e encantados por sua beleza tentavam aproximar-se, porém sua imagem sumia dentro das águas do poço. Por esse motivo o local, até hoje, é conhecido como poço da visagem.

Fonte: ficha preenchida por Gizéli Portela Lammel.

História do Gritador GOIOXIM

O Gritador era ouvido sempre à tarde nas regiões montanhosas, onde havia muita mata nativa. Ele amedrontava a todos os que moravam naquela região e contam que até os cachorros ficavam espantados. Dizem que se imitasse o Gritador ele então gritava mais alto.

As tropas de porco gordo eram conduzidas até a sede do município de Goioxim; de lá seguiam até a sede do município de Guarapuava ou Ponta Grossa. Algum tempo depois, alguns safristas já podiam conduzir suas tropas para São Paulo com caminhões F600.

Fonte: narrada por Luiz Pasturczak, João Gomes e Merquides para Joani Pasturczak.

A noiva que ia se casar IPIRANGA

Na estrada de Lustosa aparece, à meia-noite, uma mulher bonita vestida de noiva, com dinheiro ao seu lado. Conta a lenda que quando essa mulher ia se casar guardou muito dinheiro, mas no dia do casamento morreu misteriosamente. Agora, quem estiver passando pela estrada onde essa noiva aparece e com coragem de aproximar-se dela, pedindo-a em casamento, ganhará o dinheiro que está a seu lado.

Fonte: relatada por moradores da Comunidade de Lustosa para Eliane Dalazoana C. Luz.

O poço

Dizem que há muito tempo foi jogado um cachorrinho novo, um bebezinho e uma noiva no poço da Fazenda Santa Rita, a Fazendinha. O bebezinho chora e grita da meia-noite até clarear o dia. Já a noiva aparece todas as noites, mas são poucas pessoas que conseguem vê-la. Dizem que no dia de seu casamento ela foi jogada lá dentro por uma mulher que gostava de seu noivo.

Uma pessoa que viu a aparição da noiva relata que ela é linda e que até os dias de hoje procura por seu amor, que já não mora mais na Fazendinha, por isso ela vaga nas noites escuras.

Fonte: relato de Claudia Mocelin, Escola Rural Mun. São Carlos para Eliane Dalazoana C. Luz.

O garupeiro IRATI

O rio da Prata é uma comunidade distante e o meio de transporte mais utilizado é o cavalo. Quando alguém fica doente o remédio é buscado por alguém, a cavalo. Nesta localidade existem muitos paióis de roça, onde não reside ninguém, é aí que moram as almas penadas. Quando passa algum cavaleiro, principalmente à noite, essas almas pegam carona na garupa de seu cavalo. E esse é o maior temor dos cavaleiros da localidade.

Fonte: narrada por Vicente Rok.

A bola de fogo IVATÉ

Acontecia na estrada indo para Ivaí, contada por muitos moradores. Dizem que uma bola de fogo, ou de luz, não se sabe o que é, acompanha as pessoas a pé, de carro ou carroça. Quando se passa próximo à mata esta bola os acompanha. E é tão forte que as pessoas perdem até a direção do carro, se estiverem dirigindo.

Isto acontece, sempre, de meia-noite às três horas da madrugada. Algumas vezes, ao invés de acompanhar as pessoas ela fica em cima de uma árvore parada. Mais interessante ainda é que ela é veloz e chega à velocidade de um carro. Outro fator importante é que ela só aparece próxima a esta mata; só acompanha as pessoas nesta travessia, depois desaparece.

Conta-se que a luz aparece porque há algum tempo atrás um policial foi assassinado no fundo da mata. Outra versão é que a bola seja a “mãe do ouro”, ou seja, anti-

gamente as pessoas tinham o hábito de enterrar ouro e as almas daquelas que morreram sem contar a ninguém ficaram penando pelo mundo.

Fonte: narrada por Paulo Henrique (75 anos), morador local. Ficha preenchida por Leonice Santana.

A mulher de branco

Esta lenda é originária de três lugares em nosso município, mas onde ela mais se destaca é no Recanto, que fica a uns 15 km da cidade.

As pessoas que lá moram, contam que uma mulher vestida de branco acompanha os ciclistas e pega carona nas suas garupas. Em uma determinada encruzilhada da região, quando os carros, ou motocicletas, passam, a mulher de branco aproveita e sobe nos carros, ou na carona dos motociclistas. Ninguém sabe, ao certo, o porquê desses acontecimentos. Alguns dizem que uma adolescente foi assassinada pelo irmão, há tempos, naquele local. E, assim, ela passou a assombrar as pessoas.

Fonte: ficha preenchida por Leonice Santana.

A curva da noiva IVATUBA

Havia antigamente um costume na região: após o casamento, convidados e noivos seguiam para o local da festa, em cortejo de carretas puxadas por tratores. Em um determinado cortejo como esse, o véu da noiva, levado pelo vento, enroscou-se na roda do trator, puxando-a para debaixo e matando-a quase que instantaneamente.

Este acidente aconteceu em uma curva da estrada que liga Ivatuba a Doutor Camargo. Segundo relatos, às vezes, à noite, costuma aparecer naquele local um vulto de mulher, vestida de branco, com um véu a cobrir-lhe o rosto. Dizem também que o vulto costuma sentar-se em garupas de bicicletas e motos, esperando que alguém a leve para o lugar de sua festa de casamento. O local é conhecido como a curva da noiva.

Fonte: ficha preenchida por Élida R. Versari.

Assombração da antiga Serrinha

JAGUARIAÍVA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Esta história eu ouvi no norte do Paraná, quando ainda era menino. Meu avô materno Miguel Oleranos estava relatando a outra pessoa e eu memorizei a história.

Antigamente, a estrada que dava acesso a Jaguariaíva saía pela Chácara Santa Luíza, hoje propriedade da família Nanni, em frente ao Bairro Samambaia, e subia aquela serra das pedras, até ao topo do morro. Passava pela fazenda de Juviniano Carneiro Lobo, hoje Fazenda Santa Rosa, até o pouso dos tropeiros, no lugar conhecido como Cinco Pinheiros, fazenda de João Pivovar. Esta propriedade pertenceu antigamente à falecida mãe do Átila Xavier, hoje sede da Fazenda Rincão da Serra. E ia em frente, rumo ao bairro Pesqueiro e Fazenda Diamantina.

Um cidadão antigo, das bandas do Barreiro, do qual não me lembro o nome, vinha seguindo para Jaguariaíva a cavalo e lhe disseram que embaixo da serra, depois que anoitecia, era mal-assombrado.

Este se exaltou e disse:

– Qual o quê? Eu não tenho medo! Pois vou a Jaguariaíva e volto de noite de lá, com meu revólver na cintura, no lombo do meu cavalo. Não tenho medo de nada.

E veio para a cidade. Ficou até tarde e altas horas da noite pegou seu destino, rumo ao Barreiro.

Quando passou o portão que dava acesso às terras do então Coronel Antônio Roque de Lima, percebeu que alguém montou na garupa de seu cavalo. O animal, sentindo o peso no lombo, diminuiu seus passos e o valente começou a sentir arrepios. Mas ainda tinha que subir a serra. Olhava de relance sobre seus ombros e via que havia alguém na garupa. Ao terminar de subir a serra, o pobre animal estava arquejando e ao chegar no próximo portão, que dava acesso à fazenda do Pivovar, o cidadão invisível desmontou. O pobre animal sentindo-se aliviado, deu um arranco pra frente. Nosso amigo, que era valente, passou o portão aliviado, desmontou e foi apertar os arreios que estavam todos frouxos. Foi-se embora e nunca mais passou à noite por essa estrada.

Passaram-se muitos anos. Um dia o senhor Valfrido Wallis me contou que o senhor Luís Cava foi pescar no rio da serrinha, rio Sabiá, e levou uma cortadeira para tirar minhocas. Ao voltar, altas horas da noite, sei lá, onze horas ou meia-noite, ao abrir o portão, quando levou a mão na tronqueira* recebeu um tapa no rosto. E o gringo, do estopim bastante curto, disse, no escuro, a quem lhe bateu:

– Bate outra vez, seu filho da...!!!. Tomou outro tapa, tornou a repetir a ofensa, levou outro “pé de ouvido”. Na quarta vez o camarada se materializou e disse:

– Embaixo do mourão, isto é, da tronqueira do portão, existe um pote de moedas de ouro enterrado! Tire que é teu.

Foi só tirar do lugar a tronqueira, estava lá embaixo o pote.

Dizem que dali em diante sumiu a assombração do local, pois a alma penada se salvou. Sei lá. Nunca estive no inferno nem no céu pra averiguar!!!

***** Tronqueira – mourão no qual se prende a tranca do portão.

Fonte: narrada por Antonio Jaury Muller. Ficha preenchida por Augustinho Argemiro Ludwig.

Lenda do homem-boi LIDIANÓPOLIS

Figura folclórica que possui apenas um olho, localizado na testa. Conta-se que quando um barco com pescadores passa, ele atira pedras para assustá-los, com a finalidade de virar o barco, para que os peixes do local não sejam pescados; já que os peixes do barco retornam ao rio.

Fonte: ficha preenchida por Bruna Giseli Silva.

O primeiro OVNI no Brasil

LUIZIANA

Um OVNI teria descido na colônia Goio-Bang, município de Pitanga, no dia 23 de julho de 1947, atualmente comunidade de Campina do Amoral, município de Luiziana. Segundo os relatos, um objeto voador estranho teria descido próximo a uma estrada, à luz do dia. O fato foi testemunhado por uma equipe de topógrafos, liderados pelo agrimensor José C. Higgins que, ao contrário de seus colegas que fugiram, permaneceu no local e viu três seres estranhos com cerca de dois metros de altura, que manifestaram sinais, sons agudos e altos.

Dois dos seres vasculharam a área retirando amostras do solo. Segundo Playson Walter, nascido na região em 1933, o assunto foi, à época, acompanhado de um certo receio. Cláudio de Paula Xavier, 70 anos, nascido e criado no município, lembra que houve grande discussão popular acerca do acontecido, mas que o assunto foi esquecido com o passar do tempo. Leonor Costin, 88 anos, nascida e criada no local, também se lembra dos comentários que acabaram atraindo pessoas de longe.

Fonte: ficha preenchida por José de Souza Santos.

O carona da bicicleta MATINHOS

Acontecia sempre na rua próximo à caixa d'água em Caiobá, na via que vai para Prainha e Guaratuba. Altas horas, quando os moradores passam por ali de bicicleta, ouvem uma voz que pede licença para ir na garupa.

Certa vez, um senhor chamado Carlos permitiu a carona e pouco adiante disse:

– Sai coisa feia, você é muito pesado.

E a partir daí a bicicleta ficou leve e ele pôde seguir seu caminho. Os moradores evitam passar por este caminho à noite.

Fonte: narrada por Raquel V Leite. Ficha preenchida por Rojane P. Lima.

Fantasma do Central MORRETES

Por volta de 1930, num bairro de Morretes chamado Central, surgiu a notícia de que um fantasma andava aparecendo, esgueirando-se pelas casas, altas horas da noite. Era um vulto branco, rápido, que aparecia e desaparecia. O medo se espalhou.

Até que um dia o Adão, um mulato decidido, enfezou-se e resolveu encarar o fantasma. Uma noite, armou-se de um porrete e ficou na campana, observando onde geralmente surgia o fantasma. Uma porta abriu-se, Adão aproximou-se da casa onde viu o fantasma entrar, fazendo um barulho estranho. Aproximando-se, percebeu do que se tratava. O fantasma era um operário que visitava uma viúva da localidade e cobria-se com um lençol, para afastar os curiosos e as comadres fofoqueiras.

A olhadeira da rua XV de Novembro

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

O senhor Edevaldo Fortuito, morador do Porto de Cima, conta que na rua XV de Novembro uma mulher, muito curiosa, tinha o hábito de espiar pela janela ao menor barulhinho que escutasse.

Numa noite, ela escutou vozes na rua, que pareciam estar rezando. Ela abriu a janela e procurou ver quem era aquela gente toda. Um vulto muito alto veio até a janela e lhe deu uma vela, bem maior que as velas comuns. A mulher, não conhecendo ninguém, nem mesmo o vulto, que estava com um chapelão, guardou-a num baú e foi dormir.

Ao acordar foi ver a vela, no lugar desta encontrou uma canela de defunto. Nunca mais se atreveu a ser curiosa.

Fonte: fichas preenchidas por Laurice Salomão De Bona.

A loira do matão NOVA LONDRINA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Essa história sobrenatural da loira fantasma dos caminhoneiros é contada na região noroeste há mais de 40 anos. Nas imediações da tragédia ela aparece, em especial para os caminhoneiros, ainda vestida de noiva e pedindo carona.

Fonte: ficha preenchida por Ivone Chile da Silva.

A noiva de branco PALMEIRA

Há algum tempo uma moça ia se casar com um homem de quem ela não gostava, pois fora obrigada pelo próprio pai. No dia de seu casamento ela se matou, porque gostava de outro e queria se casar com ele, que era o seu verdadeiro amor. Desde aquele dia, à meia-noite, ela desce de carroça na rua Jesuíno Marcondes para se encontrar com o homem com quem ela queria se casar na Igreja Matriz de Palmeira.

Fonte: Da Boca do Povo à Cultura da Gente. Palmeira, Escola Est. São Judas Tadeu, 2002, p. 20.

Assombrações no Centro Integrado da Cultura

SANTO ANTÔNIO DO SUDOESTE

Em Santo Antônio do Sudoeste a história do Centro Integrado da Cultura se mistura com mitos e lendas. Tudo começou no ano de 1950. Distrito de Clevelândia, Santo Antônio era um pequeno lugarejo coberto de vastos pinheirais e apenas algumas casas. O povo unido buscava a emancipação. No local em que hoje se encontra o Centro Integrado da Cultura, não havia nenhuma construção, apenas a mata nativa.

Em 1951, a tão esperada emancipação do município ocorreu, tendo como primeiro prefeito o Sr. Percy Schereiner. Foi durante seu mandato que a primeira construção no local teve início, em janeiro de 1955. Em abril do mesmo ano a obra foi concluída. Foi uma das primeiras construções públicas em alvenaria no município, foi construída para abrigar um Posto de Saúde Pública pelo governo Bento Munhoz da Rocha Netto.

A obra, totalmente concluída, aguardava para ser inaugurada, quando um

fato histórico marcou a primeira ocupação do prédio. O município de Santo Antônio do Sudoeste ganhou as páginas das principais revistas e jornais do país, com o título: A Revolta dos Posseiros, enfim, a Rebelião Agrária do Sudoeste do Paraná. Elementos contratados pela companhia CITLA - Clevelândia Industrial Territorial Ltda. e Apucarana Ltda., apareceram dizendo serem os legítimos donos das terras do Sudoeste. Jagunços contratados pelas companhias tentavam tirar os posseiros que ocupavam as terras, os colonos reagiram e se levantaram contra as companhias para defender a terra e a própria vida que sentiam ameaçadas. Um verdadeiro caos se instalou não só em Santo Antônio, mas em toda a região.

O Estado, visando acalmar o conflito e restaurar a ordem, enviou para Santo Antônio do Sudoeste um forte contingente da cavalaria, composto por mais de trezentos militares, que vieram montados e motorizados. Na gestão do Prefeito Armando Fassini o prédio de propriedade do Estado foi destinado como Quartel do Contingente.

Na frente do prédio mais de mil e duzentos colonos estiveram reunidos com intenção de invadir o Quartel do Contingente. Os colonos, sob comando de Pedro Santin, deram muito trabalho. Segundo se conta, naquela ocasião estava no comando do Quartel o Sargento Augustinho Linhares, que desmaiou quando viu os colonos reunidos prontos para atacar. Por ser o mais velho, o soldado Levi Marques assumiu o comando e ordenou ao soldado "Pernambuco" que subisse ao telhado do prédio com a metralhadora Madson ponto 50, que disparava mil tiros por minuto.

Outros soldados ficaram posicionados em cada canto do prédio, todos munidos de metralhadoras. Após uma hora e alguns minutos de espera veio até o portão do quartel o líder dos colonos, Pedro Santin, que se dirigiu ao soldado Levi perguntando quem estava no comando, que respondeu ser ele próprio. Pedro Santin disse, então, que os soldados deveriam se entregar, caso contrário iriam invadir o quartel e tomar todos os armamentos e munições que ali existiam.

Foi então que o soldado Levi perguntou se ele havia servido o exército e o mesmo respondeu que sim; o soldado disse, então, "você sabe como funciona" e alertou que,

no telhado, estava à espera uma metralhadora e mais cinco, em vários pontos. Quem passasse do portão, morreria. Pedro Santin saiu e foi conversar com os companheiros, que não se atreveram a concretizar a invasão planejada. Saíram todos, então, rumo à Delegacia de Polícia e lá houve um grande confronto.

O Segundo Sargento Dilermano Custódio da Silva, da Reserva Remunerada da Polícia Militar, tinha no contingente a função de corneteiro da tropa. Lembra que onde fica hoje a sala do Acervo Documental do Museu Municipal na "Casa da Cultura", se "guardavam" os corpos de pessoas mortas nos confrontos ocorridos e incidentes, durante e depois da revolta. Muitas vezes o velório acontecia no próprio quartel.

Dona Izabel Vargas, esposa do Delegado de Polícia Adão Vargas, que atuava na época, não se esquece de uma jovem moça morena, chamada Maria, de 15 ou 16 anos de idade, que morava em um pequeno casebre nos fundos do prédio. Ela foi encontrada morta pelos soldados. Sua morte ficou envolta de mistérios e suposições, apesar da hipótese de suicídio. O fato gerou lendas ligadas ao local, que persistem até hoje, dizendo que a alma da moça ainda vagueia pelos corredores do prédio, pois ela gostava muito de estar no quartel. Passos são ouvidos no corredor, mas quando se vai verificar, não se vê ninguém.

Outros órgãos públicos funcionaram no prédio. Em todo este tempo, pessoas que ali trabalhavam faziam referências aos estranhos barulhos e gemidos que afirmavam ouvir no local e acreditavam que se devia à proximidade do antigo cemitério e, principalmente, aos fatos ocorridos em 1957. Muitas pessoas acreditam também que embaixo do prédio existem corpos enterrados. O prédio ficou abandonado pelo período de quase um ano, sendo alvo de depredação, mas ninguém ousava se aproximar, com medo de assombração.

Em 1970, foi instalado no prédio um Dispensário de Tuberculose. Finalmente a idéia inicial de utilização é concretizada e o local passa a ser denominado Posto de Saúde. Por vinte e sete anos o Posto de Saúde funcionou no local; cem por cento da população utilizou seus serviços, de uma forma ou de outra, mas os fatos relacionados ao local

continuavam: sempre alguém presenciava algo de misterioso no prédio. O posto acabou sendo desativado em maio de 1997, devido às precárias condições em que o prédio se encontrava, permanecendo abandonado até 1998.

Em janeiro de 1998, depois de uma reforma, se instalou no local o Departamento Municipal de Educação, ocupando somente uma ala. Em janeiro de 1999, na outra ala do prédio, foi instalado o Departamento Municipal da Cultura. Em 2000, se iniciou a pesquisa que deu origem ao processo de tombamento.

Hoje o local é um centro de referência da cultura local, que abriga, além do Departamento Municipal da Cultura, o Museu Municipal, a Galeria de Artes Plásticas, entre outras funções correlatas.

A lenda continua. Ainda é possível observar fatos que comprovam as crendices sobre o local. Há quem afirme ouvir ainda passos no corredor. Algumas coisas, às vezes, parecem ser lançadas ao chão, mas no momento que batem no assoalho, desaparecem. O fato mais recente e intrigante é que um sensor de presença, instalado ao lado da porta principal, toca sem que ninguém se aproxime, justo quando se ouvem os passos no corredor. O local continua envolto em mitos e mistérios do passado.

Fonte: ficha preenchida por Neusa Gomes Lopes.

O velório da virgem noiva

SÃO JOSÉ DOS PINHAIS

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

São José dos Pinhais, aí pelos anos de 1928, tinha ainda poucas casas, sem luz e sem água, nem esgoto, e havia muito mato e árvores com troncos enormes. Nessa época, não havia capela para velar os mortos e as pessoas velavam seus entes queridos em suas próprias casas. Havia dois compadres muito engraçados, que compareciam em todos os velórios para distrair

do sono, os parentes e amigos do finado. Sabemos, quanto é difícil noites de inverno ter que passar em claro.

Certo dia, faleceu uma moça já de idade, mas muito séria e moralista. Vestiram-na toda de branco. Véu, grinalda, uma noiva completa. Estavam todos reunidos, velando a moça. Quando aí chegaram os compadres, por volta das 21 horas, pararam na porta um tanto assustados, olhando um para outro, disseram:

– Santo Deus do céu, será que era virgem mesmo? Cochichando nos ouvidos com olhar de malícia.

Lá pela meia-noite, deu uma dor de barriga em um dos compadres, ele foi até um bosque próximo do velório, fez suas necessidades; quando voltava, no pátio da casa, em noite de luar, viu a noiva que vinha toda de branco, passo a passo, pé por pé, aproximando-se cada vez mais. Chegando bem perto, ela disse:

– Ainda duvida de mim?

O compadre deu um salto para dentro da casa do velório, todo assustado, branco como a neve e disse ao seu companheiro:

– Não devemos brincar com quem já morreu.

Fonte: GROCHKA, Inês. Tertúlia & Causos Lendas Sãojoseenses. Coleção Autores da Terra, v. 4, 1996.

Luzinha da Estrada Monte Castelo

SÃO TOMÉ

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Segundo contam os moradores de um lugarejo da zona rural do município de São Tomé, conhecido como Estrada Monte Castelo, há muitos anos atrás, sem motivo algum, surgiu bem distante uma luz que se aproximava muito rapidamente das pessoas e as acompanhava. Normalmente as pessoas fugiam sem pensar duas vezes. Não há relatos de que ela possa

ter causado algum mal a alguém. Porém, conforme conta um morador bastante antigo do local, senhor Alcindo Roque, certa noite, ao avistar a luz do outro lado do rio que cortava seu sítio, começou a chamá-la, apenas para ver se ela atendia. Não deu tempo sequer de piscar o olho e lá estava ela, bem pertinho dele. Segundo relata, o que viu não gostou e não gosta nem de lembrar.

A luz, ao se aproximar, aumentou de proporção e tinha uma característica deformada, algo assombroso que não dá para ser explicado, mas que arrepiava.

– Só sei que não quero mais brincadeira com ela não; diz senhor Alcindo.

Vários outros moradores já avistaram a luz e foram por ela acompanhados, mas ninguém tem uma explicação para o que ela possa ser, ou o que ela quer. Suas aparições ocorrem sempre à noite, porém não necessariamente de madrugada. O último relato de sua aparição foi no segundo semestre do ano de 2004, feito por um estudante que retornava para sua casa, por volta das vinte e três horas.

Fonte: ficha preenchida por Márcia Manzotti.

Ana Beje (1831) TIBAGI

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Ana Beje ajudou na construção da primeira capela de Tibagi, em 1831. Percorreu a região a cavalo, pedindo ajutório para a construção. Na mente da população de Tibagi, a figura de Ana Beje, vestida de branco, percorrendo as ruas da bucólica cidade na escuridão da noite, ainda é presente. Ela aparece e desaparece, descendo o paredão do rio Tibagi. No remanso das águas, ela caminha sobre o caudaloso rio, onde repousa uma serpente. Nas noites de lua cheia, ouve-se apenas o barulho da cachoeira a se contrapor aos barulhos de carroça e cincerros.

Mas, quem quer que tenha coragem, diz a lenda, de dar doze voltas, à meia-noite,

em volta da igreja, verá, em seguida, Ana Beje vestida de branco a caminhar pelas ruas. Mas a cada aparição sua, aumenta uma rachadura nas paredes da igreja. Na neblina Ana Beje desaparece. Não tente segui-la, pois ela vai acalmar a serpente adormecida.

Fonte: ficha preenchida por Neri Aparecida Assunção.

A caverna do jesuíta TUNAS DO PARANÁ

C

Conta uma lenda de nossa região que atrás do Morro da Cruz existe uma gruta que dá acesso à uma outra, ainda mais profunda. Segundo a lenda, ela tem três andares, muito fria e sombria. Ela possui água que vai até a cintura de um adulto.

Diz-se que um sinistro senhor, uma aparição que só vê quem lá entra, manda os aventureiros passarem, indicando o caminho. Porém, todos aqueles que entraram nunca mais voltaram.

Fonte: ficha preenchida por Jocelmo Bertoldi.

Noiva da pedreira TURVO

No centro da cidade há uma subida íngreme, pois é uma laje; nesta subida aparece, nas noites claras, uma noiva. O detalhe principal é que ela aparece somente para ciclistas e eles sempre caem de suas bicicletas.

Fonte: ficha preenchida por Édina A. Binde de O. Lopes.

Benzimentos
CURAS
e milagres

Os benzedores ARAUCÁRIA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Segundo relato do senhor Arnoldo Schmidt, os benzedores eram homens simples, dotados de poderes especiais, que tinham o poder de curar as pessoas com suas rezas. José Wojcik era um deles. Benzia dores de dente, embora as pessoas não recorressem muito a ele, porque seu benzimento fazia tanto efeito que exterminava o dente, fazendo-o virar pó.

Euzébio de Moreira Pinto extinguia uma praga de certo inseto, que atacava as lavouras de trigo e centeio. Os benzimentos extinguiam as feridas do gado, ocasionadas por larvas depositadas pelas moscas varejeiras e que causavam sérios danos ao animal, danificando inclusive o couro.

José Renipalski era também um desses benzedores. Para ele, não precisava mais do que informar a cor, o sexo do animal e a localização da infeção, que a eliminava à distância. O cobreiro, infeção causada por contato com uma árvore chamada “pau de bugre”, não se curava com remédio específico, mas com benzimento. Dona Clara Schmidt era eficiente no benzimento para extinção do cobreiro, bem como para exterminar lombrigas.

Fonte: SCHMIDT, Arnoldo. Boa Vista Minha Colônia. Araucária, 1994. Ficha preenchida por Tânia Gayer Ehlke.

Manoel Trindade CERRO AZUL

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Era uma pessoa simples, trabalhava como diarista em serviços da lavoura. Morava na Raia. Depois, mudou-se para o Quarteirão dos Órfãos, sempre cultivando a terra no plantio de cereais. Nas horas de folga dedicava-se ao estudo das ciências do ocultismo. Tinha relações com a gente de São Paulo, de onde recebia os livros. Através desses estudos aprendeu a ser "curador".

Manoel Trindade fazia muitos benefícios: curava as pessoas através da força mental, aconselhava-as em todas as situações problemáticas da vida, tais como brigas de família e brigas com vizinhos, sempre mostrando o melhor caminho. Fazia também simpatias para mordedura de cobra. Salvou muitas pessoas desenganadas de médicos.

Inúmeras pessoas que receberam seus benefícios ainda vivem hoje. O senhor Artur Bichels é um deles. Conta ele que estava muito bem disposto, andando lá pelos lados da Capelinha do Ninico. Para fugir de uma forte chuva que se iniciava pulou de um barranco alto; porém, ao invés de a queda ser amortecida pelo joelho, caiu seco e este se deslocou por dentro. Sentiu uma "ruindade", segundo conta, e foi lavar o rosto à beira do rio. Mas aí escureceu o mundo de vez: teve que ser carregado para dentro de casa e ficou três meses de cama.

A dona Tuca Von Der Osten lembrou-se do Manoel Trindade e foi até a sua casa contar o caso e pedir um remédio. Ele preparou a "água benzida" para Artur Bichels e recomendou que banhasse com ela a coroa da cabeça e o peito. Conta o senhor Artur que levantava uma fumaça como se jogasse água na chapa fervendo. E quase que o pobre foi-se mesmo. Mas o Manoel Trindade havia dito que se até meia-noite a morte não se decidisse a usar a foice, ele estaria salvo. Felizmente, bem antes, o doente como que despertou e disse:

– Por que você me acordou? Justo agora que eu consegui um sono tão bom.

Manoel Trindade tinha também o poder de prever fatos. Conta-se que um homem foi pedir-lhe um remédio para sua mulher que estava acamada. Após fazer o remédio e entregar-lhe, comentou, à parte, com pessoas presentes:

– Que pena! Ela vai sarar, mas ele vai morrer. De fato, logo que a mulher melhorou o homem morreu inexplicavelmente.

Fonte: narrada pelo prof. Nelson Lorenski, Jornal Peskisa, ano I n.º 3, 8 out. 1985.

Irmão Cirilo – o santo do Sudoeste

FRANCISCO BELTRÃO

Irmão Cirilo (1923-1996) teve grande parte de sua vida ligada a plantas, que se revelaram importantes na cura de muitas doenças e popularmente puderam ser chamadas de "milagrosas". Ele recebia diariamente pessoas que o procuravam para obter orientações sobre ervas medicinais para o tratamento de suas doenças. Atualmente, após sua morte, vem sendo publicada a seguinte oração nos jornais da cidade a pedido de fiéis, que acreditam no poder da fé e na cura de doenças pela intercessão do irmão Cirilo: "Glorioso Irmão Cirilo, que durante tua passagem terrena, através de tua sabedoria divina, curaste milhares de pessoas usando a natureza e seus recursos. Agora, junto de Deus, interceda por mim e por minha família. (repita o pedido que deseja) a fim de que eu seja curada deste mal. Senhor, cura-me, fortaleça-me no corpo, alma e espírito".

Em 1995, a irmão Cirilo foi concedido o título de Cidadão Honorário de Francisco Beltrão e o Parque Ecológico do Horto Florestal da cidade leva seu nome.

Fonte: ficha preenchida por Tânia Maria Penso Ghedin.

Rita, a mudinha LAPA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

A Ritinha nasceu com uma deficiência auditiva e cresceu sem poder se comunicar, o que lhe valeu o apelido de "mudinha". O tempo foi passando e mudinha levando a sua vida, até que um certo dia aconteceu um episódio que até hoje é lembrado com muita comoção e tristeza.

Na tradição do sábado de aleluia era comum as pessoas fazerem bonecos para a malhação de Judas. Alguns moradores da Lapa resolveram fazer da "mudinha" o seu saco de pancadas. Bateram tanto na pobre coitada, malharam tanto o seu corpo que ela veio a falecer. Os vândalos e assassinos arrastaram o corpo da mudinha; violentando, inclusive, a pobre inocente. Mudinha foi sepultada no cemitério da Lapa.

Seu túmulo é visitado por milhares de pessoas que lhe pedem graças. Segundo o comentário do povo, muitos milagres são atribuídos à Rita, a mudinha, martirizada em 03 de abril de 1920, no sábado de aleluia. Para os lapianos mudinha é uma mártir, um mito do povo.

Fonte: ficha preenchida por Iêda Maria Janz Woitowicz.

O corpo santo TUNAS DO PARANÁ

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Conta-se uma lenda em nossa cidade que certa vez uma criança de sete anos faleceu e foi sepultada no cemitério local. Depois de alguns anos o coveiro fez outro túmulo para sepultamento no mesmo local. Quando removeram o caixão, este estava deteriorado, mas o corpo da criancinha estava em perfeito estado. Daí veio a lenda do corpo santo, muito comentada na região.

Fonte: ficha preenchida por Jocelmo Bertoldi.

Cemitérios

e caixões

O féretro fantasma ALMIRANTE TAMANDARÉ

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Na rua José Real Prado, à entrada da extinta morada do “seu Vitorino”, em noites de lua cheia e a altas horas da madrugada, em períodos variados, muitos contam que já viram algumas pessoas carregando um esquife nos ombros, seguidos por uma procissão. Estes comentários existem há mais de 30 anos, muitos dizem que é encanto, muitos que é aparição.

Fonte: ficha preenchida por Wellesley Nascimento.

O caixão ANTONIO OLINTO

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Em um rio de Antonio Olinto há um caixão, todo feito de cimento, que vaga pelas águas; poucas pessoas conseguiram vê-lo, pois ele aparece às vezes. Dizem que um dia, quando um homem estava pescando viu o tal caixão. O pescador, que sempre levava uma arma, naquele dia já a havia utilizado para atirar em uma pomba na beira do rio; mas quando ele foi pegá-la só havia penas e o misterioso caixão. Assustado, foi contar para os amigos e vizinhos que logo foram ver no local o caixão.

Ao chegarem no local, nada havia; desapareceu o misterioso caixão. Contam, também, que para retirar esse caixão da água é preciso que se tenha dois bois gêmeos. As pessoas que viram esse caixão já tentaram tirá-lo da água, mas, até hoje, ninguém conseguiu.

Fonte: SCHWARTZ, Maria Knapik. Causos, Fatos e Lendas, Antonio Olinto, Colégio Est. Duque de Caxias, 2001. (escrito por Luciano Brambila).

O preço da farra ARAPOTI

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

João era um homem fanfarrão que não vivia sem um baile e diversão e, mesmo depois de casado, freqüentava bares e galpões por Arapoti afora.

Certa noite, ele encontrou uma bela moça e, após duas ou três músicas, não esperou nenhum instante e acompanhou-a até à casa dela. A mulher tinha ótima aparência, bem vestida e devidamente maquiada; era a figura mais notável da festa. Mas sua presença por ali já não se via há muitos e muitos anos. Chegando à casa da moça, eles entraram em uma sala enorme, o homem tirou seu casaco e colocou-o sobre uma cadeira. Após o lanche, e muito papo, ele despediu-se com a certeza de que voltaria a vê-la mais vezes.

No outro dia, o coveiro que era seu amigo foi até sua casa e entregou-lhe o casaco. A princípio, João duvidou, mas reconheceu como sendo seu aquele casaco e contou que havia esquecido na casa daquela moça. O seu amigo sorriu, dizendo que o havia encontrado dentro de um mausoléu no cemitério.

O espírito do cemitério

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Há anos atrás ocorreu um fato no cemitério da cidade. Alguns jovens, em uma brincadeira de mau gosto, apostavam quem pegava mais cruzes, brincadeira esta que era muito comum naquela época.

Certo dia, uma moça muito bonita faleceu por causa não relatada, deixando um clima sombrio no local. Ao chegar o dia de finados, mais ou menos duas semanas depois do acontecimento, um rapaz senta-se sobre um túmulo e repara em uma bela garota ao seu lado. Inicia-se a conversa entre os dois que acaba repentinamente quando ele revela que roubava cruzes. Ela o desafia a roubar uma cruz naquela noite,

a sua própria. Ela entrega-lhe uma rosa e desaparece no meio de outras pessoas. Ele guarda a flor dentro do bolso, envolta em um lenço azul.

Naquela noite, para a surpresa dele e de seus amigos, não havia nenhuma lápide e nenhuma cruz; era como se aquele lugar nunca tivesse existido. Ele lembrou-se da rosa. Quando pôs a mão no bolso teve uma terrível surpresa: a rosa transformara-se em um pedaço de osso humano.

Fonte: Colégio Estadual Rui Barbosa, pesquisa dos alunos das terceiras séries do curso Educação Geral, disciplina Língua Portuguesa e Literatura, profª. Inez Hryniewcz, 1998.

A escrava CLEVELÂNDIA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Há muitos anos atrás, em uma fazenda de nosso município, um fato curioso aconteceu. Certa amanhã de inverno, dona Maria esquentava-se na boca de seu fogão à lenha, quando sua escrava começou a falar, que quando morresse, não gostaria de ser enterrada no cemitério municipal e sim no cemitério da fazenda. Ali era o lugar que ela gostava. Dizia ela: “aqui eu nasci, aqui vivi e aqui quero ficar; naquela colina de onde poderei ficar enxergando os meus senhores, os quais foram tão bons para mim”. Sua patroa ria muito e não ligava para o que ela falava.

Como, naquela época, morriam muitas crianças ainda bebês, do chamado mal dos sete dias, a fazendeira fez um cemitério para as crianças, bem embaixo de um lindo pinheiro. Foi todo cercado com uma linda cerca branca. Muito tempo se passou e a escrava faleceu. Foi velada na fazenda, depois colocada em uma carroça para ser enterrada no cemitério municipal.

Porém, para sair da fazenda era preciso passar bem ao lado do cemitério das crianças e veja só o que aconteceu: quando chegaram bem perto do cemitério da fazenda, a carroça parou e os bois não iam nem para frente nem para trás. Puxavam, batiam nos

bois, gritavam e nada adiantava. No mesmo instante, dona Maria lembrou do pedido que a escrava havia feito e determinou que voltassem, pois ela seria enterrada no cemitério das crianças, assim fazendo a vontade da escrava.

Os bois, então, começaram a andar sem que ninguém precisasse comandá-los. Andaram e chegaram até o portão do cemitério ali parando. Enterraram a escrava ali, realizaram seu último pedido, seu desejo de permanecer para sempre perto de seus senhores. Como dizia a escrava: "aqui nasci, aqui vivi e aqui quero ficar".

Fonte: narrada por Maria de Lourdes Pacheco, descendente dos donos desta fazenda. Ficha preenchida por Lucimar de Freitas Provenzi.

Túmulo fora do cemitério PALMEIRA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

No verão de 1872, Zeca Paula, filho de rico estancieiro do Rio Grande do Sul, na cidade de Uruguaiana, trazia uma grande tropa, com destino à feira de Sorocaba, em São Paulo. Exaustos pela travessia do caminho do Viamão, chegando aos campos gerais estes resolveram fazer uma pausa forçada.

Enquanto os peões zelavam pela tropa, Zeca Paula hospedava-se na freguesia de Palmeira, foi então que deparou com uma linda jovem, filha de importante família local. Os dois logo se apaixonaram. Conta a lenda que o pai não apreciava aquele namoro. Foi então que a jovem deixou de ser vista na janela. Dizem que a linda moça padecia em um sítio muito distante, consolada por sua mãe. Com o desaparecimento da moça o namorado entristeceu-se, de tal ponto que foi ao desespero. Pouco tempo depois, encontraram-no morto, enforcado em seu próprio quarto.

Sendo esta grande injúria contra Deus, no seu sepultamento o pároco não permitiu que seu corpo fosse enterrado no cemitério da capela Bom Jesus, ficando assim

do lado de fora e em cova rasa.

Não se passando muito tempo, veio seu pai a Palmeira, substituir aquela modesta cruz de madeira por uma sepultura de pedra e cal, onde colocou uma lápide com os dizeres: "aqui jaz José de Paula e Silva filho do Barão de Ibicuí, nasceu em 2 de abril de 1835 e faleceu em 7 de março de 1873". Com a reforma do cemitério, os restos mortais foram levados para o cemitério municipal onde se pode ver a referida placa em seu túmulo.

Lenda dos dois cavaleiros

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Como um tropeiro cometeu uma injúria muito grave a Deus, o pároco não permitiu que o seu corpo fosse enterrado dentro do campo santo. Foi então enterrado fora dos muros do cemitério da capela do Senhor Bom Jesus. Entretanto, nesse mesmo período, um outro homem havia se enforcado, também cometendo grave injúria contra Deus.

Dizem que esses homens visitam-se. Passam pela "rua do Banhado" correndo, montados em cavalos sem cabeça e quando se encontram, descem de suas montarias e começam a cavar o solo, em sinal de cumprimento. Depois de voltar cada um ao seu lugar, desaparecem misteriosamente.

Fonte: fichas preenchidas por Vera Lúcia Mayer.

Corpo seco

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

A pessoa que bate no pai ou na mãe, quando morre vira corpo seco, a carne não se decompõe, seca.

No capão do Cemitério da antiga fazenda Santa Rita, município de Palmeira, diziam que havia um corpo seco. Certa vez um homem dos matos que vendia farinha na Palmeira, amarrou a mula numa árvore; era uma mula mansa e começou a louquear, e quando reparou bem, tinha amarrado-a num corpo seco, na altura do umbigo.

Diziam que parava numa jabuticabeira grande no alto do capão e tinha uma barba bem grande; depois tiraram o corpo-seco e levaram para o mato.

Fonte: VEIGA LOPES, José Carlos, Sapecada, 1972. Lenda ouvida de moradores antigos da região do Cercado, divisa entre os municípios de Palmeira e Campo Largo.

O túmulo de Maria Quebra PIRAÍ DO SUL

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Já existindo como aglomerado populacional desde o início do século XVII, o então Bairro da Lança manteve até o início do século XX as mesmas características das povoações habitadas por portugueses e seus descendentes, em sua convivência com o índio e o negro.

A Proclamação da Independência, a libertação dos escravos, a Proclamação da República ou a Revolução Federalista, ou outro fato nacional, em muito pouco modificaram o dia-a-dia dos habitantes do Bairro da Lança.

Localizado às margens do caminho do Viamão a Sorocaba, o pequeno povoado que englobava as localidades de Cercadinho (Campo Comprido), Lança, Silva, Fundão,

Machadinho, Furnas (Murtinho), Tabor e Jararaca, assistia à passagem do viajante que demandava São Paulo ao Rio Grande do Sul, ou dos Pampas ao Norte do País. Por ser o único caminho de ligação com o sul do Brasil, ou acolhia o tropeiro em sua passagem para a feira de Sorocaba, ou na volta aos campos de criação do Sul, sem que as características do seu dia-a-dia fossem modificadas significativamente.

Os mortos eram enterrados com o tradicional cerimonial da época, nos cemitérios existentes nas concentrações mais importantes do bairro como: Campo da Lança, Campo Comprido, Furnas e Fundão e mais recentemente no cemitério da Vila Piraí, localizado no Alto da Rua XV, onde os portugueses, brasileiros, índios ou escravos recebiam sepultura sob as bênçãos da fé cristã, o respeito às Leis, aos costumes e à tradição.

Entre os séculos XIX e XX, residia na rua hoje denominada Julieta Veiga Queiroz, nas imediações da casa de dona Zelinda Miro, uma senhora a quem chamavam "Maria Quebra". Tinha esse nome em razão do gênio atirado, ou por suas atitudes violentas e rudes, o que era motivo constante de brigas e desentendimentos, o que lhe valeu o apelido.

A passagem para o século XX veio trazer a Piraí do Sul sensíveis modificações em todos os segmentos da vida local, notadamente em seus costumes e hábitos, comércio, sociedade, modificações estas que perduram até o final da Primeira Guerra Mundial.

A população local que era constituída essencialmente de descendentes de portugueses, com suas mesclas com o índio e o negro, recebeu o choque da imigração européia (alemães, poloneses, russos/ucraínos e italianos), bem como um significativo contingente árabe. Novos rumos tomou o aglomerado populacional, com um significativo aumento na construção de casas em novos estilos e o traçado de novas ruas. O dia-a-dia da Vila Piraí foi modificado sensivelmente, com novos hábitos na vida social, na igreja, no casamento, na comida, na escola, no comércio e na política, conservando até hoje a influência da imigração italiana. Com o aumento da população da sede da Vila, o pequeno cemitério da rua XV (alto), passa a receber os mortos não só da zona urbana, mas também da zona rural, recebendo melhoramentos, bem como túmulos artisticamente construídos.

Maria Quebra, na sua vivência com bebidas e festas e pela vida devassa que levava, contraiu o mal de Hansen, tendo padecido por longos anos desta enfermidade. Em meados do ano de 1917 veio a falecer, preparando-se o seu sepultamento, que seria realizado no cemitério ao alto da rua XV, como era de costume para os moradores da Vila. Sepultamento esse que não foi autorizado, sob a alegação de que Maria Quebra havia morrido de lepra e não poderia ser enterrada junto aos mortos daquele cemitério. O cemitério mais próximo da Vila era o Campo da Lança, que estava sendo desativado, primeiro pelo novo hábito de se utilizar o cemitério da Vila e, também, porque o local estava infestado de tatus rabo mole, ou testa de ferro; animais que profanavam as sepulturas, levando a que as famílias se negassem a enterrar seus mortos naquele local. O cadáver de Maria Quebra, insepulto, esperava local para seu merecido descanso, tendo em vista a negativa da autorização do uso do cemitério municipal.

Por fim, decidiu-se que ela poderia ser enterrada nas proximidades daquele campo santo, desde que fora dos muros. Assim, Maria Quebra recebeu sepultura ao lado direito da estrada que passa nos fundos do cemitério municipal e vai em direção ao bairro do Bonsucesso. Sua sepultura está a uns 700 metros além dos muros, ao pé de um centenário cedreiro, onde até hoje alguns devotos depositam suas preces e oferendas.

Fonte: SZESZ FILHO, Ricardo Martins. Histórias que Piraí conta.

O Cemiterinho QUITANDINHA

Existe na localidade de Reis um cemiterinho semi-abandonado, cuja história registramos. Havia na localidade de Reis um homem de mau caráter de nome Antônio Chato, o qual vivia com uma mãe solteira, com um filhinho de nome Virgílio. Antônio maltratava a amásia, como também

o inocente filhinho. A criança apanhava todos os dias. Muitas vezes a mãe da criança fugia de casa pelos maus tratos recebidos. Antônio então batia na criança para que a mãe, atraída pelo choro, viesse em socorro do filho, quando apanhava também.

Antônio Chato amarrava a criança numa árvore, deixando ali um pote de barro com feijão e farinha para sua alimentação, enquanto o casal passava o dia fora. Algo de estranho começou a acontecer quando o menino ficava amarrado em dia de chuva, não se molhava. Uma força divina o protegia. Certa vez Antônio Chato fez um colete cravado de espinhos por dentro e também uma touca com espinhos e vestiu o menino, enquanto o deixavam a sós. Desta vez o menino morreu pelos maus tratos recebidos.

Os pais sepultaram o menino no mato e deram como desaparecido. Passado algum tempo, o caso foi denunciado à polícia da Lapa, a qual obrigou Antônio Chato a dar conta do menino. Levados ao local e desenterrada a criança, nova surpresa: seu corpinho estava intacto, tal qual havia sido enterrado.

Uma piedosa senhora de nome Francisca Xavier de Oliveira, tendo obtido uma graça por pedido que fez ao menino, mandou cercar o local da sepultura e confeccionar a imagem de um anjo com o nome de Anjinho Virgílio, e a colocou em cima da sepultura. Anjinho passou a ser objeto de devoção para o povo do lugar.

João Mendes (curador) mandou construir o cemitério que passou a servir para enterro de ouras crianças mortas nas redondezas e uma capelinha para o Anjinho Virgílio. Hoje a capelinha foi demolida e a imagem do anjinho transladada para a residência de Jeremias Mendes, o qual mandou reformar e pintar a imagem, juntamente com a coroa de espinhos. A comunidade pretende construir uma capela em honra do Anjinho Virgílio.

Fonte: VEIGA LOPES, José Carlos. Informada a partir do livro Quitandinha: origens e formação, de João Santana Pinto.

Lenda do cemitério SÃO JOÃO DO TRIUNFO

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Esta lenda é contada por pessoas mais velhas do município de São João do Triunfo. Relatam que, misteriosamente, dois túmulos se juntaram no cemitério municipal.

A história que todos contam é que isso foi a manifestação sobrenatural do amor; pois essas duas pessoas ali sepultadas não puderam viver um grande amor, porque pertenciam a classes sociais diferentes e somente assim puderam viver juntas.

Conforme demonstram fotografias tiradas dos túmulos, pode-se ver, claramente, que eles se juntaram. Estavam muito distantes um do outro e não haveria como empurrá-los, ou mesmo não havia possibilidade de deslizar um ao encontro do outro.

Fonte: ficha preenchida por Maria Aparecida Oleniki Dombroski.

Túmulo mal-assombrado VERÊ

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Do Joaquim de Matos? Eu me lembro. Uma vez eu estava fazendo uma carneira (túmulo) e daí começou um ronco. Cada vez que eu batia com a picareta no chão, dava o ronco. Eu parava, o ronco parava. Eu batia no chão, dava o ronco. Já tinha cavado seis palmos, faltava um para dar os sete palmos, que é o tanto que a gente cava para enterrar os defuntos, né?

Tentei de novo, veio o ronco. Só podia ser alguma alma penada que está por ali. Deu medo. Saí. Mas aí, lembrei de chamar o Joaquim de Matos na bodega dele, que ficava ali perto do rio. Peguei uma meia garrafa de pinga, para dar coragem e ele foi comigo.

No que eu voltei a trabalhar deu o ronco de novo. Mas daí, com o Joaquim ali

junto, não tive medo. Falei: “agora vou continuar até o fim”. Aí o Joaquim viu que o que eu disse era verdade. Ele disse: “é, tem um ronco”. Dali a pouco, deu uma eira de sol, o Joaquim viu que tinha umas moscas entrando numa carneira, no lado que eu estava cavando. Aí descobrimos.

As moscas entravam pelo buraco do tijolo, para comer o cadáver do homem que estava enterrado lá. Quando eu batia no chão, elas levantavam em enxame, dava aquela zoada que parecia um ronco. Foi aí que descobrimos a “visagem”. Fiz uma bolota de barro, tapei o buraco e pronto. A carneira de onde vinha o ronco era de um homem que morreu queimado, fazia poucos dias. Ele sofria do coração, foi botar fogo numa roça, a fumaça atacou e ele caiu. O fogo veio e ele morreu queimado, lá na Barra do Cerne.

Fonte: relatada por Lisboa Morais da Silva, publicada na Revista Verê: 40 Anos de Município – 60 Anos de História, out. 2003, p.10.

Heróis, BANDIDOS caçadas e aventuras

Hermógenes CERRO AZUL

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Talvez o personagem mais conhecido do imaginário popular cerroazulense seja o "coronel" Hermógenes de Araújo, que viveu nos idos do século XIX, em tempos de coronelismo e voto de cabresto.

Hermógenes era figura muito conhecida na região, sua casa era a melhor e mais rica e ele tinha muita influência junto ao Governo do Estado, representado por Vicente Machado. Bastante conhecido pela sua dureza e crueldade, era o mandatário da região, vivendo cercado de jagunços encarregados de fazer o "serviço sujo".

O episódio mais famoso envolvendo seu nome está relatado no livro "A Cruz do Alemão", de Cid Destefani: é o assassinato, à tocaia, de um imigrante alemão chamado Henning. Henning foi executado por um bandido chamado Diomiro Furquim e capangas, a mando de Hermógenes, por razões políticas que envolviam nomes importantes do cenário paranaense da época, como Vicente Machado, Padre Alberto, Pároco de Curitiba e o Barão do Serro Azul.

Por ser uma figura tão peculiar, são controversas as muitas histórias a respeito dele. Conta-se que teria morrido de uma febre misteriosa que tomou seu corpo. Antes de morrer, agonizou durante vários dias e seus empregados se revezavam noite e dia, abanando o seu corpo na tentativa de aplacar o calor. Muitos diziam que era o fogo do inferno, castigando-o por seus pecados.

Conta-se, também, que depois da morte, seu túmulo vivia rachando, porque a alma não encontrava descanso. Para resolver o problema, o túmulo recebeu grossas correntes a sua volta. Mais tarde, estas correntes foram levadas para o antigo pátio da Prefeitura Municipal e conta-se que enquanto elas ali permaneceram, nada naquele local prosperou.

Fonte: ficha preenchida pela professora Vânia de Moura Machado.

Mais uma do Hermógenes

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Isso foi nos tempos da primeira república. Hermógenes, o grandalhão, mandava em Cerro Azul. Sua fama é de um homem muito malvado. Era tão temido, que teve pai batizando filho com o nome de Hermógenes, como sinal de respeito e para aplacar a ira do "Sinhozinho Malta" daquele tempo.

Era um político muito vingativo, segundo a versão de alguns. Ele tinha o apoio do Governo Estadual, por ser o chefe político da região. Como "não havia" autoridade policial era ele que "fazia o serviço", à sua maneira. Estava sempre rodeado dos seus capangas, que cumpriam religiosamente todas as suas ordens. Quando ordenava para prender alguém e este não obedecia à voz de prisão, os capangas tinham recomendação de matar.

Certa vez, conta-nos Chico Tiblier, Hermógenes teria mandado prender um camarada e disse que se não pudessem trazê-lo vivo, que trouxessem a cabeça dele. E não é que os desgraçados fizeram o serviço ao pé da letra! Trouxeram a cabeça do miserável e a colocaram na mesa. Hermógenes, ao vê-la, teria dito:

– Barbaridade! Que serviço vocês fizeram. Com o susto, o tirano desmaiou e nunca mais conseguiu ser o mesmo. A cabeça do homem foi enterrada nos fundos de sua casa, onde é hoje o bar do Jadir. Depois que Hermógenes morreu, contam muitas pessoas, a casa dele ficou assombrada. Dizem, por exemplo, que o assoalho da casa se erguia e formava um caixão.

Fonte: narrada pelo prof. Nelson Lorenski, Jornal Peskisa, ano I n.º 3, 8 out. 1985.

As caçadas no Girau DOIS VIZINHOS

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Desde o surgimento do povoado, que deu origem ao município, o local tem dois centros: sul e norte. Quando ainda era distrito de Pato Branco, a parte sul foi denominada Girau Alto, devido à construção de um rancho de madeira tosca, no qual os caçadores de anta colocavam-se na parte superior e ficavam de tocaia aguardando os animais selvagens que se aproximavam do lambedor, às margens do rio Girau.

Certa vez, o caçador Waldomiro Schirmer surrou uma onça com um cobertor. O animal invadira a parte baixa do galpão, promovendo um grande alvoroço. Schirmer, pensando inocentemente que se tratava de uma briga entre cães, armou-se de seu cobertor e deu algumas lambadas no lombo de um dos "cães".

Só depois ficou sabendo pelos companheiros que o tal "cão" tinha pelo de onça, urrava como uma onça e parecia nada satisfeito, como é próprio das onças, e que, portanto, era uma onça. Testemunhas de seu susto, os companheiros afirmam que a onça ainda deve estar correndo de medo.

Fonte: ficha preenchida por Enelói Terezinha Pijack.

A árvore da morte ITAIPULÂNDIA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Contam os mais antigos, que nos tempos das obragens vivia nas barrancas do rio Paraná um argentino, este contratava somente homens solteiros para trabalhar em sua propriedade. Quando o empregado pedia a conta para ir embora, o argentino fazia o acerto; depois mandava capangas

executar o empregado, enforcando-o na árvore e tirando todo o seu dinheiro. Todos os mortos tinham seus nomes entalhados na árvore.

Fonte: ficha preenchida por Iria Bruch Böhm

Pala Branca MAMBORÊ

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

O conhecido Pala Branca veio da região de Caçador, Santa Catarina, após um tiroteio com a polícia daquele lugar. Passou a residir na região de Pensamento e possuía um documento com o nome de Fermino Caneveze, outro com o nome de Augusto Cela e havia, ainda, um terceiro documento. Era chamado de Pala Branca, pois sempre usava um pala desta cor, para cobrir as armas de fogo que carregava presas ao seu corpo.

Ele tinha três filhos e três filhas, todos muito educados. Todos os membros de sua família eram muito acolhedores, segundo contam os antigos. Ao chegar, à noite, na casa de alguém, por mais que fosse conhecido, não incomodava. Dormia próximo à cerca e só pela manhã chamava os donos da casa.

O Pala Branca era temido por aqueles que o conheciam ou sabiam de sua fama. Ao mesmo tempo, para os amigos, era um bom homem e estes usufruíam de sua proteção. Não era difícil para ele tirar a vida de alguém. Bastava que este o provocasse, ou prejudicasse um amigo seu. Numa festa em Pensamento, um bêbado o provocou e o ameaçou com uma faca. Pala Branca afastou-se até os limites dos galhos de uma árvore. Aí o bêbado o feriu na cabeça. Pala Branca sacou sua arma e o matou. Entre os integrantes de sua gangue, destacavam-se Pé Grande, Cabeça de Tigre e Camisa de Couro.

Numa ocasião chegou a entrar a cavalo num bar em Mamborê à procura de alguém.

Alguns proprietários de cavalos procuravam fazer amizade com Pala Branca; assim, ficavam mais tranqüilos e os animais não seriam roubados. Para alguns que o conheceram, ele não era um “ladrão de cavalos”, propriamente dito. Houve casos nos quais ele e seus homens retiraram animais de propriedades, só com a intenção de prejudicar o proprietário, inimigo seu. Estes animais não eram para ser vendidos nem utilizados por Pala Branca.

Ele, porém, era envolto num grande mistério. Ninguém explicava como Pala Branca desaparecia nos momentos em que sua liberdade parecia ameaçada. Casos como o de uma festa com os amigos, numa residência em Mamborê. Lá pelas tantas, apareceu a polícia à procura de Pala Branca. Simplesmente ele desapareceu, voltando ao meio dos amigos algum tempo mais tarde.

Numa ida a Pensamento com um amigo, à noite e a cavalo, após aproximadamente cinco quilômetros da cidade, Pala Branca avistou dois Jeeps da polícia vindo em sentido contrário; disse ao amigo para que seguisse adiante. Assim ele fez. Passando a ponte, os policiais perguntaram ao amigo por Pala Branca. Este disse não saber. Os policiais seguiram em frente. Minutos mais tarde Pala Branca alcançou o amigo. Acontece que naquele trecho a estrada se transformava num verdadeiro corredor, com mato e cerca dos dois lados, não havendo a mínima possibilidade de se esconder.

Numa outra feita, Pala Branca e os amigos estavam numa zona do baixo meretrício, que se localizava nas proximidades da esquina da atual Av. Paulino F. Messias e rua Pirai. A polícia apareceu de repente na porta. Pareceu ser automático: entrou a polícia, Pala Branca sumiu. Os amigos disseram aos policiais que ele estava ali e que não sabiam para onde tinha ido. Apenas sua mula foi levada para a delegacia. Uma hora mais tarde, mais ou menos, Pala Branca já estava novamente entre os amigos e as mulheres.

Quando saiu de mudança para Pinhão foi ferido e escondeu-se em Pensamento, por um certo tempo. Veio a morrer mais tarde em uma briga com seus capangas, em Laranjeiras do Sul. Nesta, morreram, além de Pala Branca, mais duas pessoas.

Fonte: OLIPA, Vilson. História de Mamborê.

O fundador Santiago Lopes José

MARILÂNDIA DO SUL

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Santiago Lopes José pode ser considerado uma lenda, por ter tido grande influência no modo de vida das pessoas do município. Como um dos fundadores conquistou um grande respeito por parte de todos que aqui viviam, influenciando na vida política, religiosa e social.

Na época era considerado por muitos como um “santo” e “curador”, pois benzia e distribuía água às pessoas, além de orientá-las sobre seus procedimentos morais. Ele não obrigava ninguém a seguir seus costumes, mas aqueles que não seguiam não recebiam a água benta.

Suas regras diziam respeito ao modo de se vestir, com roupas longas; não comer carne nos dias de quarta-feira e sexta-feira; freqüentar a igreja todos os domingos; não trabalhar nos dias de sábado e domingo. Ainda hoje, muitos destes costumes são seguidos por várias pessoas do município.

Fonte: ficha preenchida por Angélica Proença Frazão.

A lenda da cabeça do enforcado

PARANAGUÁ

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Um escravo africano matara o seu amo, lá pelos lados do Im-bocuí, devido aos maus tratos que há muito vinha sofrendo. Levado ao júri, foi o infeliz condenado à morte, sumaria-mente, sendo daí a dias enforcado.

Era uso na época, quanto aos escravos, depois de enforcados, cortar-se a cabeça da vítima e colocá-la num poste, em um lugar bem visível e que fosse freqüentado

pelos negros, para servir de exemplo a esses infelizes cativos. O poste com a cabeça do enforcado foi colocado na Fonte da Cambôa, por ser o local de vaivém diário dos negros. Os escravos, que iam à fonte buscar água para os seus amos, quando chegavam na ladeira, baixavam a cabeça, para não olhar aquele crânio pendurado. O pavor lhes invadia a alma cheia de crendices e medos. Eles tinham verdadeiro horror de descer a ladeira ao anoitecer, pois se dizia que a visão do corpo sem cabeça vagava, desde o escurecer até alta madrugada, enlouquecendo as pessoas que por ali passassem.

Para os senhores de escravos, essa lenda era um meio seguro de obrigar os cativos ao trabalho, ameaçando-os, caso vadiassem, mandá-los à fonte durante a noite. Esse costume continuou vivo, desde o século XVII, nos tempos coloniais, até 1888, quando foi proclamada a abolição da escravatura. Com a Independência do nosso país, muitas leis foram revogadas. Assim, o crânio dali desapareceu.

Hoje, depois de 300 anos, nem mais se fala nisso, e poucos, se ainda existem, poderão lembrar. Atualmente, a Fonte da Cambôa é um lugar aprazível, sendo muito visitado pelos turistas.

A lenda da caveirinha

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Um escravo muito tagarela vinha da Fonte Velha, trazendo um pote d'água à cabeça. Ao atravessar o "Campo Grande", viu, encostado a uma velha figueira, um esqueleto humano.

Meio assustado, porém, por brincadeira e com vontade de falar, arriscou-se a dizer ao esqueleto:

– Caveirinha, quem te matô?

– Foi a "língua"; ouviu o esqueleto responder.

Achando graça, tornou a perguntar:

– Caveirinha, quem te matô?

E a resposta não se fez esperar:

– Foi a “língua”...

Fez o negro a pergunta pela terceira vez; a mesma resposta ouviu:

- Caveirinha, quem te matô?

– Foi a “língua”.

O escravo, então, apressou o passo, não por medo, mas para chegar mais cedo à casa do amo; pois estava doidinho para soltar a língua, como sempre fazia, mentindo descaradamente. Tão logo deixou o pote com água na cozinha, foi, lépido, até a senzala nos fundos do quintal, para contar o caso aos companheiros de cativeiro, que havia falado com uma caveira.

Alguns começaram a rir, gozando o escravo linguarudo. Outros, nem deram atenção; pois já conheciam as manhas e mentiras dele. Mas um deles, muito crédulo, aventurou-se a contar ao amo a façanha do negro marombado, como diziam todos. O patrão, cansado de saber das invencionices do escravo, mandou-o chamar. Ele veio todo lampeiro. O patrão então perguntou.

– Que história é essa do esqueleto falar, seu negro sem vergonha?

– Meu amo, eu juro que oví a caveira falá.

– Você não perde o costume de soltar a língua. Não se emenda mesmo.

– Mas eu vi a caveira e oví ela falá. Eu juro que não tô mentindo. Ela tá lá.

– Você é um descarado. Não sabe que um esqueleto não tem vida? Como então poderia ele falar?

– Falô, sim sinhô, meu amo. Eu tô dizendo a verdade. Mecê pode aquerditá. Desta veis eu não tô mentindo.

– Jura em nome de Deus?

– Juro, por nosso sinhô!

– Pois bem. Nós iremos ao Campo Grande. Queremos ver esse esqueleto, se ainda lá está, e também ouvi-lo falar com você. Mas fique certo do seguinte; se o esqueleto

ainda lá estiver e não responder à sua pergunta, eu mandarei amarrá-lo ao tronco da figueira, junto ao esqueleto, para receber 100 chicotadas, a fim de nunca mais mentir.

E lá se foram todos, patrão, empregados e escravos; onde, de fato, encontraram um esqueleto encostado a uma figueira, no tal Campo Grande.

– Agora, disse o patrão: fale, negro sem vergonha; fale com ela.

– E o negro, já meio amedrontado; caveirinha, quem te matô? Nada; o esqueleto não respondia. Tornou a perguntar: caveirinha, meu bem, quem te matô? Nem uma palavra. O negro, temendo já o castigo que ia receber e que por certo não agüentaria, começou a implorar: Caveirinha, minha boa amiguinha, diga, por favô, quem te matô. Diga, senão eu vô apanhá muito. O silêncio continuava.

– Pessoal, falou o patrão, amarrem esse marombado ao tronco da figueira e executem as minhas ordens. E foi-se com os demais escravos. O pobre escravo não agüentou o suplício e morreu. Já era noite quando isso aconteceu.

Depois que os empregados foram embora, deixando o negro amarrado ao tronco da árvore. Ouviu-se uma voz, a voz do esqueleto: “eu não te disse que quem me matou foi a língua? Isso aconteceu no tempo da escravidão. Contavam os negros em suas senzalas, à noite.

Fonte: fichas preenchidas por Jorge D. dos Santos, professor e historiador da FUMCUL.]

Figueira do corpo seco PONTAL DO PARANÁ

Caro leitor preste atenção
Na história que vou contar
Este fato ocorreu no litoral
Do Estado do Paraná

Há muitos anos passados
Na época da escravidão
Os negros trabalhavam duro
Em troca de um pedaço de pão

Na localidade ribeirinha
Chamada de Guaraguaçu
Havia um patrão temido
Por todos os negros do sul

Os negros não tinham direitos
O patrão era um carrasco cruel
Mandava escravo para o tronco
Depois deixava ao léu

Um dia um escravo fujão
Ao ser capturado pelo capataz
Foi colocado no tronco
Sendo espancado até demais

O local da execução
Foi num mato fechado
Ficando o corpo do escravo
Naquela árvore amarrado

O negro não resistiu
A tamanha agressão
Vindo o pobre a falecer
Sem receber extrema unção

A figueira com os anos
Foi sua casca fechando
Ficando o corpo do negro
Ao tronco preso secando

Hoje quem visitar o Guaraguaçu
Deve aproveitar para conhecer
A figueira do corpo seco
Que lá está para quem quiser ver.

Fonte: narrada por Francisca Kaminski.

O homem das sete orelhas

SANTO ANTÔNIO DA PLATINA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Por volta de 1880, chegava a Santo Antônio da Platina uma família vinda de Fartura, Estado de São Paulo, para a conquista das terras adquiridas do Governo Imperial. Estabeleceram-se na atual Fazenda Santa Joana. Derrubaram a mata, plantaram e construíram suas casas.

No começo, os índios não incomodavam, mas depois começou a surgirem conflitos. João Francisco, um ex-escravo que morava com a família, era um homem bravo, temido por todos. Quando havia caçada aos índios, a prova da morte era trazer a orelha direita do índio morto. As orelhas eram cortadas e colocadas num canudo de taquara.

Conta-se que a matriarca da família certa vez estava fiando, em seu sítio, quando chegou João Francisco e despejou em seu colo os troféus nefastos. Estava grávida e com o susto que levou, abortou. O “sete orelhas” era pessoa temida pelas crianças e adultos mais inocentes, na época antiga.

Fonte: Pioneiros e Desbravadores de Santo Antônio da Platina.
Ficha preenchida por Ivone Mendes de Souza Tanko.

Um lindo diamante TIBAGI

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Uma história tão linda, eis que agora vou contar:
um homem alegre e forte num rio foi garimpar.
Passou horas de desafio, cansado, com sono e dor,
enfrentou o calor e o frio, disse enfrentar o que for.

Com o tempo ganhou esperança de, no rio Tibagi,
um bom diamante encontrar.
Daria presentes às crianças e comida ao pobre que precisar,
com isso em mente foi trabalhar.

Cavando em busca do mineral, este homem valente ficou contente,
alegrando muita gente com um lindo diamante,
que um dia conseguiu encontrar.

Com a ajuda de Deus e apoio dos amigos seus,
no rio Tibagi foi cavando sem parar.
Quando peneirava para lá e para cá,
viu um brilho na água clara.

Quase perdeu de vista, mas conseguiu segurá-lo.
Tão raro.

Termino de contar uma história,
que aprecio e guardo na memória!

Fonte: ficha preenchida por Gilmar de Jesus Oliveira.

Lendas
Indígenas

A cruz do índio ABATIÁ

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Conta-se que em 1929, na cidade de Abatiá, um índio da tribo caingangue foi covardemente assassinado. No local o povo ergueu uma capelinha, que até hoje é popularmente conhecida como “a capelinha do índio”, ou “a cruz do índio”.

As pessoas da comunidade, até hoje, costumam visitar o local para fazer pedidos, acender velas e depositar objetos em agradecimento às graças alcançadas.

Fonte: ficha preenchida por Miriam Rosemary de Oliveira Santin.

Os bugres ANTONIO OLINTO

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Dona Nelzita Cordeiro Polak conta que sua mãe Genoveva, já falecida, relatava que na localidade de Arroio da Cruz existiam algumas pessoas que eram parecidas com os índios. Eram pouco vistas pelas outras pessoas. Uma mulher da região que fazia pães, assava-os em um forno de tijolos que ficava no terreiro e sempre sumia um pão.

Ela descobriu que era um bugre e não deixou mais pães no forno. Um dia seu forno amanheceu destruído. Seu marido construiu outro. Ela passou a deixar um pão no forno e o bugre deixava lenha para ela fazer o fogo.

Fonte: SCHWARTZ, Maria Knapik. Causos, Fatos e Lendas, Antonio Olinto, Colégio Est. Duque de Caxias, 2002.
(escrito por Maria Claudinéia C. Polak).

A lenda de São Tomé (o caminho do Peabiru)

CAMPO MOURÃO

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Num dos dias mais frios do mês de junho, Nhô Juca, figura muito conhecida na região, por ser uma personagem enigmática e muito amável com todos que o conheciam, estava em seu rancho, às margens do rio Piquiri, acendendo uma pequena fogueira para se aquecer. Ia assar pinhão, fruto da Araucária. Era costume dos moradores dali comer pinhão e também saborear o chimarrão, a erva nativa.

Nhô Juca tinha muitos compadres, pois sendo uma pessoa muito antiga no lugar, ajudava todos que o procuravam, com seus remédios caseiros, seus conselhos de ancião e seus belos causos. No rústico rancho onde vivia, nos finais de tarde, recebia seus amigos. Sentados em banquinhos, ou pedaços de troncos, ouviam e contavam histórias, principalmente causos de assombração, boitatá, saci-pererê e muitas outras. Além da iluminação da fogueira, no centro do rancho usava-se uma lamparina de querosene.

Então nesse final de tarde, como um ritual, seus companheiros, após um dia de lida na roça, vieram conversar com o compadre Juca e também ver se ele não estava precisando de nada, pois era sozinho na vida. Dele não se conhecia a existência nem de mulher, nem de filhos. A conversa estava tão animada que nem perceberam a tempestade que se aproximava. O vento era tão forte que atravessava de um lado para outro do rancho, ficando impossível manter a lamparina acesa.

Os visitantes estavam assustados, porém Nhô Juca, em sua calma, começou a lhes contar uma nova história. Disse que aquela região já havia pertencido aos índios e que estes haviam construído um caminho muito importante: o caminho do Peabiru. Era uma trilha muito antiga e comprida, começava no Oceano Atlântico e terminava no Oceano Pacífico, atravessando a América do Sul. Tinha mais ou menos 3 mil quilômetros de comprimento e cerca de 1,4 metro de largura, mais parecendo uma grande valeta no meio da floresta.

– E este caminho ainda existe? Perguntou Pedro, maravilhado.

– Pois bem, os índios, nossos antepassados, tinham a sua sabedoria, não eram bobos não. Eles plantavam nesse caminho uma grama miúda que evitava que a chuva lavasse a terra e, ao mesmo tempo, impedia que as ervas daninhas invadissem a valeta. Assim, o caminho ficaria sempre limpinho, mais parecendo um corredor encarpetado de verde, bem fofinho.

– Ah! Que espertos, hein, compadre? Disse Pedro, admirado.

– Pois bem, como eu lhes falei, os índios não eram burros não, essa grama era plantada em alguns trechos e ia se reproduzindo e avançando o caminho. E também soltava umas sementinhas gelatinosas que grudavam nos pés e pernas dos que por ali passavam e a levavam pelo caminho; dessa forma, as sementes iam caindo e novos trechos iam sendo formados.

E a conversa continuou, falaram dos índios, seus costumes e até da sua saída da região. Nhô Juca, então, resolveu contar-lhes sobre a lenda que envolve este caminho milenar.

– Sabem, compadres, dizem que por este caminho andava muita gente importante da nossa história. Ouvi, certa vez, um moço lá da capital, que tava cavoucando uns buracos na beira do rio, procurando sei lá o que, dizer que por aqui passou um homem branco, pois só existiam os índios e este homem fez muita coisa boa para eles. Dizem que ele veio das águas e que seu nome era Tomé ou Pai Zumé, como os índios o chamavam. Era um homem branco, alto, com longas barbas. Usava cabelos curtos com uma tonsura no alto da cabeça, igual às que os padres tinham. A roupa branca ia até os pés, amarrada por um fino cinturão de couro. Nas mãos trazia um livro semelhante ao Breviário dos sacerdotes e também uma cruz.

– Por todos os lugares onde passava, deixava seus ensinamentos, condenando a poligamia e a antropofagia. Ele evangelizava os índios falando sobre o único Deus. Também ensinou aos índios o cultivo de outras culturas como a cana-de-açúcar e o milho. Por pregar a palavra do bem e censurar a imoralidade, causou grande revolta nos chefes e pajés que, furiosos, mandaram persegui-lo, incendiando as cabanas onde se abrigava para descansar, disparando flechas e pedras no profeta. Ileso dos atentados sofridos, sempre fugia pelas

águas dos rios ou do mar.

– Muitos dos antigos dizem que o homem branco era Tomé, apóstolo de Jesus Cristo, o mesmo que duvidou da ressurreição, pois pediu para colocar seus dedos nas chagas de Cristo para ver o sinal dos cravos em suas mãos. Como foi descrente, Jesus lhe deu a missão de pregar o evangelho nas terras mais longínquas do mundo. Naquela época, o mundo era apenas o Oriente, a Europa, África e a Ásia. Dizem que Tomé foi primeiro para a Pérsia. Assim que concluiu suas pregações, entrou num barco de mercadores rumo às Índias. Alcançou a Índia chegando até a China. Depois avançou no mar, indo parar em ilhas não determinadas. Como chegou ao Brasil, não se sabe, apenas alguns padres jesuítas relatam sua passagem por estas terras. Seu percurso começava no oceano Atlântico e terminava no Pacífico.

– Nossa, compadre, esse caboclo viajou muito, hein! Exclamou Pedro.

– Pois é, era a sua missão e nada o impedia. Porém, certo dia os inimigos conseguiram pegá-lo e o amarraram numa grande pedra. Furiosos, surraram-no e o largaram desmaiado. Então, três grandes águias desceram do céu, cortaram as amarras e o libertaram. Ele fugiu pelas águas da mesma maneira que havia chegado e nunca mais ninguém soube do seu paradeiro.

– E esse caminho do Peabiru ainda existe, compadre? Pergunta Pedro.

– Olha, eu escutei uns moços, lá no boteco do seu João-Pé-Grande, falando desse caminho, dizem que ainda existem alguns lugares dele. Mas ainda tem mais. O Apóstolo Tomé ou Pai Zumé, dizia que era para preservarem o caminho do Peabiru, e se um dia ele fosse destruído pelos gigantes de ferro e aço, haveria muita seca, as aves e animais iriam acabar e as águas dos rios se tornariam escuras.

Nhô Juca enche a cuia com a água fervente da chaleira preta de ferro e repassa para Pedro. Todos ficam em silêncio. Apenas a fumaça dos palheiros sobe no ar.

– É preciso ver para crer.

Fonte: texto de Edina C. Simionato.

A lenda das Cataratas FOZ DO IGUAÇU

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Existem duas lendas sobre as Cataratas do Iguaçu. A primeira diz que os índios Caigangues, que habitavam as margens dos rios Iguaçu e Paraná, acreditavam que o mundo era governado por M'Boy, ou Mbá, um deus que tinha a forma de uma serpente e era filho de Tupã. O cacique dessa tribo, chamado Igobi, tinha uma filha, Naipi, tão bonita que as águas do rio paravam quando a jovem nelas se mirava.

Devido à sua beleza, Naipi foi consagrada ao deus M'Boy, passando a viver somente para o seu culto. Havia, porém, entre os Caigangues, um jovem guerreiro chamado Tarobá, que ao ver Naipi por ela se apaixonou. No dia em que foi anunciada a festa da consagração da bela índia, enquanto o cacique e o pajé bebiam, Tarobá fugiu com a linda Naipi, numa piroga que seguiu rio abaixo, arrastada pela correnteza.

Quando M'Boy soube da fuga de Naipi e Tarobá ficou furioso. Penetrou, então, nas entranhas da terra e retorcendo o corpo produziu uma enorme fenda, que formou uma catarata gigantesca. Envolvida pelas águas desta imensa cachoeira, a piroga dos índios fugitivos caiu de grande altura, desaparecendo para sempre.

Diz a lenda que Naipi foi transformada em uma das rochas centrais das cataratas, perpetuamente fustigada pelas águas revoltas. E Tarobá foi convertido em uma árvore, situada à beira do abismo e inclinada sobre a garganta do rio. Debaixo dessa árvore acha-se a entrada da gruta, de onde o monstro vingativo vigia, eternamente, as suas duas vítimas.

A segunda lenda diz que quando o deus Mbá morreu, Jacira, chorando sem parar, sentou-se sobre uma grande rocha de onde escorria um filete de água. Este filete foi aumentando com suas lágrimas, cada vez mais, até se transformar em cascatas. Assim nasceram as Cataratas do Iguaçu: das lágrimas de Jacira. E dizem que se você apurar os ouvidos escutará uma voz vinda das águas, chamando:

– Mbá, Mbá, Mbá...

Fonte: ficha preenchida por Dalmont Pastorello Benites.

A lenda do Brejatuba GUARATUBA

Itacunhatã, assim é chamada uma rocha que forma o conjunto do morro do Cristo. Nome originário dos índios tinguis, que habitaram o litoral. Itacunhatã era um guerreiro famoso e perdido de amores por Juracê, da família dos Carijós.

Num passeio no alto do Brejatuba, Itacunhatã achou que havia conquistado Juracê. Ao envolvê-la em seus braços, Juracê esquivou-se e saiu correndo. Quando, de repente, caiu do alto do morro, sendo engolida por uma onda. Itacunhatã atirou-se para salvá-la, mas as ondas recuaram, ele foi de encontro às pedras e acabou morrendo.

O mar arrependeu-se e trouxe a jovem de volta para ser salva por Itacunhatã, que já não podia mais salvá-la. E assim o mar tem feito, trazendo sempre Juracê em suas ondas, para que um dia seja pega e salva por Itacunhatã.

Fonte: ficha preenchida por Evelise Maria de Carvalho.

Guairacá LONDRINA

Guairacá, lobo dos campos e das águas, era o cacique corajoso, aquele que defendia os guaranis e a terra com denodo e bravura, desde o baixo Iguaçu até o Paranapanema e do Tibagi ao Paranazão. Era uma região ambicionada notadamente pelos castelhanos, que já haviam dominado os rio da Prata e Paraguai. Os castelhanos sempre quiseram invadir essas terras. Mas sempre enfrentaram os bravos de Guairacá, dos cem mil arcos vencedores.

Um outro guerreiro de grande valor o sucedeu quando de sua morte e comandou

os guerreiros no agitado período daquele pedaço do Brasil: Mbiaçá. Numa homenagem póstuma, ele chamou aquela região de Guairacá para que todos se lembrassem daquele que rechaçara as tentativas dos homens estranhos. Foi este fato que, por muitos e muitos anos, frente a toda a sorte de inimigos impediu que a terra e a gente fossem avassaladas pelos estrangeiros, castelhanos e portugueses, que abreviaram seu nome para Guairá, tendo sido cantado em prosa e verso:

"Andava Guairacá mui valeroso,/ Astuto, sabio, artero e mui valiente/ Compuzo una terrible palizada/ De aguas y comidas abastada./ El fuerte fué con mana fabricado/ A los lados con muchos torreones,/ Estaba a todas partes resguardado/ Con sus trincheras, fosas y bastiones./ Sin duda Satanás ha revelado/ A Guairacá el modelo y invenciones."

Fonte: professor Alex Soares de Almeida

O homem de branco MATINHOS

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Conta-se que na região de Matinhos existiam muitos índios carijós e que havia muito ouro nas montanhas. Das histórias dos primeiros colonizadores, destaca-se a figura de um "homem de branco" que, à época, começou a fazer contato com os índios e ficou amigo deles.

Os índios perceberam que o homem queria o ouro deles e tentaram logo se proteger. Cada vez que este homem os procurava, eles se afastavam, porque constataram que o ouro estava desaparecendo. Na verdade os brancos queriam a região, o Bairro Tabuleiro, morro do Cabaraquara, onde existem, ainda, muitos sambaquis entre as matas.

Um dia o "homem de branco" começou a ficar doente, com muitas dores. Acredita-se que a causa foi envenenamento, causado pelos próprios indígenas, através de bebidas

que foram oferecidas ao homem. Até hoje, alguns moradores do antigo local relatam que o "homem de branco" ainda assombra a região e a quem mora ali.

Fonte: relatada por Luiz Izabel Crisanto, enviada por Rosemari Wais da Silva.
Ficha preenchida por Rojane E. P. Lima.

Indianer MISSAL

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Na década de 1960 no oeste do Paraná havia muitas florestas, com muitos animais selvagens e aves de diversas espécies. Devido a tantas riquezas, iniciou-se a venda dessas terras, entre os rios Ocoí e São Vicente. Assim, vieram os pioneiros, cheios de sonhos e ânimo, pressentindo a riqueza que provinha daquele chão.

Onde hoje é a Esquina Gaúcha, antiga Placa, uma das comunidades pertencentes à cidade de Missal, os colonos abriram as primeiras clareiras, construíram as primeiras casas e galpões, transformando a mata em terras para lavoura. Segundo a lenda, alguém silenciosamente os observava, dia e noite.

Com o passar do tempo, a presença e os olhares do observador começaram a ser percebidos. Os pioneiros o tinham como um índio, que com imensa tristeza e dor os observava destruir sua linda floresta, que para ele era sua casa. No alto das árvores, em meio às folhagens, o índio estava por perto e ao perceber que alguém o pressentia, ou estava vindo a seu encontro, sumia misteriosamente. As pessoas, então, comentavam entre si, temerosas:

– Hast du auch der Indianer gesehen?

Os pioneiros fizeram várias tentativas de descobrirem seu paradeiro; imaginava-se que ele se protegia morando dentro de alguma grande árvore oca de nome "peroba" (atualmente essa árvore é considerada símbolo de Missal). Quando anoitecia, todos ficavam esperando o aparecimento do visitante misterioso.

Os jovens quando iam à casa dos vizinhos, ou a bailes, escutavam ruídos de galhos secos quebrando-se, folhagens mexendo-se e sentiam que “algo” ou “alguém” os acompanhava em tais passeios.

O tempo passou, sem que ninguém nunca descobrisse o misterioso e discreto seguidor, as histórias se espalharam. Os pioneiros, assustados, nunca descobriram quem era e quais suas intenções. Jamais souberam se seria um Indianer. Tão misteriosamente quanto surgiu e tão silenciosamente quanto fora sua companhia foi seu desaparecimento, sem que ninguém realmente o tenha visto.

Fonte: ficha preenchida por Neide Becker Damke.

Campos de Palmas PALMAS

Habitavam a região de Palmas duas tribos indígenas: uma localizada no centro e outra na região do horizonte. A primeira regida pelo deus do fogo e a outra pelo deus do vento.

Num conflito dos deuses, o deus fogo ateou fogo em toda a região onde habitavam os indígenas localizados no horizonte; por sua vez, o deus além de apagar o fogo, varreu tudo em sua volta, inclusive os indígenas da região central do município. Por isso os campos de Palmas são uma maravilha, com campos limpos e verdes, de uma visão sagrada e limpa.

História manchada de sangue

Existiam em Palmas três grandes aldeias indígenas. Uma do Cacique Viri, outra do Cacique Condá e uma terceira do Cacique Vaiton. Cacique Viri, possuído pelas influências dos bandeirantes, que pensavam em tomar essas terras, começou assim a transferir poderes aos bandeirantes, agora fazendeiros. O cacique, encantado com viagens ganhas para Curitiba e Caçador junto com os fazendeiros, começou a ceder as terras. O cacique Condá, porém, orientava o cacique Viri a não fazer essas trocas, até que foi corrompido para levar toda sua tribo a Chapecó, deixando livres as terras que habitavam.

Enquanto isso, o cacique Vaiton preparava um ataque à tribo do cacique Viri. Este protegeu-se com os fazendeiros, que com armas de fogo e armas brancas esperaram numa tocaia toda a tribo do cacique Vaiton. O local do ataque foi o atual Parque da Gruta. Numa vala, cheia de pedras e água, morreram todos os indígenas da tribo do cacique Vaiton. Hoje em dia, ainda se ouvem gritos desses indígenas no parque.

Fonte: fichas preenchidas por Dumara Ângela Invernizzi.

A lenda da araucária PALMEIRA

Era uma vez duas tribos de índios inimigos. Um certo dia o caçador da tribo foi caçar e encontrou uma onça; ali também estava a curandeira da tribo inimiga, pela qual havia se apaixonado. O índio matou a onça e se aproximou da índia, que se assustou e acabou desmaiando.

Os índios da tribo inimiga encontraram os dois ali, o índio à beira do rio com a índia nos braços, pensaram mal do que viram e o mataram a flechadas. Ele morreu cheio de flechas pelo corpo.

Diz a lenda que ele se transformou numa araucária e a índia numa gralha azul e as gotas de sangue que pingaram eram os pinhões que a gralha azul enterra. As flechas eram os espinhos e o índio, a árvore.

Fonte: Da Boca do Povo à Cultura da Gente. Palmeira, Escola Est. São Judas Tadeu, 2002. p. 25.

e outros seres fantásticos

A lenda da cobra gigante AGUDOS DO SUL

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Há muitos anos atrás, em Agudos do Sul, existia um campo de futebol onde atualmente é a praça. Num dia, ao lado esquerdo da igreja católica atual acontecia o primeiro cruzeiro, celebrado por um missionário. Ao mesmo tempo, alguns homens disputavam uma partida de futebol. Neste jogo ocorreu uma briga entre os jogadores e o missionário acabou sendo atingido por um tiro. A partir daquele momento, revelou-se que Agudos do Sul possuía um mistério. Este acontecimento foi como um pressentimento.

O grande mistério é a cobra gigante que se posiciona debaixo da cidade. Dizem que sua cabeça fica na antiga igreja, que se localizava, mais ou menos, 500m à frente da igreja atual. Dizem que a cada sete anos ela tenta se mexer.

Há seis anos atrás, a igreja teve que passar por uma reforma, pois suas paredes estavam trincadas. Acredita-se que o motivo foi porque ela tentou se mexer, mas Nossa Senhora da Imaculada Conceição está com os pés sobre a sua cabeça. Se, porém, algum dia ela conseguir sair de baixo da terra, a cidade se transformará numa lagoa, foi o que também revelou e alertou o missionário.

Fonte: ficha preenchida por Ana Maria Machado dos Santos.

Sucuri ALTAMIRA DO PARANÁ

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

A lenda da sucuri é muito comentada pelos antigos de nossa cidade, principalmente pelos pescadores que, muitas vezes, deixaram de descer o rio Piquiri por medo da cobra gigante que corria o mato e as águas, assustando pessoas e virando os barcos.

Conta-se, inclusive, que num certo ponto do rio, em determinado momento, a água co-

meça a borbulhar e ferver de repente, sendo esse fato provocado, segundo o povo, pelo acordar e sacolejar da sucuri gigante.

Dizem, ainda, que há pouco tempo dois valentes moradores conhecidos de nossa cidade, em luta direta venceram a grande cobra. Nestas histórias muitos acreditam, outros duvidam, mas todos sabem e comentam sobre elas.

Fonte: ficha preenchida por Silvia Paula Neduziak.

Cigana Bartira ANTONINA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Dizem que há muito tempo em Antonina, um grupo de ciganos acampou no local onde hoje fica a praça Coronel Macedo. Uma jovem cigana chamada Bartira, filha do chefe dos ciganos, foi se refrescar mergulhando próximo ao local onde hoje ficam as ruínas Coronel Macedo. Contam que a moça tinha uma égua branca de cabeça preta, sua fiel companheira. Mas, naquela tarde a pampa retornou sozinha ao acampamento. Preocupados, buscaram pela jovem e a encontraram morta, afogada, após bater a cabeça em uma pedra.

Como a moça era cigana, o padre não permitiu que seu corpo fosse abençoado na igreja e enterrado no cemitério. Por isso, seus pais a sepultaram no próprio acampamento. A pampa ficou muito triste, não saía de perto do local onde repousava Bartira. O animal foi vendido e os ciganos foram embora, mas a pampa continuou vagando à procura da dona, até aparecer morta no local onde hoje está o coreto da cidade.

Com sua pelagem pampa, corpo branco e cara preta, certas noites o que se via era uma pampa-sem-cabeça. Algumas pessoas dizem que ouvem a pampa-sem-cabeça batendo os cascos pela praça, onde, por vezes, a cigana Bartira aparece para matar as saudades de sua companheira.

Fonte: ficha preenchida por Rafael Camargo.

Burza, o lobisomem ANTONIO OLINTO

Nas redondezas onde moro, havia um homem barbudo e cabeludo cujo nome ninguém sabia, mas chamavam de Burza. Ninguém entendia o que ele falava, mas mesmo assim conversavam com ele.

Contam os moradores, que certa noite os irmãos dele estavam na casa de um vizinho e viram um lobisomem. Conseguiram agarrá-lo, deram um jeito de amarrar o bicho e o colocaram num galinheiro. No outro dia foram ver, era o Burza que estava lá no galinheiro preso.

Fonte: SCHWARTZ, Maria Knapik. Causos, Fatos e Lendas, Antonio Olinto, Colégio Est. Duque de Caxias, 2002. (relatado por Ilclinton Padilha, escrito por Sirlon F. Blaskcvicz).

O lobisomem

Em um pequeno lugar chamado Porto de Pedra, próximo a Antonio Olinto, moravam famílias ucraínas, uma delas era da minha bisavó. Ela conta uma história de lobisomem. Perto de sua casa moravam duas senhoras e todas as noites de lua cheia um cachorro aterrorizava as velhinhas, com uivos e arranhões na porta.

Certa noite, uma delas teve coragem e levantou. O lobisomem estava na porta. Ela pegou um facão e saiu correndo atrás do animal, decepando-lhe a orelha direita. No outro dia, seu afilhado veio até sua casa para emprestar açúcar, a velhinha olhou para sua orelha e reparou que estava cortada. Perguntou-lhe o que havia acontecido, ele foi embora sem dizer uma só palavra.

Fonte: SCHWARTZ, Maria Knapik. Causos, Fatos e Lendas, Antonio Olinto, Colégio Est. Duque de Caxias, 2002. (relatada por Rosa Thur, escrito por Andreia Wosniak).

O monstro da Fazenda Três Marcos

ARAPOTI

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

A pessoa que narrou este fato diz que é a mais pura verdade. Em uma tarde, foi ela mandada por seu patrão contar quantas pilhas de madeira haviam sido deixadas na floresta pelos madeireiros. Como o acesso ao local era muito difícil, usou o cavalo para se locomover. Quando passou pela porteira, o cavalo não queria mais andar, então tentou controlar o animal. Pegaram um caminho entre os pinos e já na metade do percurso sentia arrepios pelo corpo todo, ouvia gemidos e o animal parecia que também pressentia que algo estava errado.

Quando faltavam dez metros para o cavaleiro chegar até as pilhas de madeira, algo assustador aconteceu. Uma sombra com aspecto horrendo apareceu diante deles. O animal se ergueu, derrubando-o no chão, e depois disso começou a relinchar e corcovear, diante daquela imagem, que flutuava a uns 10 cm do chão. O homem ficou paralisado por alguns segundos, até que aquela sombra se materializou à sua frente. Parecia uma esfera de fogo. Ele não acreditava no que estava se passando, quando, de repente, a sombra e a esfera de fogo atingiram as pilhas de madeira, que pegaram fogo rapidamente, passando de uma pilha à outra.

O cavaleiro rapidamente fez montaria e saiu a galopadas. O animal só foi parar quando chegaram à uma pequena porteira, quando o homem olhou para trás e não viu nenhum vestígio sequer da assombração. No outro dia, juntamente com o patrão e outros dois peões, voltaram ao mesmo local e constataram que nada estava fora do lugar. Depois desse acontecimento, ninguém mais tem coragem de voltar ao lugar.

O Boitatá

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Um antigo morador do bairro Arrozal contou que certa noite, da janela de sua casa, observava os animais, quando de repente, no meio deles, surgiu uma luz forte que iluminou mais ou menos 100 metros de sua propriedade. Várias pessoas também presenciaram o fato, que já se repetiu muitas vezes, e tal qual o dono do sítio acreditam ser um Boitatá a passear buscando companhia.

Fonte: Colégio Estadual Rui Barbosa, pesquisa dos alunos das terceiras séries do curso Educação Geral, disciplina Língua Portuguesa e Literatura, profª. Inez Hryniewcz, 1998.

Lenda do lobisomem ARAUCÁRIA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Segundo relato do senhor Arnoldo Schmidt: “certa noite de lua cheia, quando voltava de viagem do Portão (Curitiba), de carroça, devo ter visto um lobisomem, mais ou menos à meia-noite na subida do Marqueto, próximo a Araucária. Com os cavalos já cansados fui surpreendido pelo espanto que os animais sofreram, quase atirando a carroça fora da estrada. Firmando as rédeas, olhei à minha direita, notei um animal estranho, maior que uma cabra, usando três pernas para locomoção e a quarta, a direita, levantada, aparentava um rabo. De cor baia, amarelada, as patas até a altura do joelho eram brancas. Caminhando pelo barranco que margeava a estrada, adiantou-se. E os cavalos refugando, chegaram até a empinar-se. Transposta a subida, o bicho foi visto novamente rondando a venda do Wachowicz, que ficava no alto do morro. Teria eu sonhado? Mas, e os cavalos? Outras pessoas idôneas também contavam fatos como os meus que não pareciam invenção”.

Fonte: SCHMIDT, Arnoldo. Boa Vista, Minha Colônia. Araucária, 1994.

Lobisomem

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Romão Wachowicz relata depoimentos de algumas pessoas não nominadas, “contados com tanta seriedade como se fossem depoimentos sob juramento”.

Entre Guarapuava e Lagoa Grande, em Araucária, media 300 quilômetros. O senhor Paulo morava no distrito de Pinhalão. recebeu uma carta com a triste notícia de que seu irmão em Lagoa Grande estava muito doente. Ao anoitecer, dirigiu-se à bodega próxima, para dissipar as tristezas.

– Por que essa tristeza? Pergunta um velho caboclo.

– Meu irmão ficou doente e mora muito longe daqui.

– Se quiser eu levo você.

– De jeito nenhum... Você não tem cavalos, nem carroça; vai de quê?

– Isso é comigo. Se quiser, ainda hoje vamos fazer uma visita ao seu irmão, mas você terá que fazer o que eu mandar.

– Se o preço não for muito alto, concordo.

– Espere um pouco. Daqui a pouco estou de volta com todo o equipamento.

Sem demora apareceu um enorme cachorro de três pernas, sendo que a quarta estendia-se em forma de cauda.

– Sente-se! grunhiu entre os dentes o negro animal.

– Não, não! Estou esperando pelo veículo encomendado

– É esse mesmo.

– Mas eu tratei com o Benedito.

– Eu sou o Benedito!, obedeça! Trato é trato! grunhia o canzarrão, com os olhos verdes brilhando.

Paulo coçava a cabeça e não sabia o que fazer. O cachorrão fez um movimento

e envolveu-o, grunhindo decidido. O passageiro, com um pulo, envolveu-se nos longos pelos do dorso do animal.

O lobisomem urrou alegremente:

– Segure-se, porque vamos!

Meia hora mais tarde, estavam em lagoa grande, 300 quilômetros adiante! Fonte: WACHOWICZ, Romão. A saga de Araucária. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1975.

O diabo de Capanema CAPANEMA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Certa feita, um carroceiro gritava com seus bois, fatigados pela carga excessiva de toras de peroba. Era ajudado por seu filho, que chicoteava grosseiramente os animais, não avaliando que era impossível os bois saírem do local, um lamacento buraco. Os bois respiravam aos sufocos, largando uma saliva espumosa pela boca, enquanto o homem esbravejava.

Aos urros e berros ecoantes, com blasfêmias de todas as espécies e contra as divindades, os animais se contorciam de um lado para outro, sem o efeito esperado que o carro pudesse ser removido dali. O homem recorreu a todos os santos e demônios; por fim, gritou: "talvez quem pudesse nos ajudar, só mesmo o diabo!". E o seu santo, naquela hora, passou a ser o demônio, já que não resolveram nada os demais santificados. Que surgisse, então, o demônio. Para resolver uma situação que se encontrava sem remédio.

Repentinamente, ouviu-se um barulho, com grande claridade e um pouco de fumaça. Lá estava "ele" sobre as toras amarradas na carroça atolada, lançava pela boca e olhos uma lasciva chama avermelhada e observava o carroceiro atônito. O carroceiro pôs suas mãos no bolso à procura de um rosário e encontrou somente fumo de rolo. Tentou se lembrar dos seus santos e recitava até orações nunca ouvidas! Mas nada resolvera. Ele, o diabo, continuava ali, sentado e indiferente ao homem que tentava agora se lembrar

dos santos e dos desafios que fizera anteriormente contra a divina providência. Enquanto isso, como por encanto os bois lentamente saíram da lama e caminhavam com o peso, como que ajudados por alguma força diferente, invisível.

Essa história se espalhou pelo lugar. E o Diabo de Capanema permaneceu no folclore do lugar. Até hoje, alguns fazem troça, outros ignoram, os demais comentam com dedicação e curioso interesse. E foi assim que aconteceu; a figura ilusória e persistente na imaginação de muitos ficou, vagando por longos tempos.

Fonte: TEZZA, José Vicente. O Diabo de Capanema Ficha preenchida por Ivone I. Alves dos Santos.

O petiço CARAMBEÍ

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Contam os antigos que na casa de Aart Jan de Geus havia um petiço, um cavalo pequeno, bem cabeçudo, tão cabeçudo quanto seis burros cabeçudos juntos, mas domado igual a um cavalo de circo. Após a ordenha, os rapazes colocavam as latas de leite em cima de uma carroça sem cocheiro e o petiço as levava direto para a fábrica de queijos, manobrava para frente e para trás, até que a parte traseira da carroça se encostasse na porta.

Então, o rapaz, que era queijeiro naquela época, esvaziava as latas, enchia-as com soro e colocava-as novamente na carroça e falava: “huuu”! Depois disso, o cavalinho fazia sua corrida de volta para casa, até o chiqueiro, onde fazia as manobras e encostava a parte traseira da carroça nas tinas de soro.

Conta-se que, se por acaso, demorassem em atendê-lo, o “excelentíssimo” sozinho se livrava das rédeas e ia fazer uma “boquinha” no pasto, relinchando e olhando para trás, como se assim chamasse a atenção dos rapazes por tê-lo deixado esperar tanto tempo.

Fonte: escrita por Fernanda Siqueira, Ficha preenchida por Rosnei Rodrigues de Oliveira.

A cobra gigante IBAITI

Os antigos moradores do lugarejo de Barra Bonita contam que na época da exploração das minas de carvão da Companhia Souza Cruz existia uma cobra gigante, cujo corpo estendido chegava ao subsolo da Igreja Matriz.

Fonte: ficha preenchida por Joel Jansen Junior.

A lenda da coruja IPIRANGA

Há muito tempo atrás havia um armazém em Avencal, tendo como proprietários um casal. Todas as noites ouviam barulhos no armazém e no dia seguinte ele amanhecia todo bagunçado, com doces e sabão comidos. Numa certa noite, o casal criou coragem, pegou o lampião de querosene e foi até o armazém ver o que acontecia. Encontraram uma enorme coruja, do tamanho de uma pessoa, comendo doces e sabão, que, ao ver o casal, transformou-se em uma mulher, uma conhecida vizinha deles.

Então, perguntaram o que estava acontecendo e ela respondeu que se transformava em coruja porque havia casado de branco sem merecer e se o casal não contasse para ninguém, ela nunca mais voltaria a incomodá-los.

Fonte: relatada por moradores da Comunidade de Avencal para Eliane Dalazoana C. Luz.

Histórias de quaresma MALLET

O período de quaresma é conhecido popularmente como um tempo em que acontecem fenômenos extraordinários, como é o caso do lobisomem, meio homem, meio cachorro. Algumas pessoas que viveram o fato que passamos a relatar, ainda vivem.

Uma família de imigrantes poloneses, vindos da região dominada pela Áustria, veio fixar-se em Mallet e trouxe para cá sua modalidade de trabalho, o ramo de açougue. É a família Kolosowski. O senhor Kolosowski criava gado bovino para leite e corte, bem como suínos. Guardava em latas o produto dos suínos, a banha; e também estocava latas vazias. Na sua casa havia dois bons cachorros, que guardavam a propriedade e o açougue.

Numa sexta-feira de quaresma, a família já estava dormindo quando se ouviu um barulho estrondoso de latas vazias e os cachorros latiam desesperados, como se estivessem atacando alguém, mas com desespero ou medo. O dono da casa saiu na varanda e avistou no pátio um homenzinho esquisito e perguntou:

– O que você está fazendo aí? O que você quer aqui?

A criatura respondeu-lhe com um palavrão. Então o senhor Kolosowski pegou uma ripa de cerca e a esposa um galho de pessegueiro e o expulsaram para a estrada, fecharam o portão, encostando-o com um vigote. Os cachorros pareciam pedir do pátio proteção ao patrão.

Entraram em casa e quando viram pela janela, lá estava o homenzinho no pátio, novamente. Entrou sem abrir o portão. Colocaram-no para fora do pátio outra vez. O seu corpo não estava mais coberto por pêlos, pois a crença é que quando o lobisomem é mordido por cachorro, os pêlos desaparecem.

No dia seguinte pela manhã o senhor Kolosowski e seus irmãos foram à estação ferroviária para despachar a carga de banha. Qual não foi o susto, quando viram o homenzinho sentado no banco da praça Getúlio Vargas, provavelmente aguardando o trem.

Ele estava todo machucado pelas mordidas dos cachorros, deduziram então que ele era o lobisomem. Este fato ocorreu em meados de 1940.

Fonte: ficha preenchida por Guizélia Ivone de Almeida Wronski.

Lenda da leitoa mateira MAMBORÊ

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Em tempos remotos, Mamborê era a principal região extrativista de erva-mate da região; quem tomava conta das plantações eram os porcos, pois não havia o costume de criá-los em regime fechado.

Diz a lenda que em torno a um grande pé de erva-mate, os mateiros se reuniam para celebrar a colheita. Nesta festa de confraternização, estimulavam-se as amizades e a fraternidade, que os mantinham unidos até o próximo ano. Com o tempo esta tradição foi se extinguindo e a festa deixou de acontecer. Com isso, a produção deixou de ser farta, as amizades entre mateiros já não eram tão estreitas e as intrigas entre produtores já eram constantes.

Uma leitoa, que sempre acompanhava as festividades, percebeu o caos que estava para acontecer e, em um ato de solidariedade, pediu para a mãe-natureza que tudo voltasse a ser como antes, nem que ela tivesse que sacrificar a sua própria vida.

E assim ocorreu. Em meio às discussões e atritos entre produtores, escutou-se um grande estrondo, como um raio que caíra na proximidade de um grande pé de erva-mate. Todos correram para ver e encontraram um grande banquete, no qual o prato principal era a leitoa. Todos, então, compreenderam que as tradições e as amizades estavam sendo trocadas pelos sentimentos de ganância e materialismo.

Esta festividade durou por décadas, advinda da lenda da leitoa mateira. E até hoje, a comunidade se reúne para saborear a leitoa mateira, com o intuito de promover as amizades e a fraternidade.

Fonte: escrita por Kleber L. Dorini, folder da festa da Leitoa Mateira, 2003.

Serpente da figueira MATINHOS

Há muitos anos atrás no canal do Milone (mil homens) no bairro Tabuleiro, existia um pé de figueira, na qual vivia uma serpente; era o caminho que as pessoas usavam para ir ao balneário Caiobá. Segundo contam, a serpente não deixava ninguém passar, assombrando-as. Hoje a figueira não existe mais, mas as pessoas contam que a serpente continua assombrando os moradores.

Fonte: narrada por Luiz Bento (falecido, residia no Caminho do Milone).
Ficha preenchida por Rojane P. Lima.

A saga da Caetana

Contam que Caetana Paranhos, professora, hoje nome de escola municipal, morava em Caiobá e vinha a cavalo todas as manhãs reger aulas em Matinhos. Ela trabalhava na escola, onde hoje é a Câmara Municipal. Caetana retornava à noitinha para casa.

Lá pelos idos de 1900, existiam muitas onças na região. Próximo a um córrego, numa noite de luar uma onça acometeu a montaria de Caetana junto aos rochedos, num lugar no extremo sul de Caiobá. Quando Caetana caiu desfalecida e a onça ia atacá-la o cavalo gritou “Caetana” e a onça fugiu.

Dizem que Caetana na linguagem dos animais significa onça. Até hoje contam que tempos depois alguns alunos ainda viam o cavalo da mestra, circulando pela região. No local existe uma estátua do cavalo.

Fonte: narrada por Raquel V. Henrique e Maria Lúcia Bida. Ficha preenchida por Rojane P. Lima.

Saci-pererê MORRETES

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Em Morretes, aconteceu o caso de um jovem que, voltando para casa após uma noite de festa, levou uma chicotada do saci. Assustado, ele entrou em casa e até o dia amanhecer ouviu os assobios do saci, que perambulava por seu quintal.

Segundo os moradores de Morretes o assovio é uma das melhores maneiras para descobrir se o saci está perto, ou não. Ele tem um assovio duplo e curto, um aspirar e um expirar que soa fino. Outra forma de visualizá-lo é em seu segundo corpo, pois afirmam que à noite ele tem o corpo de Fin-Fin, um pássaro que habita nas florestas e difícil de ser encontrado.

As bruxas

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

As bruxas apareciam principalmente em noite de lua cheia, nas fazendas e nos engenhos de Morretes. Ainda hoje elas galopam, sentadas no pescoço do cavalo, fazendo em suas crinas tranças finas e unidas para servir de estribo. São trançadas de tal modo, que não se pode desfazer, só cortando. Segundo a lenda, quem consegue desmanchar a trança, é uma bruxa ou bruxo.

Temos vários relatos de pessoas, pertencentes às famílias tradicionais de Morretes, que tiveram oportunidade de ver de perto a trança feita pela bruxa. Dizem, também, que a noite elas vão aos engenhos, em forma de patas, para beber; depois vão reunir-se aos outros patos, numa lagoa dourada, onde se banham.

Fonte: fichas preenchidas por Laurice Salomão De Bona.

Lenda do lobisomem NOVA CANTU

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Contam os antigos moradores, que em época de quaresma ninguém podia sair nas ruas durante a noite, pois havia um homem andarilho que virava lobisomem. Ele saía à noite e andava pelos quintais das residências, nos galinheiros, nos chiqueiros e nos currais. Os cachorros saíam correndo atrás do lobisomem, que se transformava num monstro barbudo com rabo bem grande e era o terror da quaresma.

Esse ser estranho amedrontava as crianças e os adultos, pois todos acordavam com os urros e gemidos estridentes. Os antigos diziam que para o lobisomem ir embora, e saberem quem era o andarilho, devia-se jogar sal nele e mandá-lo vir buscar no dia seguinte sal emprestado. Curioso é que na manhã seguinte o andarilho passava nas casas pedindo sal emprestado.

Fonte: ficha preenchida por Joaquina Rodrigues dos S. Braga.

Bicho-homem PALMITAL

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Em épocas passadas, ouviam-se muitas histórias do tal bicho-homem: o lobisomem. Em uma fazenda aqui em Palmital, morava uma família. Ela residia em uma grande casa e possuía garotos muito sapecas, que não tinham medo de nada.

Certa noite, resolveram prender um bicho que os incomodava e pelas características deduziram que fosse o tal lobisomem. Prenderam o animal e ficaram aguardando o amanhecer, enquanto lentamente a fera sofria transformações, retomando as características humanas.

Após a tal mudança de bicho para homem, ele começou a gritar desesperadamente pedindo que o soltassem, mas os meninos o mantiveram preso e lhe deram uma boa surra, soltando-o logo em seguida. Este, totalmente sem roupa, saiu correndo e nunca mais voltou a incomodá-los.

Fonte: escrita por Hellen Cristhina Vaz de Souza para o Projeto Vale Saber "A Leitura na Construção do Saber", Histórias da Tradição Oral de Palmital, Colégio Estadual João Cavalli, 2001.

A surpresa

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Era uma vez uma família que morava em um sítio, nas redondezas de Palmital. Nesse sítio também morava outra família, a do seu João, que cuidava da terra, trabalhando-a e ocupando-se com tarefas que necessitavam ser feitas. Seu João gostava de contar histórias e suas preferidas eram as de lobisomem.

Certa noite de lua cheia, estava muito frio e o dono do sítio resolveu acender uma fogueira no meio da casa, pois naquela época, nas casas não havia assoalho e sim chão batido, facilitando-se o acender do fogo, onde todos poderiam aquecer-se.

Fizeram o fogo e todos estavam alegremente conversando enquanto se aqueciam. De repente, ouviram que algo arranhava as paredes pelo lado de fora. Mais do que depressa, o dono da casa pegou sua espingarda e ficou aguardando, pois poderia ser uma onça, um tigre ou outro animal qualquer, pensou ele. Os ruídos aumentavam, assim como a angústia em meio às preces, dos que estavam dentro da casa.

Assim, o clima tenso permaneceu por alguns minutos, até que a dona da casa lembrou que poderia ser o lobisomem, pois era época de quaresma; e foi logo dizendo ao

bicho que retornasse pela manhã para apanhar um pouco de sal, dito isto, o barulho cessou. Na manhã seguinte, acordaram com batidas à porta; ao atenderem, para surpresa de todos era João, que estava ali para apanhar o pouco de sal que haviam lhe prometido.

Fonte: escrita por Mariana Leal Golanoski para o Projeto Vale Saber "A Leitura na Construção do Saber", Histórias da Tradição Oral de Palmital, Colégio Estadual João Cavalli, 2001.

Chico Bracatinga SÃO JOSÉ DOS PINHAIS

Pouco antes do sol se pôr, passava pela rua Voluntários da Pátria; todo dia, o Chico Bracatinga, meio velho, manco; mais pra pequeno do que pra gente grande, magro, enrugado e ajudado por um bastão de Cambuí. Dizia boa tarde pra famílias que se sentavam à frente da casa, vendo as crianças brincarem de ciranda, cirandinha, bete, búrico, polícia e ladrão e outras.

Nunca ninguém viu o Chico Bracatinga voltar. Ele ia até o centro de São José dos Pinhais e todo mundo sabia que, à noite, ele virava lobisomem.

Fonte: narrada por Leopoldo Scherner em Crendices de São José dos Pinhais. Ficha preenchida por Edna Soares Pereira.

História real SÃO MATEUS DO SUL

Havia um casal que tinha acabado de se casar, o marido tinha dado à mulher um lindo vestido de seda vermelha, pois naquele tempo as mulheres usavam só vestidos e de seda. Toda noite o marido saía e chegava antes do sol sair.

Sua mulher, cansada de ficar sozinha, falou a ele que também iria passear à noite. Lá havia um carreiro muito escuro, com árvores de cambuí. Ele, porém, lhe falou: “não vá, você vai tomar um susto”. A mulher não deu importância, só disse: “eu não tenho medo de nada”.

Ela saiu e ela foi passear na casa da sua vizinha. Quando estava voltando com seu lindo vestido de seda, avistou um cachorro muito grande embaixo da árvore, que pulou nela e rasgou todo o vestido de seda vermelho.

Quando chegou em casa seu marido ainda não tinha chegado. Quando ele chegou, perguntou a ela se não tinha visto nada. Ela lhe disse: “só um grande cachorro que me avançou e rasgou meu vestido vermelho, aquele que você me deu, lembra?”

Então, ele sorriu com os pedaços do vestido dela em seus dentes.

Fonte: narrada por Alcidina Fernandes para Simone Cardoso. Ficha preenchida por Vilácio Amaral.

A cobra

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

H Há muitos anos atrás, uma família humilde que morava numa casa simples, de chão batido, foi vítima da maldade de uma cobra. A senhora tinha uma filha recém-nascida e quando ia amamentar o bebê a cobra as hipnotizava e se alimentava do leite da senhora, enquanto dava o seu rabo para a criança chupar, assim a criança não chorava. Desconfiado, seu marido resolveu sondá-las, ao perceber que sua filha tinha assaduras em toda a boca.

Certa noite, sua desconfiança se confirmou, havia uma cobra se alimentando do leite materno da criança e, ao satisfazer-se, voltava para o seu lugar. Neste momento, o marido da vítima matou a cobra, mas, infelizmente, a filha nunca se livrou da conseqüência de tal fato, pois ao morrer com seus setenta anos ainda possuía as assaduras na boca.

Fonte: narrada por Ana Clara Guimarães para Milena Guimarães Gliski. Ficha preenchida por Vilácio Amaral.

O lobisomem SÃO SEBASTIÃO DA AMOREIRA

Existia na zona rural não muito longe da cidade, um senhor idoso que, segundo comentários, se transformava em lobisomem na época da quaresma e amedrontava aqueles que acreditavam na lenda.

Fonte: ficha preenchida por Nelson Soares.

Lenda da cobra encantada TOMAZINA

Conta-se que duas moças tiveram duas crianças. Para esconder o nascimento delas uma jogou seu filho no rio, à altura da corredeira, e a outra jogou o seu na curva da prainha.

Na prainha existe um redemoinho; dessa maneira, as crianças ali jogadas subiram o rio, ao invés de descer. As duas crianças se encontraram na curva do rio, atrás da Igreja. Assim, transformaram-se em uma serpente, que se encontra adormecida com a cabeça embaixo da igreja e o rabo no rio, embaixo da ponte. Conta a lenda que as rachaduras da igreja são conseqüências dos movimentos da serpente tentando acordar.

Dizem que os pecados dos tomazinenses é que irão acordar a serpente. Ela destruirá a igreja e unirá o rio das Cinzas em linha reta, provocando a junção das duas corredeiras, acabando com a curva do rio e destruindo a cidade.

Fonte: ficha preenchida por Leila Helena da Silva Oliveira.

História de lobisomem VERÊ

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Minha mãe Vergínia não queria que a gente voltasse para casa, depois do anoitecer. Ela dizia que, à noite, aparece o lobisomem, ainda mais numa sexta-feira. Um dia eu estava de namoro com uma moça do Sbalqueiro. Fui ficando, escureceu e era uma sexta-feira. Joguei os baixeiros e os pelegos no cavalo e saí apressado.

Logo que passei o rio Tigre, apareceu um vulto, o cavalo se assustou, deu uma corcoveada, jogou-me no chão e saiu em disparada. Quando me vi ali caído, calculei que era o lobisomem que vinha me pegar. Mas já que ele ia me pegar mesmo, abri os olhos para ver como ele era. Aí entendi a história.

Era só um tatu que tentava subir um barranco e quando chegava numa certa altura, não conseguia e descia rolando. Quando eu cheguei em casa, com o baixeiro e o pelego debaixo do braço, o cavalo já tinha chegado. E a mãe preocupada, porque o cavalo chegou sozinho.

Fonte: relatada por Diumílio Grisão, publicado na revista Verê: 40 Anos de Município 60 Anos de História, out. 2003, p.12.

O lobisomem VIRMOND

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Antigamente, no início da colonização de Virmond, as pessoas costumavam sair muito para passear, visitar seus parentes e vizinhos à noite. Um homem sempre saía sozinho, não gostava de levar sua esposa. Ela começou a desconfiar dele e então pediu para ir junto, no caminho ela sentiu que seu esposo estava estranho; quando de repente ele pediu para entrar na floresta.

Da floresta logo saiu um lobisomem, tentando morder a mulher. Ela foi agarrada pela saia, que era vermelha, esta ficou toda despedaçada. Depois disso, o lobisomem sumiu no meio da floresta. A mulher correu muito e voltou para casa; chegando lá viu seu esposo dormindo, com a boca aberta, e entre seus dentes haviam pedaços vermelhos de sua saia. Descobriu, então, que seu próprio marido era o lobisomem.

Fonte: ficha preenchida por Geraldo Zapahowski.

Lugares
e coisas encantadas

Baile dos mortos ARAPOTI

Em uma noite, um vaqueiro passava próximo à Fazenda Esperança e ouviu sons de música ao longe. Apurando o trote de seu cavalo, o vaqueiro queria saber onde havia um baile e quanto mais rápido cavalgava, mais nítido era o som da música. Cavalgando por mais de uma hora pela mata, não encontrando casa alguma, muito menos um baile, chegou até um pequeno rancho onde morava um velho senhor.

Após ser acolhido e alimentado, perguntou ao hospedeiro se não havia algum baile por ali. Como resposta, o ancião falou que há muitos anos existia ali uma fazenda; nesta a cada noite de passagem de ano havia um grande baile de gala, reunindo toda a vizinhança e até pessoas de outras localidades. Em um desses bailes, houve uma grande briga, onde acabaram morrendo muitos dos que ali se encontravam. Daquele dia em diante, toda noite de passagem de ano ouve-se a música e gritos de socorro.

Fonte: Colégio Estadual Rui Barbosa, pesquisa dos alunos das terceiras séries do curso Educação Geral, disciplina Língua Portuguesa e Literatura, profª. Inez Hryniewcz, 1998.

O mistério da lagoa grande CAMPO LARGO

Existe em Campo Largo uma lagoa misteriosa, cujas águas desaparecem, por vezes, repentinamente. Tendo sido transformada em parque, permanece, ainda, envolta em lendas.

Uma das lendas locais diz que ela foi criada através das crenças dos índios Tingüi, que eram os habitantes do local na época da colonização. Segundo esta lenda, Tupã, de visita à terra, derramou sobre um vulcão um cálice de água que extinguiu suas

chamas. Mas a enorme serpente de duas cabeças, habitante das profundezas da terra, ficou soterrada, sendo que uma das suas cabeças se encontra na lagoa, outra em Curitiba, e sua cauda na praia de Leste.

Por outro lado, segundo o relato de Edácia do Nascimento Saldanha, o surgimento da lagoa tem outro mistério e outra história. Ela conta: “numa sexta-feira santa um padre entrou em um clube da cidade, onde se dançava um animado baile. Com a bíblia na mão exortou os presentes a respeitarem o dia. Não tendo sido ouvido, retirou-se do lugar indignado. No entanto, havia esquecido sua bíblia. Quando voltou para apanhá-la encontrou a lagoa, cujas águas haviam tragado o salão de baile com todos que estavam dentro”.

Os escravos e o tesouro da granja

Conta-nos a senhora Marli Padilha, moradora da Granja ou Parque Cambuí, onde nasceu há aproximadamente 50 anos, que nas ruínas, bem ao lado da sua casa, em certas noites do ano, se pode ouvir o lamento na senzala daquilo que parece ter sido um “engenho” movido à roda d’água.

Em meio à mata encontramos uma coluna, vertical e bem conservada, muros, paredes e o canal por onde era trazida a água do rio Cambuí. Neste local, afirmam, ainda se pode ouvir um choro em noites de lua cheia, como lamentos de uma senzala. Trata-se de um negro acorrentado em meio à mata, e diz-se que quem libertá-lo levará consigo o tesouro do antigo proprietário da fazenda.

Fonte: fichas preenchidas por José Vibreli.

A lenda da lagoa feia CAMPO MAGRO

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Na localidade de Campo Novo, município de Campo Magro, encontramos a Lagoa Feia, cuja lenda está repleta de "causos", que povoam o imaginário popular da região. Contam os moradores locais que há mais ou menos 150 anos existia ali uma igreja e todos os que moravam nas suas proximidades reuniam-se quinzenalmente para os cultos religiosos.

Num belo dia, algumas pessoas resolveram fazer um baile nas dependências da igreja, já que não existia outro local na região para divertirem-se. Mas, coincidentemente, o baile foi realizado numa sexta-feira santa, dia de expiação da paixão e morte de Cristo. Para os costumes cristãos tal ato é considerado um verdadeiro sacrilégio.

Não tardou a intervenção divina, exatamente à meia-noite a igreja ruiu e afundou com todos os participantes do "baile profano", matando a todos. Não ficou vestígio algum da existência da igreja e os corpos das pessoas nunca foram encontrados. No local formou-se a Lagoa Feia. Dizem os moradores que nunca se achou o fundo da lagoa, e que, muitas vezes, as suas águas turvas mudam de tonalidade, ficando ora avermelhadas, ora esverdeadas e em outros momentos amareladas. Ainda hoje, nas noites de sexta-feira santa, à meia-noite, ouve-se o choro de crianças e murmúrios de pessoas nas proximidades da lagoa feia.

Fonte: ficha preenchida por João Augusto Reque.

Ditinho de Deus CONGONHINHAS

D

Ditinho de Deus era um pretinho alto, que chegou por aqui lá pelos anos 1950. Sofria de chaga na perna esquerda. Não se sabia em que Estado do Brasil ele nascera. Ficava durante o dia sentado na calçada de uma esquina de qualquer rua, à noite ia dormir debaixo da igreja, somente com um velho cobertor. Não pedia esmola, porém vivia da caridade pública e era muito molestado pelas crianças malvadas. Estas chegavam até a atirar pedras no Ditinho, que sempre rebatia dizendo: “Não façam assim, Deus não gosta”. Não xingava e não dizia palavrões.

Sentindo-se bastante fraco e, sofrendo graves dores na perna e sem nenhum tratamento, veio a falecer debaixo da igreja, sendo de lá transportado para uma casinha de propriedade do senhor João Nogueira da Silva, “vulgo João Carro”, onde se realizou o velório. O sepultamento foi no cemitério local, não se sabe ao certo se foi em 1952 ou 1953.

Ditinho de Deus faleceu sem receber os sacramentos, pois o padre estava em viagem visitando as capelas. As viagens naquele tempo eram feitas a cavalo. Mais tarde, por iniciativa do senhor José Lopes, homem devoto e de formação religiosa, foi construída uma capelinha em sua honra. Lá os fiéis iam rezar e cumprir seus votos. Depois, com o alargamento da rua para pavimentação, seus restos mortais foram transladados para a atual capelinha, muito visitada pelo povo.

Fonte: ficha preenchida por Adriano R. Santos.

Mistérios na comunidade São Roque

CORBÉLIA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Segundo relato feito pelo senhor Paulo Zaquetti, no final dos anos 1970, quando este vivia na região da comunidade São Roque, costumavam acontecer coisas estranhas e até hoje os habitantes da região contam estas histórias.

À noite, por volta das dez horas, surgia em meio à plantação e até mesmo fora dela, o que parecia ser línguas de fogo que se chocavam no ar, rodopiando. Quando iam verificar o local onde estas imagens apareciam, nada havia sido queimado, ou pisoteado. As pessoas que ali viviam e vivem, dizem que se trata de um Boitatá. Dizem que se as pessoas passarem no local das aparições, principalmente à noite, se não quiserem ser atacadas por este Boitatá, elas deveriam prender uma faca entre os dentes, porque segundo a superstição, esse era um meio de proteção contra a aparição.

Nos dias atuais, esses relatos são mais vagos. Entretanto, existem muitas pessoas que lá vivem e que afirmam que existe algo de estranho no lugar. Uns dizem que é um espírito que necessita de orações, ou que provavelmente estes espíritos, ou espírito, querem mostrar algo que esteja enterrado na região.

Alguns trabalhadores da pedreira daquela localidade afirmam, ainda, que existe sim algo de estranho, pois eles já presenciaram alguns acontecimentos, como pedras que são atiradas nas barracas (eles utilizavam barracas de lona nos acampamentos na pedreira). Estas pedras entram nas barracas, sem, entretanto, perfurarem a lona.

Fonte: narrada por Paulo Zaquetti. Ficha preenchida por Daiane Peroza.

Sanga de Urutu ESPERANÇA NOVA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Pirangueiros e pescadores falam de muitas histórias acontecidas no Paranazão. São inúmeros os casos de crimes hediondos praticados nas proximidades do grande rio, sendo alguns de conhecimento público, outros, no entanto, sem pistas até os dias atuais. É aí que as histórias viram causos e lendas.

Por volta de 1990, lá pelos lados da Sanga do Urutu, nas proximidades da Lagoa São João, o estimado Sansão foi brutalmente assassinado a facadas e jogado no rio. Mas o corpo nunca foi encontrado. Dizem que os acusados, Sidinei e seu comparsa Dirceu, praticaram o delito por causa de pinga e mulher. Os suspeitos até foram interrogados e presos, mas por falta de provas foram inocentados.

Moradores da região e pescadores que por lá andam, relatam que quem quiser pode ir lá para constatar um fato: na Sanga do Urutu, basta cair o silêncio costumeiro do lugar para se ouvir um assombro que assovia, mexe na água, geme; enfim, espanta os peixes e provoca arrepios até nos mais destemidos. Pescadores distraídos punham barcos à deriva; em vez de peixes, fisgavam nas águas profundas pedaços de roupas e pertences do lendário Sansão.

Talvez, por isso, hoje os mais avisados freqüentadores do rio Paraná, no trecho Altônia, São Jorge do Patrocínio, Esperança Nova e Vila Alta, evitam permanecer naquelas paragens, em respeito à visagem comentada na Sanga do Urutu.

Quebradeira

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

O caso ganhou destaque na imprensa da região de Umuarama, quando no ano de 1994, na estrada Jequitibá, distrito das Três Vendas, município de Esperança Nova, uma casa assombrada causava medo, risos e incredulidade nas pessoas.

No sítio do senhor Derso moravam o seu Neno, a esposa e três filhos; sendo uma menina e dois adolescentes. Na condição de empreiteiros, a família do seu Neno, por mais que trabalhasse, era considerada muito pobre pelos vizinhos sitiantes. Porém, ninguém desabonava a conduta honesta daquela gente simples e humilde. Uma doença nos olhos obrigou seu Neno a retirar um olho, colocando no lugar uma espécie de burca, deixando a família ainda mais necessitada de recursos financeiros.

Certa feita, determinados fenômenos passaram a acontecer na casa daquela família: xícaras, pratos e copos amanheciam quebrados. Garfos entortados podiam ser vistos pela casa. Tochas de fogo acendiam sozinhas e o telhado da casa se encheu de buracos. Seu Neno comunicou o assombro para o patrão, que veio ligeiro de Curitiba para constatar o fato. Tamanho foi seu susto, quando um dia dormia tranqüilo e, no meio da noite, às escuras, sentiu a cama suspensa. Aí sim a notícia chegou aos jornais e emissoras da região, culminando nas visitas e orações de crentes, curiosos, padres, pastores e espíritas. A filha do Zé Turilho dizia, por exemplo, que o seu rosário havia quebrado em diversos pedaços só por ter se aproximado da casa. O Zé Carlos ofereceu lar aos meninos. O povo dizia que a assombração destruiria com tudo.

O padre de Pérola achou por bem transferir a família para uma casinha no pátio da Igreja das Três Vendas. A vizinhança ajudava com donativos. A comunidade se comprometeu a ajudar com dinheiro aqueles assustados moradores.

Mas, seu Quintino e outros poucos vizinhos não acreditavam naquilo; chamaram

a polícia, que visitou o local, conversou com os membros da família e se foi. Entretanto, investigadores deixaram na casa uma câmera para filmar o “fenômeno”. Tamanha foi a surpresa, quando a polícia viu as imagens dos sorrateiros moleques, jogando tijolos no telhado, quebrando e danificando os móveis e objetos domésticos.

Conduzidos à delegacia, confessaram tratar-se de um plano que visava arrecadar dinheiro para reverter o estado de pobreza em que se encontravam. Liberados após os depoimentos e sermões, a família retornou à tal casa assombrada, onde vive até hoje, sem maiores alaridos ou quebradeiras.

Fonte: fichas preenchidas por Adriana Mardegan Gabelini.

A lenda da cachoeira GOIOXIM

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Na localidade da Barra dos Machados, em Goioxim, existe uma cachoeira da qual ninguém se aproxima. Dizem que lá existe uma corrente e amarrado na corrente está um caixão. Conseguirá retirá-lo somente quem possuir uma junta de bois da cor preta e gêmeos. Dentro deste caixão, conta-se, existe um tesouro.

Fonte: narrada por Isabel Raimundo para Joani Pasturczak.

A lenda da figueira IVATÉ

Surgiu há mais de 40 anos, próximo à nossa cidade em uma área rural. Contada por quase todas as pessoas que ali habitavam naquela época. Relata-se que um certo pé de figueira, muito grande, era assombrado. Viam-se luzes nele, ouvia-se barulho, outra hora ele gemia. Isso acontecia sempre à noite, quando as pessoas passavam por ali.

A figueira era tão sombria e assustadora, que ninguém queria morar por perto. Contam que um certo dia, irritados com tanto medo que passavam, reuniu-se um grupo de homens, compraram uma bomba potente para soltar no tronco da árvore e ver o que acontecia.

Assim fizeram, acenderam a bomba e correram para ver a explosão. Um barulho de passos veio e pisou na bomba, ninguém viu nada e ela não explodiu. Depois desse dia, ninguém nunca mais desapontou a figueira.

Fonte: narrada por Alcides Vicentim (48 anos). Ficha preenchida por Leonice Santana.

A praça mal-assombrada MARILÂNDIA DO SUL

A praça da matriz de Marilândia do Sul guarda uma história misteriosa. Dois postes que ficam à frente da igreja sempre balançam à noite. Muitos puderam presenciar tal fato. Dizem que onde hoje é a praça, era o cemitério e por isso os postes eram assombrados.

Fonte: ficha preenchida por Angélica Proença Frazão.

Lenda do Capão Manhoso PALMEIRA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Foram enterrados no Capão Manhoso, no tempo da escravatura, os corpos de muitos negros cativos. Os escravos iam à noite chorar seus mortos e encomendar suas almas, o que faziam através de cânticos impregnados de tristeza, no silêncio da noite.

Desse choro, ou dessa lamentação, dos negros escravos, originou-se o nome de Capão Manhoso Nome ao qual se ligaram muitas lendas: aparições, visagens, almas penadas etc. Confundindo-se essa histórias e lendas com as lamentações antigas, dos negros que ali iam para chorar, ou prantear os seus mortos.

Eram bem poucas as pessoas que se aventuravam a passar pelo Capão Manhoso à noite ou em horas avançadas, temendo as coisas incríveis e extraordinárias que juravam que ali acontecia.

Fonte: ficha preenchida por Vera Lúcia Mayer.

Lamúrias dos escravos

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Antigamente embaixo do museu de Palmeira havia uma senzala, onde eram castigados vários escravos, com chicotadas e outros castigos horríveis. Pessoas que moram próximo ao museu dizem ainda escutar as lamúrias e gritos dos escravos, sendo castigados pelo seu senhor e os sons de chicote.

Fonte: Da Boca do Povo à Cultura da Gente. Palmeira, Escola Est. São Judas Tadeu, 2002. p. 18.

Capão do Matadouro

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Antigo nome de uma capão localizado na fazenda Santa Rita, município de Palmeira. Com relação ao nome existem várias versões. Diziam que era a fazenda de uma viúva muito rica e que quando passavam tropeiros por lá, convidava para pousarem com ela e depois tirava o dinheiro deles e mandava os empregados matar e jogar em um taimbé ali perto. Outros dizem que vinham muitos viajantes solteiros para casar com a viúva e estes é que ela mandava os escravos jogar no taimbé.

Outros ainda dizem que eram os empregados que a mulher mandava matar para pegar de volta o ordenado que pagava. Outra versão conta que eram feitas tocaias no capão do Matadouro e jogavam os corpos num taimbé ali perto.

Fonte: VEIGA LOPES, José Carlos. Sapecada, 1972.

A lenda do brejo que canta PARANAGUÁ

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Cheguei a conhecer, já octogenário, o João Bomsinho, que tinha um sítio lá para as bandas do Porto dos Padres, assim chamado o lugar onde tiveram os Jesuítas uma fazenda de criação, na foz do Imboguassu. Neste sítio o velho cultivava algodão e foi ele quem me contou a história do "Brejo que Canta":

A meio caminho da cidade, na embocadura do Imboguassu, há um terreno vasto e alagadiço, onde o lírio do brejo cresce viçoso. Com as chuvas o lugar se transforma num lago e com bom tempo prolongado continua a ser temível atoleiro, do qual o gado

por instinto se afasta, receoso de desaparecer no sumidouro.

E assim falava, na sua pitoresca linguagem, o João Bomsinho:

– O brejo canta, sim Sinhô, mas só uma vez no ano, à meia-noite, justa de quinta pra Sexta-feira santa e nessa hora quem por ali passa, ouve muito bem o batido dum fandango, ao som de duas violas e da cantiga dos violeiros. Deus permite que saiam as suas almas do purgatório na noite da paixão pra correrem o fado, em castigo da ofensa ao "Sinhô Morto".

– Almas de quem? perguntei.

– Dos violeiros e dos dançadores, os excomungados que cantavam e fandangueavam na noite em que nosso Sinhô morreu. Escuite mecê; no lugar do brejo era um terreno enxuto, bom, de terra branca e firme e nele morava em casa de pedra e cal um tal de Roberto Inglês, ruivo e herege como o diabo, não gostava de Deus nem dos santos. Decerto esse mardito era criminoso e até diziam que fora pirata.

O meu avô que o conheceu de vista, sempre que o encontrava fazia o sinal da cruz e com ele nunca quis parceria, receoso do castigo do céu. Ora, numa quinta-feira maior estava a vila entregue aos ofícios da semana santa, enlu-tados os moradores e até o capitão-mor dera ordem à milícia que fizesse a guarda, com a boca dos arcabuzes voltada para o chão e não permitissem cantorias nem folguedos até a hora da aleluia, sob pena de cadeia. Quando o danado, em conluio com o "coisa ruim", resolveu uma folgança pra essa noite.

Andava por aqui nesse tempo o coronel Afonso Botelho, que assistiu à missa devotadamente com um laço de crepe no copo da espada, e a Câmara, com o estandarte do rei, de luto, que o vereador mais moço conduzia, foi incorporada à matriz para fazer guarda ao Sinhô Morto.

Tudo era respeito ao dia. Mas no caminho do Porto dos Padres, o inglês, zombando das coisas santas, procurou e achou uns infelizes que aceitaram o convite. À meia-noite estrondeava o fandango, longe da vila e por isso despercebido da autoridade. A cachaça corria aos copázios. Maneco Eduvirges e Domingos Pedrão, violeiros e já embriagados,

cantavam quadrinhas blasfemas, desafiando a majestade divina, com aprovação do diabo ruivo. Quando cantavam esta:

Si Deus morreu porque quis
Não é caso pra chorá
Bate firme, minha gente
Bate forte, até suá

Nesse instante, a casa moveu-se e todos sentiram que afundava, mas antes do alarme ainda se ouviu o Pedro e o Eduvirges cantarem mais esta barbaridade:

Si morreu pra nos salvá
O fio do padre eterno,
Ele que vá buscá nois
Lá nas profunda do Inferno!

O movimento acentuou-se e o pânico se manifestou naquelas almas entenebrecidas pelo vício e pela impiedade, despertada nelas a compreensão do desastre e morte inevitável. O primeiro impulso foi de fuga, mas quando tentaram evadir-se já as portas e janelas estavam entaipadas pelo lodo mole que invadia o interior.

Apagaram-se as luzes. Nas trevas e começando a respirar dificultosamente, aqueles desgraçados se debatiam. Não havia salvação possível! O fim pela asfixia era fatal. Não tardou a agonia. O terreiro, há pouco ainda sólido, com laranjeiras e cajueiros, dum pra outro instante virou lodaçal e tudo se afundou.

Consumada a tragédia, a habitação desapareceu no abismo e com ela quantos estavam no fandango sacrílego e fatal. No dia seguinte os sitiantes vizinhos, que iam para a vila assistir à missa da sexta-feira santa, viram com espanto um brejo no local onde de véspera se erguia a moradia do inglês e isto sem que tivesse chovido.

E brejo ficou o lugar maldito. Na noite de quinta-feira santa do ano seguinte, alguém por ali passando, noite alta, ouviu claramente o batido dum fandango, ao toque das violas e o cantar dos violeiros. Correu espavorido a contar na vila o prodígio que a tradição trouxe, do Brejo que Canta. De geração em geração, até o presente, vem enchendo

de terror a gente supersticiosa que a tudo se arriscará neste mundo, menos transitar pela estrada que margeia o trágico alagadiço, na noite da paixão de Jesus.

Fonte: NASCIMENTO JÚNIOR, Vicente. História, Crônicas e Lendas. Ficha preenchida por Jorge D. dos Santos, professor e historiador, FUMCUL.

Tiracisma PLANALTO

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Tudo começou na década de 1950, onde próximo da ponte do rio Capanema, a cerca de um quilômetro, no município de Planalto, havia uma estrada de chão que dava aceso a todos que vinham de Realeza a Planalto. Estes deveriam passar por um morro, o morro do Tiracisma.
A estrada foi aberta por volta do ano de 1955 e o morro foi batizado com esse nome porque tirava a "cisma" de qualquer motorista que se aventurasse a subir em dias de chuva. Qualquer motorista de caminhão que tentasse subir, ali ficava. Os moradores puxavam os caminhões com juntas de bois. A partir dos anos 1970 utilizavam tratores agrícolas até subir o morro, e a partir daí os motoristas podiam seguir as suas viagens.

Em 1965, o GETSOP batizou o riacho que atravessa a estrada no início do morro, com esse nome. Em 1979, a inauguração da estrada asfaltada PR-281 acabou com o drama dos motoristas nos dias de chuva, embora a estrada que corta o morro no seu lado oposto continue com forte declive.

Contam os populares que no morro houve um desastre. Um lenhador que por ali passava, com uma carga de madeira em seu carro de boi, ao descer o morro teve o azar de seu carro tombar, matando-o. Até hoje, as pessoas que passam pelo morro do Tiracisma dizem ouvir as madeiras rolando e fortes ruídos na mata que o circunda.

Rio Siemens e suas lendas

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Por volta do ano de 1974 na localidade de Santa Cecília pesquisadores encontraram ouro em moedas na margem do rio Siemens. Essas pessoas não eram da região e nunca mais se ouviu falar delas.

À altura do morro, perto do suposto pé de cactos onde foi tirado o ouro, existe uma grande área de flores de diversas cores, batizada na época pelos alemães de Palzamina. O curioso sobre as flores é que se uma pessoa colhe muda das flores, algo de diferente passa a acontecer na família, como a queima de uma casa, acidentes, assassinatos, separações. O local possui várias nascentes. Inclusive, foram feitos exames da água pela Paranapanema, empresa que asfaltou o trecho até Planalto. O laudo atestou que a água é de excelente qualidade.

Existem inúmeras outras lendas associadas ao rio Siemens. Contam que uma mulher de branco aparecia para os rapazes nas noites de sexta-feira, numa estrada próxima ao rio Siemens, aparecia e sumia repentinamente.

Conta-se que, certa vez, dois amigos estavam pescando à noite e foram surpreendidos por uma forte tormenta. O vento balançava fortemente a mata ao lado do rio. Os dois homens saíram correndo, com a finalidade de retornar para casa, quando chegaram próximo à pedreira perceberam que não havia vento algum, o céu estava estrelado, sem indício qualquer de tormenta.

Alguns dias depois, um caçador de pombas encontrava-se no mesmo local e, sem explicação alguma, os dois canos de sua espingarda dispararam, levando-os a cair dentro do rio. Uma outra noite, na mesma localização, um morador local estava pescando e avistou um animal estranho, que lhe pregou um grande susto. Ele estava um pouco distante, porém resolveu atirar no animal. Quando disparou na direção deste, ele duplicou de tamanho e correu em direção ao homem. No ataque, o homem perdeu anzóis e

espingarda, sem contar seus apetrechos de pescaria.

Por volta do ano de 1980, na residência de Silvino Kipper, em Santa Cecília, moravam Silvino e esposa, a filha mais nova com seu esposo e seu primeiro filho. Ao jogar comida para os cães, dona Idalina Maria Kipper chamou o genro para ver o bonito cachorro branco, que estava em meio aos cães policiais. Era um lindo cachorrinho peludo branco luzente.

Sugeriram pegá-lo para que ficasse morando com eles. Porém, toda vez que tentavam pegar o cão ele sumia e aparecia alguns metros à frente. Alguém atiçou os cães, que eram ensinados, para que esses o pegassem, mas os cães não conseguiam, nem sequer pareciam ver o cachorrinho. A perseguição continuou até 800 metros do rio Siemens. Quando estava perto do rio o cão branco pulou na água e sumiu. Era uma noite de lua cheia. E o senhor Irineu se deu conta de que estava no meio do mato, perto do rio; o medo foi seu companheiro até chegar em casa, ofegante pelo susto. O pequeno cão peludo e luzente está presente na memória dele até hoje. Jamais encontrou alguma explicação pelo fato vivido.

Fonte: fichas preenchidas por Jair Dilceu Weich.

O barulho das correntes SANTO INÁCIO

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

O município de Santo Inácio fica no noroeste do Estado do Paraná. A região na margem esquerda do rio Paranapanema foi ocupada por diferentes sociedades. No século XVII, jesuítas espanhóis fundaram a Redução de Santo Inácio Mini, destruída por bandeirantes em 1628/29. No século XIX, padres capuchinhos criaram aldeamentos indígenas, que sobreviveram por alguns anos. A partir de 1924, ela foi colonizada por agricultores no bojo da frente pioneira do norte do Paraná. Essas várias ocupações legaram diferentes histórias na memória coletiva dos moradores.

Daí surgiu a lenda das correntes. Contam os mais antigos e, principalmente, os que moram perto das ruínas, que na época da redução um navio espanhol atracava e era amarrado por correntes, numa figueira que existe até hoje no local.

Dizem que esse navio afundou, devido ao massacre e destruição por parte dos bandeirantes, e que, às vezes, se ouve barulho de correntes batendo à beira do barranco e gritos agonizantes das pessoas que tiveram suas vidas ceifadas pela ganância dos bandeirantes.

Fonte: ficha preenchida por Eliane Policarpo Barretos.

As cruzes da ponte velha SÃO JOSÉ DOS PINHAIS

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Em 1930, na antiga estrada que ligava nossa cidade a Curitiba, uma mãe e sua filha, uma criança de cerca de um ano de idade, retornavam da capital quando logo após a ponte do rio Iguaçu, o cavalo, possivelmente assustado por uma cobra, disparou, causando acidente no qual morreram as duas ocupantes da charrete.

Pessoas bastante conhecidas na pequena comunidade de São José, as finadas receberam o pranto da cidade e a homenagem do marido e pai, que para assinalar o local da tragédia mandou ali erigir cruzes, como ainda hoje é costume. Entretanto, como forma de evidenciar a amplitude do desastre, do braço direito da cruz maior edificou-se uma menor, simbolizando portanto a mãe com a filha ao colo. A partir daí, o local tornou-se estéril ao ponto de não se ouvir sequer um passarinho, embora esses cantassem a poucos metros além. As árvores tornaram-se ressequidas e o lugar revestiu-se de um clima lúgubre, invocando luto e dor.

Não se sabe quem foi o passante que ouviu, primeiramente, os lamentos das mortas, mas a expressão de pavor com que chegou à cidade demonstrou desde logo que não se tratava de pilhéria. O lugar, triste durante o dia, tornava-se horripilante à noite,

pois os cavalos assustavam-se e seus condutores ouviam nitidamente o choro da mulher e da criança, seus gemidos de dor e a angústia que suplantava a morte.

Os sãojoseenses passaram a evitar a estrada à noite, os menos corajosos utilizavam um contorno de muitas horas pela estrada da Cachoeira, quando não conseguiam retornar à luz do dia; mesmo os mais bravos passavam com os cavalos à toda brida, não obstante o risco de acidentes. Conta-se que até os raros automóveis existentes na época apresentavam problemas ao passar por ali. Muitas foram as pessoas, todas de integral credibilidade, que chegaram a ver a mulher com a filha nos braços, envoltas, ambas, em fantasmagóricas brumas e chorando copiosamente.

A cidade, já naturalmente pequena, fechou-se por completo. Quando, após o cair da noite ouvia-se o tropel de cavalos vindos de Curitiba, automaticamente concluía tratar-se de forasteiros, que, desconhecendo o fato, chegavam esbaforidos e apavorados. Vários meses passaram em tal situação, até que um sãojoseense, ausente da região há muito tempo e portanto desconhecedor da crise, passou pelo local. Apenas havia cruzado a ponte, sentiu o cavalo tornar-se amedrontado e indócil, como que querendo retroceder; habituado ao animal, não compreendeu a atitude, até que viu, à esquerda da estrada e poucos metros à frente, o vulto fantasmagórico, que com a criança no colo vinha em sua direção. Certamente, foi o susto que o fez distrair-se da montaria, que num salto súbito jogou ao chão o cavaleiro e fugiu, a todo galope na direção de São José.

Ninguém soube ao certo, se foi por coragem que o homem dialogou com a morta, ou se foi o medo que, paralisando-lhe as pernas, impediu sua fuga. Mas o fato é que depois de meses de terror finalmente alguém aproximou-se dos fantasmas e indagou o motivo de suas penas, a razão de não se encontrarem no repouso eterno.

“Tirem a criança de meu braço, ela é muito pesada, já não suporto mais”. Foi a resposta do espírito. Nada mais disse, apenas continuou chorando e segurando a criança, que também chorava.

Dizem que aquela noite ninguém dormiu em São José dos Pinhais, a notícia trazida pelo passante espalhou-se como fogo na pólvora e os notáveis do lugar viram

o dia amanhecer na casa do viúvo, onde haviam ocorrido para a busca da realização do desejo da morta, cuja solução libertaria não somente os espíritos, mas também a cidade de sua sina.

O preguiçoso nevoeiro de inverno ainda não começava a levantar quando, trêmulos pela falta de sono, ou pelo justo receio, mais de vinte sãojoseenses, acompanhando o viúvo desceram da cidadezinha em direção ao Iguaçu. As mulheres rezavam o terço liberadas pelo vigário, os homens iam silenciosos, talvez pensando se lhes valeriam de alguma coisa as pistolas ocultas sob os paletós. A pequena multidão, rezando, postou-se em frente às cruzes, até que alguém, olhando-as, lembrou-se das palavras da finada e sugeriu que fossem desmanchadas, já que efetivamente eram a mãe com a criança ao colo e talvez essa fosse a causa do sofrimento. Após alguma discussão, finalmente resolveu-se pela retirada das cruzes, já que nada custava tentar.

Foi a solução. Segundo as testemunhas, um momento após o desmanche das cruzes, o lugar pareceu ganhar vida, todos sentiram uma leve brisa e os passarinhos, até então ausentes, encheram de sons o anteriormente lúgubre local. As cruzes foram posteriormente substituídas por uma minúscula capela e as madeiras que as confeccionaram atiradas ao rio. Após algumas semanas de desconfiança, finalmente concluíram os habitantes que a assombração havia desaparecido e a cidade voltou ao normal, embora todos apressassem o passo quando transitavam pelo local.

Algumas décadas mais tarde, com a construção da avenida Marechal Floriano, o local passou a chamar-se Ponte Velha e foi caindo em desuso, até que a própria ponte ruiu. Reparada anos depois, tornou a envelhecer e desapareceu. Hoje, não existe mais a estrada e o mato tomou conta de tudo, da ponte velha restaram apenas alguns vestígios de estacas cravadas no Iguaçu. Do episódio pouca gente se lembra, embora ninguém entenda porque aquela região tão antiga nunca foi convenientemente povoada.

Há, atualmente, pouquíssimas testemunhas da crise, além do velho rio e algumas das árvores antigas. Contudo, mesmo sem conhecer a história, há quem jure que em certas noites de lua pode-se ouvir por ali o riso inocente e alegre de uma criança, mas isso não sabemos se é verdade.

Fonte: CORTES NETO, Paulino Siqueira. Tertúlia & Causos Lendas Sãojoseenses; coleção Autores da Terra, v. 4, 1996.

Cruz do mudinho TELÊMACO BORBA

Quando esta cidade ainda era uma criança;
Criança com vontade de crescer
E as casas de madeira começavam a aparecer...

As ruas eram de terra batida, asfalto não havia;
Iluminação era fraca, nas ruas pouca gente saía.
Não havia violência como hoje em dia.

Um vivente aqui apareceu.
Ninguém soube de onde veio, nem quem era parente seu.
Esmolava nas ruas para se alimentar!
Dormia em qualquer lugar!
Era surdo-mudo, não podia falar.
Tinha dificuldade até para andar.

Onde hoje é a Concha Acústica e Rodoviária
Era terreno abandonado
Onde muito lixo até era depositado.

Naquele cruzamento
Certo dia, certo momento,
O mudinho que não escutava
Ali atravessava...

Lá de cima um caminhão sem freio, desgovernado;
Pegou o Mudinho deixando-o no meio da rua
Esmagado

Naquele local, foi fincada uma cruz e uma
minicapela.
Por muito tempo, muita gente, ali até hoje acende
vela

Coisa que aconteceu
E pode acontecer.
Coisa que quem viu
Não pode esquecer.

Fonte: narrada por Lourival Pedroso.
Ficha preenchida por Maria da Piedade da Almeida Solak.

Casa mal-assombrada TIBAGI

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Dizem que na fazenda Cambará muita assombração aparece. Que, à noite, arrastam-se correntes, batem-se janelas e ouvem-se ruídos estarrecedores. Quando eu era criança ficava tiritando de medo ao ver os mais antigos falarem da casa mal-assombrada. Sei que na outra fazenda ali por perto, quase entrando no município de Ventania, havia histórias de fantasmas.

Quando minha mãe era jovem, disse que vinha um homem loiro, alto e belo, oferecer uma panela de dinheiro. Nas fazendas Ipê, Guaricanga, e a do senhor Fernando Taques, muitas coisas estranhas acontecem.

No limiar das fronteiras de Tibagi, o mistério circunda e mete medo. A lenda das casas mal-assombradas já vêm de longe, acompanhada de anedotas de sinhozinhos e sinhazinhas que haviam por aqui.

Fonte: ficha preenchida Gilmar de Jesus Oliveira.

A lenda da curva da onça UBIRATÃ

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Em 1954, a sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná Ltda. - SINOP, iniciou a colonização desta região. A equipe de engenharia e topografia passava por inúmeras dificuldades, abrindo picadas na mata para chegarem ao local preestabelecido, que denominaram Sauju, ou seja, o espigão mais alto do contraforte da serra do Piquiri, hoje Ubiratã.

Inúmeros obstáculos e dificuldades foram encontrados. Com a ajuda de mais de duzentos homens contratados, construíram acampamentos e um campo de pouso em plena mata virgem.

Foi nesse contexto que surgiu em Ubiratã uma localidade na zona rural, mais especificamente na estrada Caviúna, denominada São Cristóvão. Conhecida popularmente como Curva da Onça, ela era o elo para as cidades de Cascavel, Foz do Iguaçu e a Região sul do país.

O nome se deu, porque diziam existir uma onça naquele local, dado o fato de que este animal tentou apanhar um cachorro dos funcionários do acampamento da SINOP. Os trabalhadores que estavam no acampamento contam que na cabeceira de um córrego, o cachorro, aos latidos, foi arrastado pela suposta onça, mas depois de muito custo conseguiu fugir e voltar ao acampamento, onde recebeu os devidos cuidados.

Logo após o ocorrido foram conferir as pegadas, que realmente pareciam ser de

onça. O acontecido foi comunicado ao escritório central da SINOP e técnicos foram até o local, pois os funcionários relutavam em continuar o trabalho de abertura da estrada, temendo novos ataques da onça misteriosa.

O fato é que a onça desapareceu, ninguém nunca mais a viu, mas a história ficou registrada na mente daquelas pessoas e foi contada de pai para filho, chegando até os nossos dias. Este local continua sendo chamado de Curva da Onça.

Fonte: ficha preenchida por Luzia Aparecida da Costa.

TESOUROS
escondidos

Padre João ANTONIO OLINTO

O Padre João Michalczuch, da Igreja ucraniana, tinha grandes atividades no município como médico, professor, lavrador, entre outras coisas. Ele obrigava os fiéis a colaborarem com três dias de serviço no plantio e na colheita, gratuitamente. Era muito famoso pelo seu atendimento como médico de crianças e idosos.

Relata-se que ele coletou entre os fiéis diamantes, pedras preciosas e ouro para a confecção do quadro, existente até hoje, da Nossa Senhora dos Corais. Contam que possuía muitas coisas valiosas, como objetos em ouro. Quando morreu, seus pertences de valor foram enterrados junto no caixão, guardado por uma cobra, que muitas pessoas dizem ter visto.

Fonte: SCHWARTZ, Maria Knapik. Causos, Fatos e Lendas, Antonio Olinto, Colégio Est. Duque de Caxias, 2002.
(relatado por Luiz Corrêa e Marlene Corrêa, escrito por Marlon Corrêa).

O achado

Certa noite de lua cheia, um homem chamado Sebastião Chaves saiu de sua residência para pegar água, era mais ou menos meia-noite. Aí começou a sair fumaça de um tronco. Ele começou a se apavorar, mas ficou por ali; de repente saiu uma mulher fumando cachimbo e falou:

– Tenho um Guardado para você.

Ele respondeu:

– O que você quer em troca?

Ela falou:

– Quero que mande rezar cem missas para mim, aí poderá pegar o seu Guardado.

Ele mandou rezar as missas. Numa outra noite de lua cheia, ele foi ver o seu Guardado. No local, começou a cavar onde a mulher aparecera. De repente, ouviu um barulho e olhou para trás, era um cavalo. Continuou a cavar e novamente ouviu o barulho, olhou era o cavalo que, em seguida, se transformou em mulher. Ela então perguntou ao Sebastião:

– Mandou rezar as missas para mim?

Ele respondeu:

– Sim, mandei como você me pediu.

A mulher disse:

– Pode pegar o seu Guardado.

Ele olhou no buraco que havia cavado e viu uma caveira, que era de seu tio.

Fonte: SCHWARTZ, Maria Knapik. Causos, Fatos e Lendas, Antonio Olinto, Colégio Est. Duque de Caxias, 2002.
(relatado por Sebastião Colaço Chaves, escrito por Jean Douglas Siqueira).

O pote de ouro

Aconteceu no dia 22 de dezembro de 1991. Essa história tem como personagens o senhor Casimiro e Joacir. Esses dois homens acreditavam que nas redondezas de um rio, que divide as localidades de Lagoa da Cruz e Arroio da Cruz, existiam coisas de valor, como moedas de ouro ou pedras preciosas.

No dia 22 de dezembro, os dois homens beberam um pouquinho a mais da conta e resolveram partir em busca do tesouro que acreditavam que existia. Levaram de casa algumas sacolas, ferramentas para cavar, um rosário e água benta. Chegando à beira do rio, começaram a cavar e, como estavam embriagados, encontraram coisas que afirmavam existir.

Contavam que tinham encontrado várias correntes e pedras de valor. Tudo o que eles tiravam, lavaram com água benta, antes de guardar na sacola. Em casa começaram a alardear, falando que eram ricos e não precisariam mais trabalhar. O povo, já atormentado com o discurso dos dois, abriu as sacolas para ver o que havia de tão valioso. Ao abrirem, encontraram pedras de cascalho e maços de capim. Os dois, sem saber o que falar e passando uma enorme vergonha em frente das pessoas, disseram que tudo aquilo era obra do demônio e que ao colocaram água benta nas pedras e correntes, esta as transformou em cascalho e capim.

Fonte: SCHWARTZ, Maria Knapik. Causos, Fatos e Lendas, Antonio Olinto, Colégio Est. Duque de Caxias, 2002.
(relatado por Adão Martins, escrito por Claudinéia de Lima).

O pote de ouro ARAPOTI

Segundo antigos moradores da Fábrica de Papel, há muito tempo atrás alguém enterrou um pote de ouro próximo ao rio do Chico. Dizem que algumas pessoas recebiam as visões do local através de sonhos. Segundo as revelações que lhes eram feitas, deveriam ir à noite para desenterrar a fortuna.

Porém, cada vez que alguém se aventurava a arriscar a sorte dirigindo-se ao local, aparecia um esqueleto falante ordenando que o levasse a determinado lugar, e, sem a permissão da pessoa, montava em suas costas afirmando que, se fizesse isso, dar-lhe-ia em troca o pote de ouro. Muitas pessoas que por ali passam, à meia-noite, afirmam ouvir gemidos e barulho de ossos estalando.

Os mais antigos dizem que são os ossos do esqueleto que fazem barulho e que os ruídos são os gemidos das pessoas, que querem se libertar do fardo macabro que têm

às costas. Ouvem-se, também, os gemidos desesperados pedindo socorro e os gritos de dor causados pelos ossos pontiagudos do esqueleto.

Fonte: Colégio Estadual Rui Barbosa, pesquisa dos alunos das terceiras séries do curso Educação Geral, disciplina Língua Portuguesa e Literatura, profª. Inez Hryniewcz, 1998.

Tesouro dos Carros BALSA NOVA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Na fazenda dos Carros, município de Balsa Nova, na parte que fica em baixo da serra havia uns pés de canela bem altos e diziam que lá havia dinheiro enterrado. Dizem que um tal de Avelino Louco foi lá procurar e apareceu um negrinho, que disse que se ele matasse o filho mais velho e levasse o corpo ele mostrava o enterro. Alguns dizem que ele chegou a levar o filho até a beira do capão, mas o piá desconfiou e fugiu; o homem ficou meio variado depois disso, e esta é a razão do seu apelido.

Com relação ao guardião do dinheiro dos Carros, contam que, quando o dono foi enterrar a panela, perguntou a um escravo se ele tomava conta do dinheiro e como o negro disse que sim, ele matou o homem e enterrou junto; o escravo é a visagem que cuida do tesouro enterrado

Fonte: VEIGA LOPES, José Carlos, Sapecada, 1972.

Lenda do caixão branco CAMPINA DO SIMÃO

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Conta-se que antigamente havia na região um senhor muito sovina. Ele economizava até na alimentação. Quando chegavam visitas em sua casa, recebia-as somente na varanda, não recolhendo-as ao interior da casa. Não desejava correr o risco de ter que alimentá-las, não oferecia nem mesmo o costumeiro chimarrão.

Quando chegava o horário das principais refeições chamava sua esposa para conversar com as visitas, ia até a cozinha para comer e voltava rapidamente para continuar a conversa. As pessoas mais idosas contam que o sovina enterrava todo o dinheiro que recebia dos pinheiros que comercializava.

Ocorre que após o seu falecimento passaram a acontecer coisas estranhas. Conta-se que se alguém passar depois da meia-noite em frente à casa onde ele morava, aparece um caixão branco, que voa em direção onde ele enterrou o dinheiro. Atualmente, as terras que lhe pertenciam foram compradas. O novo dono não faz outra coisa, a não ser procurar o dinheiro enterrado.

Fonte: ficha preenchida por Elena Maria Barbosa.

Lendas da Colônia Tereza Cristina

CÂNDIDO DE ABREU

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

A lenda mais conhecida do lugarejo é a da panela de ouro. Segundo contam, algumas pessoas sonham com falecidos da família que relatam onde está enterrada uma panela de ouro. A pessoa tem que procurá-la sozinha, sem poder contar a ninguém. Se a pessoa não for em busca do tesouro ela não

terá paz, os falecidos ficam aparecendo em sonho, não dando sossego à pessoa.

Quando a pessoa se recusar ir em busca da panela, pois sente medo; considera-se que isto não é "coisa de Deus" e ela deve passar a missão em sonho para outra.

Fonte: depoimento de Daiane Cristina Vorubi, Distrito Tereza Cristina.

Mais panelas de ouro

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Muitas pessoas da região contam que ainda existem sinais de buracos feitos por pessoas que cavaram para encontrar panelas com moedas de ouro.

Segundo uma lenda local, uma assombração aparece e diz para a pessoa que em tal lugar existe uma panela de ouro. Aí, então, a pessoa se prepara com velas e água benta para benzer o local, pois só assim pode cavar e tirar o ouro. Ela não pode, assim que encontrar o ouro, pegá-lo logo em seguida, porque ele pode desaparecer. Ou seja, a pessoa gasta tudo facilmente, perdendo logo toda a fortuna. Também dizem que o "bafo" do ouro faz mal e a pessoa pode ficar doente. Deve-se esperar e benzer o ouro com a água benta para que a pessoa não perca seu tesouro rapidamente.

Conta-se, ainda, que certa feita vieram algumas pessoas de Ponta Grossa para procurar uma panela. Quando a encontraram, o amigo com a intenção de roubar todo o ouro, mandou que o homem descesse no buraco para retirar o tesouro. Nesse momento, ele pegou uma marreta para matar o amigo. Em instantes, o dinheiro desapareceu e foi parar à beira do rio e eles não conseguiram mais encontrá-lo, pois o ouro não chega às mãos de pessoas mal intencionadas.

Fonte: fichas preenchidas por Maria Elena Prado dos Santos.

O fantasma do pirata do Bairro Mercês

CURITIBA

Atenção, pois vou contar para vocês...
A lenda do pirata do bairro das Mercês!
Em 1840, um misterioso inglês...
Soturno e nada cortês...

Veio morar num lugar,
De um jeito misterioso para danar,
Chamado Sítio do Mato, que é o atual Bairro das Mercês...
Que abrigou este foragido inglês!

O nome desta pessoa era Zulmiro...
Ele tinha perna de pau e dentes de vampiro!
Por isto, vivia se isolando de tanta gente...
Ele era uma criatura estranha simplesmente!

Este pirata fez maldade na Inglaterra...
E por isto, foi parar na nossa linda terra!
Ele foi um pirata violento...
Sem nenhum sentimento!

Porém, ele tinha um mapa do tesouro,
Que levava ao caminho do ouro!
Dizem que ele escondeu este tesouro de um jeito cortês
Bem num misterioso túnel subterrâneo do bairro das Mercês!

Falam que toda sexta-feira..

Em noite de lua cheia...

Na alta e calada madrugada...

O fantasma do pirata aparece do nada...

Com toda a insensatez...

Bem no bairro das Mercês.

Fonte: bocadoinferno.com/romepeige/lenda, enviado por Luciana do Rocio Mallon.

Marca dos três coqueiros FAXINAL

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Os antigos contam que debaixo da queda da cachoeira Chicão Três existe uma pequena caverna; dentro dela havia um caixão de ouro, amarrado por uma corrente. O local era mal assombrado e encantado para o céu; era protegido por seres encantados e ninguém conseguia se aproximar do tesouro. Para marcar o lugar exato onde foi escondido o tesouro foram plantados três coqueiros, que estão lá até hoje.

Fonte: ficha preenchida por Lourdes Soares Farias.

Serra do Caixão IPIRANGA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Anos atrás, um homem muito estranho e ambicioso resolveu conhecer a tão famosa Serra do Caixão. Diziam que lá havia um caixão com muitos utensílios como garfos, facas, jarros, cálices, todos de ouro. Ele levou ferramentas ao local e deu início ao plano de exploração. Nesse dia os moradores da região ouviram um ruído muito estranho, mas ninguém se arriscou a ver de onde ele vinha.

Depois de um tempo, acharam falta do senhor Urubu, assim chamado por usar somente roupas pretas. Como sabiam do tal plano de exploração dele para resgatar o caixão e, também, de uma história de que havia uma enorme fera na serra, à espreita, chegaram à conclusão de que ele fora atacado por ela. Por fim, consagrou sua alma a cuidar do ouro, juntamente com a fera que o matara, e sacrificaria quem quer que tentasse explorar a Serra do Caixão.

Fonte: relatada por moradores da Comunidade de Lustosa para Eliane Dalazoana C. Luz.

Ouro no Salto da Fogueira LIDIANÓPOLIS

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Os pescadores acreditam que existe ouro no Salto da Fogueira. É possível perceber um intenso brilho dourado nas águas do rio, quando este é banhado pelo sol. Dizem tratar-se de uma grande quantidade de ouro. Alguns moradores até mesmo se aventuraram a buscá-lo.

Fonte: ficha preenchida por Bruna Giseli Silva.

O caso da vela MORRETES

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

C Conta-nos o senhor Custódio Pereira Cunha, morador do Porto de Cima, que todas as noites aparecia na reta do Porto de Cima uma vela acesa e que ao aproximar-se alguém, apagava-se e aparecia mais adiante.

Seu Custódio diz que uma vez dois homens blasfemaram e tentaram apagá-la, com um guarda-chuva, que imediatamente se incendiou, tendo a vela perseguido-os até tombarem no chão desfalecidos. Segundo a lenda, era uma alma procurando seu dinheiro enterrado. Após algum tempo, a vela desapareceu, porque o tesouro foi encontrado por uma moradora que ficou rica.

O negrão do caixão

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

C Conta-se que na época da mineração no litoral do Paraná tinha-se o costume de matar um escravo e enterrá-lo junto a um baú de ouro, para marcar o local onde a riqueza foi escondida. Ocorre que em um desses assassinatos o baú não foi encontrado, forçando o escravo que o guardava a carregá-lo pela eternidade.

Esse escravo foi enterrado na região de Barreiros, município de Morretes, e até hoje busca alguém que lhe tire o fardo de carregar o caixão eternamente. Se você o encontrar faça a seguinte pergunta: "o que você tem aí nesse baú?" Ele responderá que tem ouro e que para tê-lo você deverá vencer um sacrifício. Se a pessoa conseguir cumprir o sacrifício, fica com o ouro, com um senão: se não gastar a fortuna até o final de sua vida, também ficará penando, como o "negrão do caixão".

Fonte: fichas preenchidas por Laurice Salomão De Bona.

A Lenda do pirata Zulmiro PARANAGUÁ

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

A incandescida imaginação do vulgo sempre inclinado ao maravilhoso, acolhe e acaricia sedutoras e extravagantes lendas, como essa do pirata Zulmiro, que chegou a convencer meio mundo da existência de tesouros que esse suposto ladrão do mar, após abandonar uma vida aventurosa e inçada de crimes, teria ido esconder num sítio dos arredores de Curitiba.

A esse misterioso personagem se prende a fama dos tesouros da ilha da Trindade, divulgada na década de 1920 por um farmacêutico paulista possuidor de velho documento com a indicação do lugar exato onde, no solitário rochedo, distando 300 léguas da costa do Espírito Santo, jaziam as fabulosas riquezas, produto das piratarias exercidas no Atlântico pelo famoso flibusteiro.

Zulmiro, segundo o dono do documento, seria nome de guerra, arranjado para ocultar a verdadeira personalidade de um Lorde, talvez filho segundo de alguma das grandes casas da Inglaterra, ingressado jovem na marinha do seu país e da qual desertou nos agitados dias do primeiro quartel do século retrasado, na Europa sacudida pelas guerras napoleônicas, para entregar-se às criminosas atividades do ofício de pirataria.

Até que um dia, capturado o seu navio por um vaso de guerra britânico, descobriu o comandante deste no capitão prisioneiro um antigo colega da Escola Naval, resolvendo, para não enforcá-lo, como mandavam as leis penais inglesas, desembarcá-lo na costa mais próxima (a Barra de Paranaguá), sob condição de se internar no continente e nunca mais aparecer. Deu-lhe três libras esterlinas e uma Bíblia, únicos haveres com que contou o infeliz para fazer vida nova no país, que então se ensaiava para a independência.

Seria nessa época que o estranho personagem, rumando ao planalto por julgar perigosa a permanência à beira-mar, foi assentar residência em Curitiba, de onde não mais saiu, falecendo em avançada idade, entre os anos de 1880 e 1882, conforme o

testemunho de coevos que nos afirmaram, em 1910, tê-lo conhecido numa chácara do Pilarzinho, originando-se deste fato a suspeita de estarem ali enterrados os supostos tesouros.

Provado que realmente existiu na Curitiba dos meados do último século um estrangeiro, cuja vida se cercava de grande mistério, e se este era o indivíduo egresso da marinha inglesa ao qual faz referência a narrativa do farmacêutico Barbosa, neto do funcionário imperial que residia no Paraná, do pirata recebera a confidência do seu passado e a Bíblia com os "croquis" da ilha da Trindade, assinalando o local do tesouro. Fica esclarecida a impossibilidade de existir este no Pilarzinho, pois o fato de haver Zulmiro aqui desembarcado apenas com as três libras da generosa dádiva do seu compatriota e antigo camarada, exclui toda a hipótese de subir ao planalto carregando as riquezas.

Na época era mui comum aportarem ao Brasil indivíduos fugidos ao ajuste de contas com a justiça do país natal e que para refazerem a vida no virgem ambiente americano, e esquecerem o tenebroso passado, tinham a cautela de não revelar a verdadeira identidade.

Saint-Hilaire, em 1820, visitando Paranaguá encontrou na ilha da Cotinga um alemão de avançada idade, ali estabelecido há muito tempo e "que havia sido muito atormentado por faltas contra a disciplina e os costumes", diz o notável botânico francês. Perguntou-lhe o que o fizera vir a um país tão afastado do seu. "Erros, extravagâncias", respondeu-lhe, lacônico, o exilado.

Como esse, outros muitos teriam acostado ao nosso país, e daí a possibilidade da vinda do enigmático inglês do Pilarzinho, cujo nome Zulmiro não seria por ele adotado, tratando-se de provável corruptela indígena de Saulmers (pronuncia-se Sulmir).

A dúvida, porém, ocorre quanto à qualidade de antigo pirata que se lhe atribui, bastando recorrer a argumentos cronológicos para provar o infundado de tal suposição: dado o falecimento de Zulmiro em 1882, aos 90 anos de idade prováveis, teria ele nascido em 1792 e supondo que com 20 anos, no mínimo, tenha desertado da frota de guerra inglesa, temos 1812 para início da sua carreira criminosa, mas numa época em que a

pirataria já estava praticamente abolida no Atlântico, permanecendo apenas no litoral dos Estados barbarescos ao norte da África, até que a conquista francesa a extinguiu de vez. O corso, forma legal de pirataria autorizada por governos em guerra para causar danos ao inimigo e o tráfico de escravos, esse sim estava em vigor.

As repúblicas americanas em luta pela independência, concediam cartas de corso aos que se propunham perseguir e saquear navios espanhóis. E a indústria do transporte de negros da África para venda no Brasil e nos Estados meridionais da América do Norte, se exercia franca e prosperamente, sem embargo da perseguição dos cruzeiros ingleses.

Fonte: texto de Jorge D. dos Santos, professor e historiador, FUMCUL.

Encantada

Quase todos, por certo, conhecem a gruta que existe na Ilha do Mel, no recanto denominado Encantada. Muitos namorados deixam seus nomes entrelaçados nas paredes interiores, que constantemente são visitadas pelo mar. (Essas visitas têm determinado a morte de muitos incautos). O povo da região conta que vive nessa gruta uma linda princesa encantada. E que esta, irada, pune com a morte os afoitos, invasores de seu pequeno reino.

Fonte: informada por José Carlos Veiga Lopes. Sobre a lenda das Encantadas ver o escrito de Serafim França, Aquela ilha, no livro Barra Velha; transcrito por Benedito Nicolau dos Santos Filho no livro Lendas e Tradições do Paraná.

A lagoa das visões PLANALTO

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

No interior do município de Planalto, uma lenda chama a atenção de todos os moradores, especialmente nas proximidades de São Vicente e Barra das Flores. A lenda da Lagoa das Visões, onde se acredita que exista muito ouro enterrado. A Lagoa mede aproximadamente 100 metros de largura, com comprimento ainda maior e mais de 5 metros de profundidade. Esta lenda perpassa os anos e até hoje não se sabe ao certo se há alguma coisa no funda da lagoa, ou não.

Conta-se uma história de que, inclusive, há um contrato de compra para tirar o que há dentro, porém até hoje nada foi encontrado, ou dela retirado. Algumas pessoas, no entanto, garantem que alguns indivíduos ficaram ricos com o ouro que dela foi retirado. A histórias são várias. Inúmeras tentativas de secar a lagoa foram realizadas, inclusive com o uso de máquinas, que trabalharam, ininterruptamente, por mais de 8 dias, mas sem nenhum sucesso. A lagoa chegou a ser drenada até que sobrasse somente um metro e meio de água. Segundo o proprietário já houve várias tentativas de esvaziá-la, mas a água escorre e o nível da lagoa continua o mesmo.

O segredo da lagoa nunca foi descoberto e as tentativas de esvaziá-la já atraíram centenas de pessoas, além de inúmeros curiosos que dormiram no local. Muitos deles contam que se ouvem crianças chorando e, em dia claro, chegaram a ver um objeto do outro lado da lagoa; quando, porém, pegaram uma canoa com cerca de seis metros de comprimento e um de largura para a travessia, o objeto some e aparece virando a canoa. Neste caso, perdeu-se a arma de fogo do proprietário.

Já foram utilizados aparelhos que acusaram a existência de alguma coisa no fundo da lagoa das visões, mas todas as tentativas de secá-la deram em nada, pois sempre volta a encher, como se a água brotasse do chão. Pescadores contam que à noite vêem

uns homens no meio da lagoa segurando uma corrente enorme. Mas, assim como essa imagem surge, ela desaparece. Os moradores mais antigos contam que toda madeira que cai na lagoa fica boiando e que ouvem, também, à noite, pessoas cantando em forma de procissão, começando no vale e terminando no centro da lagoa. Muitos acreditam que sejam padres jesuítas, que antigamente estiveram no local.

Fonte: ficha preenchida por Jair Dilceu Weich.

Tesouro do Capão da Onça PONTA GROSSA

Lá pelo mês de junho de 1932, o coronel Brasílio França procurou desvendar o que havia de realidade sobre o lendário tesouro do padre fantasma, segundo o Jornal Diário dos Campos.

O Capão da Onça é um local ao leste da cidade, rumo a Itaiacoca, onde está situada a fazenda do coronel João Carneiro Ribas, além do rio Verde, próximo às terras da fazenda Modelo. Do matagal insulado no meio da campina, como um oásis, onde, em remotas eras, foi caçada uma onça, adveio o nome para a região.

Sobre ele há narrativas fantásticas. Narrativas, onde, como sempre, aparecem lendas de tesouros enterrados, jesuítas e assombrações terríficas. Carroceiros e boiadeiros evitam fazer pousada nas proximidades, pois muitos outros que ali estavam descansando da jornada, foram bruscamente despertados com pedradas, toques lúgubres de sinos e gritos angustiosos. Outros juram, “de pés juntos”, que viram um padre macilento que desaparecia após fazer sinais.

Nas proximidades, há alguns anos atrás, o coronel Jordão Ribas da Silva possuía uma fazenda, nela habitava um polonês, ainda jovem. Certo dia, andando a reunir uma rês tresmalhada, este lavrador aproximou-se do local assombrado, viu um sacerdote que

o chamava. Aproximou-se respeitosamente do clérigo. E o polonês ouviu as seguintes palavras, ditas com doçura: “meu filho, tem um tesouro enterrado e te escolhi para o herdares. Acompanha-me”. Disse o fantasma. E tomando uma das mãos do lavrador, o padre fantasma conduziu-o a determinado local, dizendo que cavasse a terra e usasse, como bom cristão, do ouro que outrora os jesuítas ali depositaram. E desapareceu.

O polonês, radiante, correu à casa em busca de ferramentas, com as quais desenterraria do seio avaro da terra o ouro precioso, que lhe proporcionaria o conforto que até ali o destino lhe sonegara. Num instante, voltou o polonês com uma pá nas mãos e mil sonhos ensandecidos na cabeça. O ouro! Era o destino, personagem sempre perverso, mas poderoso, que até os deuses governava, que lhe negara uma vida melhor. Mas, Deus, por intermédio de seu sacerdote finado, o presenteava com o ouro. E quantas coisas ele faria. Seria como o bom padre, um bom cristão. E assim, chegou ao local designado pela aparição, titubeando. Mas hesitou. Seria ali?

Tomara boa nota dos indícios? Mas, agora duvidava! No entanto, pôs mão à obra. Cavou, cavou, sem que o loiro e vil metal surgisse encoberto com carvões, como reza a tradição. Fez novas e incessantes escavações. Tudo inútil! Entretanto, ele, em pleno dia e são de espírito, tinha perfeita consciência de todas as minúcias da estranha aparição do padre e de suas palavras. E profundamente abalado, perdeu o senso de humor e o juízo! Várias outras pessoas têm, em diferentes épocas, procurado o tesouro do Capão da Onça.

Atraído pela lenda, por fatos ou previsões mais ou menos justificáveis, o coronel Basílio França, honrado e conceituado comerciante de nossa cidade, tem explorando o capão da onça, procurando o legendário tesouro dos jesuítas.

O Capão da Onça é um dos locais mais procurados pela população, por ser mais próximo da cidade. Devido ao grande fluxo de visitantes, ocorre a degradação do meio ambiente, como o desaparecimento da vegetação e dos animais, principalmente dos pássaros.

Capão do Padre Miguel

A história conta que os padres enterravam o tesouro constituído de uma panela de bom tamanho, dentro do capão que ficou chamado "Capão do Padre Miguel". Toda sexta-feira de lua cheia, percorria as margens do capão o padre Miguel na sua batina preta, deixando a marca de sua sandália de couro cru. Muitas pessoas tiveram a oportunidade de vê-lo até encontrarem o tesouro.

Fonte: fichas preenchidas por Isolde Maria Waldmann.

A panela de ouro SANTO ANTÔNIO DA PLATINA

Nesse tempo João ficava com a viola tocando e cantando. A mulher sempre falava:

– Vem trabalhar!

Ele respondia:

– Ah! Não me importo!

Ela ia sempre na mina buscar água e passava por uma touceira de bananeiras, onde havia uma panela cheia de marimbondos que quando a viam se alvoroçavam.

– João! o homem vai tirar a gente daqui. Vamos ficar sem casa e sem trabalho!

E ele respondia:

– Ah, que importa!

A cada resposta desta, a mulher pensava:

– Ah, você me paga!

Um dia a mulher perdeu a paciência, foi ao bananal, pegou um pano e fez uma rodilha sobre a cabeça, pôs a panela de marimbondos e correu para casa, jogando a panela

sobre seu marido. Ela saiu correndo e o marido que vinha atrás, gritava:

– Volta, Maria, venha ver!

Quando a alcançou, trouxe-a pra casa, mostrando que os marimbondos haviam se transformado em ouro.

– Não falei que não carecia de se importar. A fortuna caiu aqui, bem em cima de mim!

Fonte: Pioneiros e Desbravadores de Santo Antônio da Platina.
Ficha preenchida por Ivone Mendes de Souza Tanko.

O drama da Fazenda Fortaleza TIBAGI

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

P

Prestem muita atenção no que agora vou contar
Na Fazenda Fortaleza tem história de arrepiar
Uma escrava coitadinha que era alegre e bonitinha
Teve os dentes arrancados pela mulher do Tenente
Que pegou o alicate e sem ter pingo de dó
Deixou a pobre menina desdentada a chorar
Logo os dentes arrancados ela entregou de presente

II

E as histórias da fazenda não param por aí
Conta-se que José Felix tinha grande fortuna
Ela estava escondida em algum canto da fazenda
E até hoje se procura esconderijo da fortuna
Os escravos que sabiam não voltaram pra contar
Pois o tal do José Felix tratou de os matar
E hoje muitos que almejam a fortuna desfrutar
Fazem consultas do além para os dobrões encontrar

III

Mais de cem anos passados da morte de José Felix
Um médium invoca o espírito do rico senhor
Mas o morto reclamava que abusavam dele
E gritava "afinal quem manda aqui?"
Falando de sua vida, suas lutas e chorou
E em meio da emoção esta frase ele soltou
"Aqui vi dias felizes e aqui cheguei a chorar
Vocês estão todos loucos isto aqui não vale nada"

IV

Para terminar a história meu amigo não se iluda
Essa busca é inútil nem do amém se descobriu
O esconderijo da fortuna continua um mistério
Viva sua vida em paz e não mais corra atrás
Pois o ouro enterrado do senhor da Fortaleza
É um tesouro maldito quanto escravo ele matou
O que vale nesta vida é em Tibagi viver em paz
Da Fazenda Fortaleza a fortuna não quero mais.

Fonte: ficha preenchida por Iara Ribas Mothes.

O tesouro da caverna VIRMOND

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Conta-se que numa caverna, embaixo de uma linda cachoeira do rio Cavernoso, havia um enorme caixão, amarrado com fortes correntes. Quem quer que fosse pescar próximo deste lugar ouvia barulho de correntes se arrastando; os que se aproximavam da caverna viam uma linda mulher, que fazia guarda do caixão.

Acreditavam que no caixão deveria existir um grande tesouro, mas nunca ninguém teve coragem para tentar abri-lo. Mais tarde a queda d'água foi submersa pelo alagamento da usina de Salto Santiago.

Fonte: ficha preenchida por Geraldo Zapahowski.

Origem e
nomes
de localidades e cidades

Origem do nome da cidade CASCAVEL

Conta a lenda que o nome Cascavel surgiu por causa de um grupo de colonos. Estes, ao pernoitarem na região, foram acordados pelo ruído de um ninho de cobras cascavéis. Assustados, os colonos levantaram acampamento na mesma hora. A notícia se espalhou e o local ficou conhecido como “de cascavéis”, ou “cascavel”, simplesmente.

Apesar de popularizado, o nome chegou a ser modificado, por influência do clero, dada o simbolismo da cobra na bíblia. O esforço foi inútil, pois Joaquim Silveira de Oliveira, conhecido como Nhã Jeca, um dos pioneiros, não aceitou na época esta interferência vinda do clero de Foz do Iguaçu, já sonhando com a emancipação de Cascavel.

Fonte: ficha preenchida por Antonio Marcos Ferreira.

Origem do nome da cidade CORONEL VIVIDA

A princípio, o nome do município era para ser Pouso Alegre. Mas o nome de Coronel Vivida deu-se em razão do apelido de uma ilustre personalidade do município de Palmas, chamado Coronel Firmino Teixeira Batista.

O Coronel Firmino era chamado de “Coronel Vivida”, pois conta a história que sempre fazia uso da expressão “que vida!” No entanto, o coronel era gago, de modo que toda vez que ia pronunciar a expressão “que vida!”, acabava falando “que vivida!”

Origem do nome da novela Cavalo de Aço

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Em razão da grilagem de pinheiros, que existiam em grande quantidade na região, mais propriamente em Coronel Vivida. Os grileiros se referiam às motoserras usadas no corte dos pinheiros como "cavalo de aço".

O tema central na trama da novela Cavalo de Aço, produzida e exibida pela TV Globo, foi dos grileiros derrubando as matas de pinheiros, com cenas gravadas no município. A tomada dos primeiros capítulos foram feitas na Mata de Pinheiros que ficava no terreno da família Schiavini.

O nome de Coronel Vivida foi citado no início da novela, como o local da trama; mas depois eles passaram a chamar de Coronel Viveiros e finalizaram as gravações da novela na região de São Paulo e Rio de Janeiro. Só que nesses locais eles derrubavam nas cenas matas de eucaliptos.

Lenda do Miserável CRUZEIRO DO IGUAÇU

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

A ocupação efetiva da região do sudoeste, que fez parte do Território do Iguaçu, e está dentro da faixa de fronteira, começou com os primeiros posseiros na década de 1930. Em 1936, chega à região do sudoeste a família de Atanásio da Cruz Pires, proveniente do sul, fixando residência às margens dos rios Iguaçu e Chopim, hoje Foz do Chopim, município de Cruzeiro do Iguaçu.

Para o sustento da família, Atanásio utilizava-se do que a natureza oferecia em abundância, numa região coberta de mata nativa: a caça e a pesca. O couro dos animais era comercializado e a carne que não era consumida, jogada fora. Com isso, Atanásio ia conhecendo o território e a ele atribuindo suas nomeações históricas, hoje lendárias.

Numa época de muita chuva, Atanásio, acompanhado por seus filhos, seguia pela costa do rio Chopim, até a barra do Divisor, atual Rio Cruzeiro. Naquele local permaneceram por vários dias acampados sem pegar caça e pesca alguma. A chuva era torrencial e constante. Acabando o estoque de alimento e a fome aumentando, Atanásio acabou matando uma das suas cachorras de caça para se alimentar.

Nessa passagem, o velho disse aos seus filhos:

– Esse local é tão miserável que nem caça e pesca dá! A partir de hoje, matamos somente a caça que podemos comer"

Seu Atanásio considerou esse episódio um castigo, pois num dado momento haviam matado doze antas e jogado a carne ao rio. Em razão desses acontecimentos o local passou a dominar-se rio Miserável; mais tarde, deu a origem ao "Povoado Miserável", hoje Cruzeiro do Iguaçu.

Fonte: ficha preenchida por Marcos Geraldo Wileck.

Origem do nome da cidade

DOIS VIZINHOS

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Existem duas versões, na primeira delas se relata que os primeiros habitantes eram apenas dois moradores, que tinham suas casas próximas ao rio; estando elas localizadas uma em cada margem.

Por causa disso, passaram a chamar o local, tendo isso como referência. Dizia-se "...vamos nos encontrar lá onde tem dois moradores à beira do rio...". Que então

passaram a chamar o rio de rio Dois Vizinhos e com o povoamento, conseqüentemente, passou a denominar-se Dois Vizinhos.

A segunda versão diz que o nome de Dois Vizinhos se originou porque neste local havia dois rios, que se encontravam formando um só. Os caçadores que faziam o uso da canoa para seus transportes, sempre combinavam: "...vamos nos encontrar lá onde os rios se encontram... o rio Dois Vizinhos...". E marcavam entre si seus encontros, exatamente onde ocorria a bifurcação dos rios. Então pernoitavam e planejavam suas caçadas.

Como conseqüência disso, o rio foi denominado Dois Vizinhos e, posteriormente, com o desenvolvimento do local e com a vinda de outros moradores o pequeno povoado passou a denominar-se Dois Vizinhos.

Fonte: ficha preenchida por Eneloi Terezinha Pijack.

O Passo do Inferno GENERAL CARNEIRO

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Este relato nos faz voltar em meados do ano de 1890, entre as localidades do Iratim e Marco Quatro, hoje denominada Estrada Velha. Naquela época essa região era o corredor de passagem dos tropeiros. Neste local havia um riacho pequeno, chamado na época de Passo por possibilitar a travessia dos animais.

O local, porém, transformava-se num grande atoleiro durante a passagem das tropas. Como conseqüência, os tropeiros sofriam um enorme desgaste físico na tentativa de salvar os animais, que acabavam encalhando. Muitas vezes, os tropeiros não tinham sucesso na travessia de todos os animais, por este motivo deram o nome ao local de Passo do Inferno.

Conta-se que um fazendeiro, neste mesmo ano, ao retornar de São Paulo, após

efetuar a venda da sua boiada, trazia sobre o lombo dos animais uma considerável quantia de moedas de ouro e prata, avolumadas em bruacas. Nas proximidades do Passo do Inferno teve a impressão de estar sendo seguido por homens estranhos. Com medo de um assalto, resolveu pernoitar nos arredores. Antes, no entanto, enterrou o tesouro no mato. Ele, como temia, foi assaltado. Por não portar nenhum valor em moedas foi morto pelos malfeitores.

Após esse acontecimento, cidadãos que por ali passavam avistavam vultos estranhos. Muitos tentaram encontrar o dinheiro enterrado pelo fazendeiro, porém nunca se ouviu falar que alguém tenha encontrado alguma coisa. Mas, as bruacas com as moedas de ouro e prata continuam enterradas lá. No Passo do Inferno.

Fonte: ficha preenchida por Gizéli Portela Lammel.

A lenda de Jandaia JANDAIA DO SUL

Há muitos anos vagava entre os pinheirais uma esbelta menina de olhos da cor de pinhão e seus cabelos esvoaçavam, como fios dourados em espigas de milho. Nunca se soube de onde ela veio, apenas que seu pai era um bravo cacique, que deveria habitar a imensidão da terra roxa, colher frutos silvestres e beber dos mananciais cristalinos.

Mas, ansiosa, aguardava o dia em que haveria de surgir um companheiro, que seria destro na caça e forte na guerra. Já lhe dissera Tupã, quando ela se banhara numa cascata, mirando-se nas águas: “Jandaia haverá de receber, em breve, aquele que te revelará os arcanos do amor, foste talhada para os seus braços e só a ele servirás. Tu o verás presente entre os esplendores do sol e o vigor dos arbustos”.

Em todas as manhãs, muito antes da alva, Jandaia subia no cimo da colina

perscrutando os pinheiros frondosos e aguardando o romper do sol, que também viria fixar-lhe o bronze de sua pele. Numa radiosa manhã, quando Jandaia inebriava-se de luz, eis que se aproxima um cervo com uma flecha cravada, tombando a seus pés. Surge, em seguida, um caçador, jovem e forte. Ele se deslumbra, ante aquela princesa selvagem.

Jandaia acaricia o cervo, depois dirige seu olhar para o moço guerreiro e acena-lhe para que se aproxime. Ele deixa o arco e as flechas e acolhe-a nos braços. Em frêmitos a mata regozija-se. Jandaia cinge-o em seus braços; sendo observada pelo sol. Este, enciumado, aquece os lábios rubros de Jandaia, a enfeitiça e seduz, agora mais que em todas as outras manhãs. Enciumado, arrebata-a para si. Ela, então, sente que ama o sol e deve-lhe sua existência.

Tupã, tomado de uma grande ira, vendo que Jandaia pertencia ao sol e não ao guerreiro que enviara, transformou-a numa cidade. Para que todos pisassem sobre ela e cobrissem de asfalto seus braços bronzeados.

O sol, condoído, surge todos os dias, com o mesmo calor de outrora, espargindo-se sobre a cidade e, como se não bastasse, ordena ao Cruzeiro do Sul, à noite, para que a vigie. Por isso, Jandaia recebeu mais um nome. Devendo sempre chamar-se Jandaia do Sul.

Fonte: ficha preenchida por Milton de Martini Lopes Villar

Lenda do Rio Ivaí LIDIANOPÓLIS

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Explica o motivo pelo qual o rio é tão torto, possuindo tantas curvas, inclusive, com formato de uma ferradura. Contam os moradores locais que certa vez um ser divino pediu à uma mulher que ela seguisse em frente, pela margem do rio Ivaí, sem olhar para trás. Esta, por sua vez, não cumpriu o combinado e a curva do rio representa, então, uma "olhadinha" da mulher.

Fonte: ficha preenchida por Bruna Giseli Silva.

Maria do Ingá MARINGÁ

Esta personagem fictícia é o tema da canção "Maringá", feita por Joubert de Carvalho em 1932. Trata-se de uma cabocla retirante do nordeste, que deixou um rapaz saudoso e ansioso por seu retorno.

Fonte: ficha preenchida João Laércio Lopes Leal.

Origem do nome da cidade PAIÇANDU

Paiçandu tem origem tupi-guarani, cujo significado é "I-páu-zan-du". Ilha do padre ou Ilha do pai. Os primeiros habitantes foram índios e caboclos e aqui havia um famoso curandeiro, com o nome "Çandu"; ele era muito respeitado e realizava curas extraordinárias. Diz a lenda que atraía pessoas de Maringá e arredores. Em geral, os curandeiros eram chamados de "pa'í", de onde se originou a denominação Pa'í "Çandu".

Paiçandu (outra versão)

Uma versão dá conta de que Paiçandu é topônimo de uma cidade uruguaia, sendo nome de uma fortaleza onde se travou importante batalha na Guerra do Uruguai. Na época, comandavam o corpo de ataque do Brasil, naquele setor, o Almirante Tamandaré e o Marechal Procópio

Menna Barreto, que forçaram a rendição uruguaia, no dia 2 de janeiro de 1865; batalha decisiva no panorama político-continental daquele período. Deu-se, assim, a denominação ao município em homenagem ao histórico episódio.

Fonte: fichas preenchidas por Gláucia M. Koehler.

Surgimento de Palmeira PALMEIRA

Conta uma lenda indígena, que certa vez um forte e destemido índio do planalto, filho do cacique, pediu ao pai para conhecer o mar. Ao conhecer os carijós, no litoral, apaixonou-se por uma indiazinha, estes estavam para casar. Quando retornou para pedir a benção do pai, este não concordou com a união e invocou o espírito do mal, a fim de petrificá-los.

Os carijós, tristes pela perda de sua irmã, recorrem a Tupã, mas este, não podendo tirar esse encantamento, apenas atenuou o mal, transformando-os em duas bonitas e simbólicas árvores. Ao belo índio deu a forma do pinheiro e à indiazinha, uma esbelta e graciosa palmeira. E quando o vento sopra, leva os suspiros do elegante pinheiro à sua bem amada e os dela ao seu amor.

Correram os anos. Um dia, por vontade de Tupã, um velho fazendeiro vai até o litoral e leva sementes da bela palmeira, mais alguns anos e a fazenda Palmeira se tornou a mais linda dos Campos Gerais. Fiel à tradição, doou o velho fazendeiro, no rincão dos buracos, meia légua de campos à Nossa Senhora da Conceição. Surgiu, então, a primeira capela. Envolto em brumas, fica, porém, um fio de verdade dessa lenda selvagem das araucárias: o elo da amizade que ora une Paranaguá a Palmeira.

Fonte: ficha preenchida por Vera Lúcia Mayer.

Lenda das pombinhas PONTA GROSSA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Conta-se que os antigos fazendeiros se reuniram para escolher a sede da povoação, onde ergueriam a Capela de Sant'ana. Como não se decidiam sobre o local, resolveram soltar dois pombos brancos, e onde eles pousassem, ali se iniciaria a vila. Depois de muito acompanharem as aves, elas, finalmente, desceram, determinando o local onde até hoje está a catedral.

Lenda de Vila Velha

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Numa das versões lendárias sobre Vila Velha, ela era chamada Itacueretaba, aldeia de pedra velha. Itacueretaba era uma aldeia próspera, que continha um tesouro guardado por uma tribo de homens que eram proibidos de viverem com mulheres. A desobediência de um deles, fez o criador transformar a aldeia em pedra e o tesouro na lagoa dourada como punição pela falta.

Fonte: fichas preenchidas por Luis Marcelo Santos.

Lenda do Rio Ivaí RIO BRANCO DO IVAÍ

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Uma linda índia, aparecida aos canoeiros que subiam e desciam o rio, levava-os aos lugares com mais pedras e dizia a eles: vai por aí. E os canoeiros iam por lugares que a índia indicava e ficavam envolvidos nas pedras sem poder sair.

Os canoeiros, amedrontados, iam contar o ocorrido e juntavam as palavras para pronunciar, dizendo Ivaí, que significa: índia-vai-aí; por todo o percurso do rio. Ficando Ivaí, no início da colonização.

A lenda do Rio Branco

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

No início da colonização, um dos jesuítas que veio para a catequização dos índios que viviam nessas plagas, trouxe consigo um enorme pote de ouro. Não tendo onde guardá-lo, enterrou à beira do rio. Perto havia uma vaca pastando, era branca como a neve.

O sol esquentou e a vaca sumiu do lugar sem que o jesuíta a visse mais. Quando lhe perguntavam sobre o ouro, ele dizia:

– O pote é da vaca branca. Mas a verdade é que ele não sabia mais, onde foi que enterrara o pote de ouro. A única marca que ele se lembrava era a vaca branca. Por isso, deu o nome ao rio de rio Branco. Porque ele sabia que era à beira do rio, em algum lugar, que deixara o pote de ouro.

A lenda do Véu da Noiva

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

Uma moça, filha de um fazendeiro que morava perto de um rio, onde havia uma linda cachoeira, gostava de um dos seus empregados e dizia que queria casar com ele. Usaria no seu casamento um véu bem comprido e largo. Seu pai, que era um homem ambicioso, a deu em casamento para um homem rico e desconhecido, que ela não conhecia.

Ela, vendo que a data se aproximava e não conseguia de jeito nenhum terminar aquele noivado indesejável, foi à cachoeira, escorregou lentamente no lugar mais perigoso das pedras. Os seus longos cabelos, levados pelas águas, se abriram enroscando-se nas raízes e pedras e ela morreu. Quando acharam o corpo, chamaram aquele lugar de Véu da Noiva.

Fonte: fichas preenchidas por Aldenir Nunes Betim.

Origem do nome da cidade

SÃO MIGUEL DO IGUAÇU

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

A região era habitada por povos hostis, que saqueavam e roubavam das famílias que aqui se fixavam. Numa noite de lua cheia, enquanto uma família dava graças pelas ótimas colheitas, fruto do trabalho, os saqueadores apareceram, levando tudo o que encontraram.

Um cavaleiro chamado, que por ali passava, montando um cavalo branco, sacou seu facão e afugentou o bando. A família correu para agradecer a ajuda, mas não encontrou mais

o cavaleiro, só viu o brilho de seu cavalo por entre as árvores da floresta, dirigindo-se ao rio Iguaçu. Alguns o idolatram como santo e acreditam ter vindo desta lenda o nome São Miguel do Iguaçu.

Fonte: ficha preenchida por Jane Zulian.

Origem do nome da cidade SÃO TOMÉ

A origem do nome, segundo narra a antiga história, deve-se ao caminho de Peabiru, ou caminho do Sol. Conhecido, também, como caminho de São Tomé, por onde passaram jesuítas e bandeirantes. O caminho se estendia da costa de São Vicente, passava o rio Tibagi e o rio Piquiri, era uma trilha indígena que vinha do Atlântico para as demais regiões do Ocidente.

A origem do nome São Tomé vem em razão dos pioneiros confundirem o nome de Pai Sumé ou Zumé, denominação genérica dada pelos índios tupis aos seus maiores civilizadores místicos, como São Tomé, um bem aventurado da Igreja Católica.

No final do caminho de São Tomé surgiu um povoado e para que a tradição da lenda tupi permanecesse na mente e no coração dos atuais povoadores, fizeram por bem colocar o nome de São Tomé neste povoado.

Fonte: ficha preenchida por Márcia Manzotti.

Lenda de Tapejara TAPEJARA

q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q q

No norte do Paraná habitava uma tribo. Ubirajara era o cacique. Um certo dia, Ubirajara pescava nas margens do rio e viu um branco navegando. Chamou a sua tribo e o prenderam. Na tribo havia uma índia bonita que se chamava Tapejara, era noiva do cacique, mas não era de sua vontade. Com o passar dos dias, ela começou a gostar do prisioneiro, ele também correspondia ao seu amor. O cacique descobriu e mandou-a para fora da tribo e matou o prisioneiro. Mas apesar de tudo, ele amava a índia. Colocou-a em uma linda floresta, lá havia lindos frutos dos quais ela se alimentava e havia uma fonte onde ela bebia água.

Ao correr dos anos, começaram a chegar os pioneiros e se o cacique não desse permissão para os brancos entrarem nas terras, haveria luta. Mas logo a índia entrou em contato com sua tribo, pois ela sabia que o cacique ainda a amava. Então logo propôs para o cacique:

– Eu caso com você, e você deixa os brancos habitarem essa terra.

Assim, o cacique aceitou. Os brancos começaram a derrubar a floresta e formar uma cidade. Quando foram derrubar a floresta em que Tapejara tinha morado vários anos, os índios pediram para não derrubá-la, pois os brancos deviam um favor a ela e atenderam o pedido.

Chegou a hora de colocar o nome na cidade, puseram-lhe o nome de Tapejara, em homenagem à índia. Passaram-se anos e atualmente é a Tapejara que nós conhecemos. A floresta que a índia pediu para não ser derrubada é atualmente o bosque da cidade, onde nasce uma fonte cristalina, que hoje abastece a cidade.

Fonte: ficha preenchida por Andréa Tominaga.

Lista de Municípios que enviaram Lendas e Contos

1. Abatiá
2. Agudos do Sul
3. Almirante Tamandaré
4. Altamira
5. Antonina
6. Antonio Olinto
7. Arapongas
8. Arapoti
9. Araucária
10. Balsa Nova
11. Boa Esperança
12. Bom Sucesso
13. Califórnia
14. Campina do Simão
15. Campo do Tenente
16. Campo Largo
17. Campo Magro
18. Campo Mourão
19. Cândido de Abreu
20. Capanema
21. Carambeí
22. Cascavel
23. Cerro Azul
24. Clevelândia
25. Colombo
26. Congonhinhas
27. Corbélia
28. Coronel Vivida
29. Cruzeiro do Iguaçu
30. Cruzeiro do Sul
31. Curitiba
32. Dois Vizinhos
33. Esperança Nova
34. Faxinal
35. Foz do Iguaçu
36. Francisco Beltrão
37. General Carneiro
38. Goioxim
39. Guaratuba
40. Ibaiti
41. Ipiranga
42. Irati
43. Itaipulândia
44. Ivaté
45. Ivatuba
46. Jaguariaiva
47. Jandaia do Sul
48. Lapa
49. Lidianópolis
50. Londrina
51. Luiziana
52. Mallet
53. Mamborê
54. Mangueirinha
55. Marilândia do Sul
56. Maringá
57. Matinhos
58. Missal
59. Morretes
60. Nova Cantu
61. Nova Londrina
62. Paiçandu
63. Palmas
64. Palmeira
65. Palmital
66. Paranaguá
67. Pinhal de São Bento
68. Pitanga
69. Piraí do Sul
70. Planalto
71. Ponta Grossa
72. Pontal do Paraná
73. Prudentópolis
74. Quitandinha
75. Rio Azul
76. Rio Branco do Ivaí
77. Santo Antônio da Platina
78. Santo Antônio do Sudoeste
79. Santo Inácio
80. São Jerônimo da Serra
81. São João do Triunfo
82. São José dos Pinhais
83. São Mateus do Sul
84. São Miguel do Iguaçu
85. São Sebastião da Amoreira
86. São Tomé
87. Siqueira Campos
88. Tapejara
89. Telêmaco Borba
90. Tibagi
91. Tomazina
92. Tunas do Paraná
93. Turvo
94. Ubiratã
95. União Da Vitória
96. Verê
97. Virmond